

UNIVERSIDADE
AUTÓNOMA
DE LISBOA



DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ARTES E HUMANIDADES

MESTRADO EM HISTÓRIA, ARQUEOLOGIA E PATRIMÓNIO

De Redinha a Pombal (1508): a Terra e os Homens.

Estudo de Antroponímia e de Toponímia

Dissertação para obtenção do grau de Mestre em História, Arqueologia e Património

Autor: Paulo Alexandre Cabaço Mendes

Orientadora: Professora Doutora Maria Isabel Miguéns de Carvalho Homem

Aluno nº 20150614

Julho de 2018

Lisboa

Dedicatória

(...) e nós acreditámos no amor (...)

(1ª *Carta de São João*, Cap. 4, v. 16)

À memória de CHIARA LUBICH

Agradecimentos

Dirigimos a nossa primeira palavra de profunda gratidão à Senhora Professora Doutora Maria Isabel Miguéns de Carvalho Homem, nossa Orientadora, pela amizade e atenção que permanentemente nos dedicou e cuja palavra amiga sempre nos incentivou a perseverar nos nossos esforços ao longo da nossa jornada.

Não esquecemos cada um dos Senhores Professores do Departamento de História, Artes e Humanidades, quer da Licenciatura, quer do Mestrado, pelo papel insubstituível que desempenharam no nosso percurso formativo até este momento.

De igual modo, queremos também agradecer a cada um dos nossos colegas de ambos os ciclos de estudos, companheiros de viagem cuja amizade se tornou auxiliar importante no caminho realizado.

Naturalmente, devemos uma palavra de gratidão aos nossos familiares e amigos, de modo especial, ao nosso cunhado Óscar Rodrigues, recentemente desaparecido e que, de forma recorrente, nos dispensou palavras de apoio que o tempo não apaga.

Nesta hora também não queremos esquecer tantos amigos do Movimento dos Focolares, cuja presença se manifestou das mais diversas formas e veio a tornar-se verdadeiro pilar de confiança para alcançar os objectivos pretendidos.

É também devida uma palavra de gratidão às colaboradoras da delegação da Biblioteca Municipal de Sintra sediada na Tapada das Mercês, cuja permanente solicitude e simpatia não deve passar sem nota de relevo, bem como ao Licínio Santos, colega de profissão que nos prestou apoio decisivo em aspectos ligados à informática.

A última palavra é dirigida à Ludovina, companheira de todas as horas, a quem devemos o passo inicial neste percurso e para cujo apoio e incentivo lhe devemos as palavras de agradecimento que não encontramos, mas que lhe são devidas.

A todos vós, obrigado!

O Autor não segue as normas do “acordo ortográfico” de 1990.

Resumo

O presente trabalho foca os aspectos ligados à antroponímia e à toponímia das regiões de Redinha e Pombal nos inícios do século XVI. Para a concretização desse objectivo, recorreremos aos tombos das respectivas comendas, realizados na sequência das visitas da Ordem de Cristo, redigidos em 1508 e publicados sob o título *Tombos da Ordem de Cristo: Comendas do Vale do Mondego (1508)*.

Procuraremos confrontar a multiplicidade e diversidade de elementos antroponímicos que esperamos recolher – estrutura onomástica, relações sociais e familiares, actividades económicas, profissões, origem geográfica, étnica e religiosa, entre outras –, para estabelecer tanto quanto possível a caracterização histórica e social da sociedade coeva naquelas vilas. De igual modo, nos ocupámos de aspectos peculiares da toponímia da região, alguns dos quais se perderam ou foram alterados no decurso dos séculos.

Palavras-chave: Redinha; Pombal; Toponímia; Antroponímia; Ordem de Cristo.

Abstract

The present work focuses on the aspects related to the anthroponymy and toponymy of the Redinha and Pombal regions in the early sixteenth century. In order to achieve this goal, we turned to the collections of documents gathered within the visitations of the Order of Christ which took place in 1508, recently published under the title *Tombos da Ordem de Cristo: Comendas do Vale do Mondego (1508)*. We will try to confront the multiplicity and diversity of elements we hope to collect – onomastic structure, family and social relations, economic activities, professions, geographical, ethnic and religious origin, among others – to establish as much as possible the historical and social character of society in these villages at those times. We have also dealt with aspects peculiar to the toponymy of the region, some of which were lost or altered over the centuries.

Keywords: Redinha; Pombal; Toponymy; Anthroponymy; Order of Christ.

Índice

Dedicatória.....	1
Agradecimentos	2
Resumo	3
Abstract.....	3
Índice de gráficos, mapas, quadros e anexos	5
Siglas e abreviaturas	7
Introdução.....	8
Capítulo 1 – A instituição da Ordem de Cristo e a elaboração dos Tombos das Comendas.	10
1.1 Redinha e Pombal, comendas da Ordem de Cristo – integração do património das comendas na Ordem de Cristo.....	12
Capítulo 2 – Paisagem rural e urbana na região do vale do Mondego. A definição dos espaços.....	16
2.1 O espaço urbano – tipologia das habitações	17
2.2 O espaço rural – a produção agrícola.....	22
Capítulo 3 – A composição humana nas terras das comendas. Formas de nomear e de identificar.....	29
3.1 Redinha – as antroponímias feminina e masculina	34
3.2 Pombal – as antroponímias feminina e masculina	48
Capítulo 4 – A toponímia como elemento caracterizador da terra e da gente.....	95
4.1 Aspectos singulares da toponímia	95
4.2 A hidrografia da região de Pombal	119
Conclusão	124
Fontes e Bibliografia	126
Fontes manuscritas.....	126
Fontes impressas.....	126
Dicionários	126
Estudos	127
Fontes web.....	133

Índice de gráficos, mapas, quadros e anexos

Gráficos

Gráfico 1 – Os parentescos mencionados no tombo de Redinha.....	Pág. 33
Gráfico 2 – Os parentescos mencionados no tombo de Pombal.....	Pág. 33
Gráfico 3 – Os mesteres / ofícios representados no tombo pombalense.....	Pág. 34

Mapas

Mapa 1 – comendas da Ordem de Cristo em 1326.....	Pág. 15
Mapa 2 – topónimos que subsistem na actual freguesia da Redinha.....	Pág. 98
Mapa 3 – topónimos que subsistem na actual freguesia de Pombal.....	Pág. 102

Quadros

Quadro 1: Redinha – antroponímia masculina.....	Pág. 41
Quadro 2: Pombal – antroponímia feminina.....	Pág. 77
Quadro 3: Pombal – as mulheres não nomeadas.....	Pág. 81
Quadro 4: Pombal – antroponímia masculina.....	Pág. 82

Anexos

Anexo 1 – Abiul.....	Pág. 134
Anexo 2 – Albergaria dos Doze.....	Pág. 134
Anexo 3 – Carnide.....	Pág. 135
Anexo 4 – Louriçal.....	Pág. 135

Anexo 5 – Mata Mourisca.....	Pág. 136
Anexo 6 – Meirinhas.....	Pág. 136
Anexo 7 – Pelariga.....	Pág. 137
Anexo 8 – Santiago de Litém.....	Pág. 137
Anexo 9 – São Simão de Litém.....	Pág. 138
Anexo 10 – Vermoil.....	Pág. 138
Anexo 11 – Vila Cã.....	Pág. 139
Anexo 12 – Almagreira.....	Pág. 139

Siglas e abreviaturas

AN/TT – Arquivo Nacional/Torre do Tombo

AP – Antroponímia Portuguesa

coord. – coordenação

dir. – direcção

DELP – Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa

Doc. – Documento

DOELP – Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa

fl./fls. – fólio/fólios

Gav. – Gaveta

mç. – maço

O.C./C.T. – Ordem de Cristo / Convento de Tomar

op. cit. – obra citada

p./pp. – página/páginas

Introdução

O percurso académico iniciado no primeiro ciclo constituiu-se, como seria de esperar, num despertar para um conjunto de temáticas de grande interesse, entre as quais se destacou o importante contributo das Ordens Religiosas Militares para a consolidação do Reino. De forma particular, percebemos que os campos da toponímia e da antroponímia eram, de alguma forma, ‘parentes pobres’ da nossa historiografia.

De facto, a *Antroponímia Portuguesa* de José Leite de Vasconcelos mantém-se ainda como obra de referência no campo respectivo. Os trabalhos de Iria Gonçalves trouxeram desenvolvimentos muito importantes para uma percepção da evolução da antroponímia em tempos medievais, com a publicação de estudos subsequentes que poderão imprimir novo impulso nesta área, de que nos permitimos destacar a publicação da Tese de Doutoramento de Maria Isabel Miguéns de Carvalho Homem, nossa Orientadora no presente trabalho. Enfim, as últimas décadas parecem também registar um aumento do interesse pela área da toponímia, com alguns trabalhos a permitirem vislumbrar de que forma a mesma se reflectiu em diversas épocas.

A ocorrência das visitas da Ordem de Cristo nos inícios do século XVI e a subsequente compilação sistemática da informação recolhida em tombos recentemente dados à estampa em colecção dirigida por Iria Gonçalves, permitiu-nos delimitar o espaço geotemporal do nosso estudo. Em virtude de outros trabalhos realizados no âmbito do 1º ciclo e mesmo no percurso curricular do 2º ciclo, acabámos por seleccionar as vilas de Redinha e Pombal para a concretização do nosso esforço.

No primeiro momento, abordamos a instituição da Ordem de Cristo na sequência da extinção da ordem templária, a integração do seu património em comendas e a realização das visitas. Pretendemos desta forma contextualizar o surgimento da Ordem, a organização que procurou imprimir ao seu património e a forma como se procurava exercer a fiscalização da acção dos comendadores.

O segundo capítulo aborda as paisagens urbana e rural da região, nomeadamente ao nível da tipologia edificativa e da produção agrícola com o fito de obter uma perspectiva geral dos espaços que são objecto do nosso estudo.

Numa terceira parte, as antroponímias masculina e feminina das vilas de Redinha e Pombal serão o nosso foco, no qual pretendemos poder vir revelar os diversos elementos que influenciaram decisivamente os modos de nomear e identificar os indivíduos na época em apreço.

De igual modo, são os múltiplos factores que estiveram na origem das designações toponímicas e da bacia hidrográfica na região, que serão objecto da quarta parte do nosso estudo.

Procuraremos assim conhecer, tanto quanto nos for permitido pela documentação, os nomes em uso, eventuais relações familiares e também a atribuição de alcunhas, bem como as fórmulas adoptadas na época para a nomeação dos cursos de água e das povoações coevas.

Capítulo 1 – A instituição da Ordem de Cristo e a elaboração dos Tombos das Comendas.

A 22 de Março de 1312, no decurso do Concílio de Vienne e na sequência de um conjunto de esforços desenvolvidos pelo rei de França Filipe IV, o Belo, o Papa Clemente V emite a bula *Vox in Excelso*, pela qual era ordenada a extinção da Ordem do Templo. Ciente do risco que corria de perder todo o vasto património que pertencera àquela Ordem Militar¹, D. Dinis encetou um diversificado conjunto de acções no intuito de o evitar. No centro de toda a actividade desenvolvida pelo monarca português, destacava-se a ideia de criação de uma nova ordem militar que continuasse atenta a eventuais investidas dos infiéis, os quais continuavam a marcar presença no sul da Península.

Foi nessa sequência que, a 14 de Agosto de 1318, D. Dinis enviou a Roma, como seus procuradores, o cavaleiro João Lourenço de Monsaraz e Pedro Peres (ou Pires), cônego de Coimbra, seus familiares, para que diligenciassem junto do Sumo Pontífice em tudo o que respeitasse ao património das Ordens Militares existentes em Portugal², bem como no âmbito da nomeação dos seus Mestres.

Estes desenvolvimentos estiveram na origem da criação da Ordem Militar de Nosso Senhor Jesus Cristo, intento que foi confirmado a 14 de Março de 1319, quando o Papa João XXII emitiu em Avinhão a bula *Ad ea ex quibus*³, que veio ao encontro das preocupações do monarca e confirmou formalmente a existência da novel Ordem, cuja primeira sede foi estabelecida em Castro Marim⁴. No dia seguinte, pela bula *Desiderantes*

¹ Sobre a presença da Ordem do Templo em Portugal veja-se, entre outros, FERNANDES, Maria Cristina Ribeiro de Sousa – *A Ordem do Templo em Portugal (das origens à extinção)*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2009. Tese de Doutoramento em História Medieval e do Renascimento, policopiada [disponível em <http://hdl.handle.net/10216/20317>]; GOMES, Saul A. – A extinção da ordem do Templo em Portugal. *Revista de História da Sociedade e da Cultura*, nº 11, 2011, p. 75-116 [disponível em <http://hdl.handle.net/10316.2/39478>].

² *Monumenta Henricina* [Org. Manuel Lopes de Almeida, Idalino Ferreira da Costa Brochado e António Joaquim Dias Dinis]. Coimbra: Comissão Executiva das Comemorações do V Centenário da Morte do Infante Dom Henrique, vol. I, 1960, Doc. 58, p. 88-90.

³ *Idem*, Doc. 61, p. 97-110.

⁴ Sobre o surgimento da Ordem de Cristo em Portugal, veja-se FONSECA, Luís Adão da – Ordens Militares. In AZEVEDO, Carlos Moreira de, dir. *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, vol. III, p. 334-345. Lisboa: Círculo de Leitores e Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, 2000 e SILVA, Isabel Morgado de S. e – *Ordem de Cristo (1417-1521)*. Porto: Fundação Engº António de Almeida, 2002.

*ab intimis*⁵, D. Gil Martins, Mestre da Ordem de Avis, foi a pessoa escolhida para a condução inicial dos destinos da Ordem recém-criada⁶.

À imagem das restantes Ordens Militares presentes no território nacional, a Ordem de Cristo dispunha de um vasto património senhorial que, numa perspectiva de gestão mais agilizada, organizou em comendas. Esta era, de resto, uma estrutura herdada da Ordem dos Templários, a exemplo da Mesa Mestral, órgão de cariz administrativo, à qual chegavam os proventos recolhidos dos diversos domínios sob a sua responsabilidade.

As comendas eram possessões senhoriais que se constituíam como boas fontes de rendimento, para os seus senhores em particular, mas também para a Mesa e para a Ordem de uma forma mais geral. De facto, definidas como zonas geográficas delimitadas, a sua administração territorial e jurisdicional era confiada como privilégio, a título vitalício, a freires cavaleiros que assim eram distinguidos pelo Mestre da Ordem por feitos considerados relevantes, geralmente respeitantes à sua participação em acções de combate e que, em sua representação, acabavam por poder gerir esses domínios no campo espiritual e temporal.

O número e a composição das diversas comendas foi variando ao longo das diferentes épocas. Os comendadores procuravam manter-se preparados em homens e armas, a fim de acorrer a qualquer pedido de apoio para alguma refrega militar, sempre que tal lhes viesse a ser solicitado⁷. Como seria de esperar, as comendas constituíam-se em símbolo de um certo estatuto social na sociedade coeva – organizadas como um senhorio e, de acordo com a delegação de poderes, os comendadores podiam usufruir dos bens e rendimentos das suas possessões.

Numa tentativa de exercer uma acção fiscalizadora sobre os domínios sob a sua jurisdição, o Mestre da Ordem impunha a realização de visitas que permitiam fiscalizar a acção administrativa dos diversos comendadores e aferir da rentabilidade das diversas comendas. De cada visita resultava a elaboração de um tombo que coligia a documentação referente à informação recolhida em cada comenda, nomeadamente no tocante à definição dos seus limites geográficos, à caracterização das diversas

⁵ AN/TT, Gavetas, Gav. 7, mç. 11, nº 5 [disponível em PT/TT/GAV/7/11/5 (consultado em 30Jun.17)].

⁶ *Monumenta Henricina* (...), vol. I, Doc. 63, p. 119-120.

⁷ RODRIGUES, Ana Maria S. A. – Patrimónios, direitos e rendimentos eclesiásticos. In AZEVEDO, Carlos Moreira de, dir. *História Religiosa de Portugal*, vol. I, p. 261-301. Lisboa: Círculo de Leitores e Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, 2000, p. 293.

propriedades e à identificação dos respectivos foreiros, bem como dos foros devidos, quer ao comendador, quer à Ordem.

Embora seja provável a ocorrência de diferentes visitas ao longo do século XV, é já no reinado de D. Manuel que temos notícia de duas visitas bem documentadas: a primeira teve o seu Regimento aprovado pelo Mestre a 4 de Novembro de 1488 e temos notícia da presença dos visitantes na comenda da Cardiga em Janeiro de 1489⁸; a segunda surgiu na sequência de uma decisão saída do Capítulo Geral da Ordem de Cristo ocorrido em Tomar no ano de 1503, e que viria a contemplar as comendas de Redinha e Pombal em 1508.

Ao longo do século XV, diversas decisões foram tomadas no sentido de associar à Coroa a administração do património das várias Ordens religiosas, de que é sintomática a nomeação do Infante D. Henrique como Mestre da Ordem de Cristo, decorria o ano de 1420, de resto a exemplo do que acontecera já com a nomeação do Infante D. João para a Ordem de Santiago e, como se verificou mais tarde, em 1434, com a do Infante D. Fernando para o Mestrado de Avis⁹. O Infante D. Henrique virá a aproveitar-se desta situação e a recorrer à riqueza acumulada pela Ordem para custear as sucessivas jornadas marítimas dos Descobrimentos¹⁰.

Quando em 1495, por morte de D. João II, o duque de Beja – que já então desempenhava as funções de regedor e governador da Ordem de Cristo –, sobe ao trono, acaba por decidir acumular o papel de monarca com as funções de representante máximo da Ordem, situação que se tornou definitiva com o Mestrado a ficar reservado aos seus sucessores na Coroa portuguesa¹¹.

1.1 Redinha e Pombal, comendas da Ordem de Cristo – integração do património das comendas na Ordem de Cristo.

⁸ SILVA, Isabel Morgado de S. e – *op. cit.*, pp. 158-159.

⁹ VILAR, Hermínia Vasconcelos – Os freires militares e hospitalários. *História Religiosa de Portugal (...)*, vol. I, pp. 233-237, p. 235.

¹⁰ RIBEIRO, Orlando – *A formação de Portugal*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa e Ministério da Educação, 1987, p. 52.

¹¹ SILVA, Isabel Morgado de S. e – *op. cit.*, p. 98-99.

Aquando da sua doação à Ordem do Templo por D. Teresa em Março de 1128¹², Redinha e Pombal inseriam-se no termo de Soure, uma zona de fronteira entre os territórios cristão e muçulmano, e cuja defesa importava assegurar contra as frequentes investidas dos islamitas.

A subida de Gualdim Pais ao grau de Mestre marcou um período importante na história da presença templária em Portugal¹³. De facto, a sua participação na jornada cruzadística a Jerusalém nos anos precedentes, angariara-lhe uma aura de autoridade incontestada. O seu mandato ao leme dos destinos da Ordem coincidiu com um período de forte actividade ao nível da edificação e remodelação de diversas fortificações militares, com a difusão de novidades arquitectónicas como o alambor ou a torre de menagem, como acontecerá no castelo de Pombal, cuja construção se inicia no ano de 1156. Além disso, Gualdim Pais decide-se pela concessão de diversos privilégios às povoações sob domínio templário, numa iniciativa que procura incentivar a fixação de habitantes, nomeadamente através da garantia de protecção e defesa por parte dos membros da sua Ordem.

Parece ser nesse sentido que se insere a concessão de foral à povoação de Redinha, decorria o mês de Junho de 1159, no qual se estipulava que os foros deviam ser pagos segundo o foro de Pombal¹⁴, desconhecendo-se se chegou alguma vez a povoação foi provida de castelo¹⁵. A necessidade de incentivo ao povoamento manter-se-ia durante todo o século XII e o Mestre Templário concederá diversos outros forais, como foi o caso de Pombal que recebeu o seu primeiro foral em 1174¹⁶ e um segundo, datado de 1176, no qual eram contempladas diversas questões relativas à aplicação da justiça¹⁷.

A comenda de Pombal seria criada em Abril de 1178¹⁸, enquanto a instituição da comenda da Redinha virá apenas a ocorrer a 2 de Setembro de 1302¹⁹. Em 24 de Junho

¹² BARROCA, Mário – “A Ordem do Templo e a arquitectura militar portuguesa no século XII”. *Portugalia*, Nova Série, 1996/1997, vols. XVII-XVIII, pp. 171-209. P. 172.

¹³ GOMES, Saul A. – D. Gualdim Pais (c. 1118/20-1195). *População e Sociedade*, nº 23, 2015, pp. 11-23.

¹⁴ HERCULANO, Alexandre – *Leges et Consuetudines*, vol. I, parte III. In *Portugaliae Monumenta Historica*. Lisboa: Typis Academicis, 1863. P. 386.

¹⁵ BARROCA, Mário – *op. cit.*, p. 188.

¹⁶ HERCULANO, Alexandre – *op. cit.*, p. 398-399.

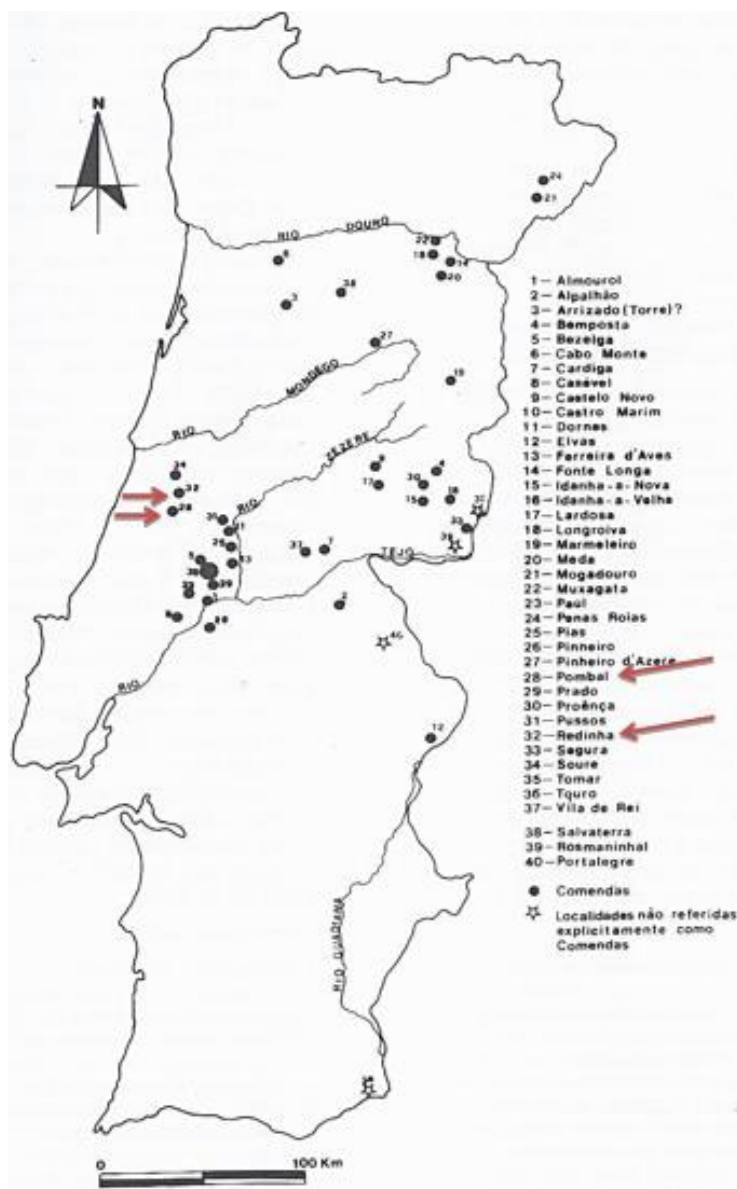
¹⁷ *Idem*, p. 404-405.

¹⁸ NOÉ, Paula – Castelo de Pombal [disponível em <http://www.monumentos.pt/> (consultado em 13mai17)].

¹⁹ NOÉ, Paula – Paço dos comendadores de Redinha [disponível em <http://www.monumentos.pt/> (consultado em 13mai17)].

de 1319, D. Dinis concedeu diversos castelos, lugares e vilas à nova Ordem, entre as quais se contavam Redinha e Pombal²⁰.

Mapa 1 – comendas da Ordem de Cristo em 1326²¹



Como referimos, após a dissolução da milícia templária, a Ordem de Cristo manteve genericamente a sua estrutura e o seu património, nomeadamente os territórios e comendas sob a sua administração que, em 1326, eram já em número de 40, localizadas

²⁰ GOMES, Saul – *op. cit.*, p. 76.

²¹ SILVA, Isabel Morgado de S. e – *A Ordem de Cristo durante o Mestrado de D. Lopo Dias de Sousa (1373?-1417)*. Porto: Fundação Engº António de Almeida, 1997, pp. 21-120, p. 31.

predominantemente numa região situada entre o Douro e o Tejo, com especial relevância para o “núcleo” compreendido entre os rios Zêzere e o Mondego.

Capítulo 2 – Paisagem rural e urbana na região do vale do Mondego. A definição dos espaços.

A povoação de Redinha é provavelmente de origem anterior à presença romana no território. Terá sido originalmente conhecida pelo nome *Rhoda*, termo de origem persa que significa *jardim* e, mais tarde, *Rodina*, designação que os árabes mantiveram até aos inícios do século XII²² e que era ainda o topónimo em uso ao tempo da atribuição do primeiro foral. A localização do povoado original não coincidiria com a da actual vila, mas sim numa terra de várzea a noroeste.

A situação de dúvida quanto à localização primitiva, fundação e edificação estende-se também a Pombal. A exemplo de diversas outras povoações em Portugal, a actual vila acabaria por se desenvolver em redor do castelo erigido pela Ordem do Templo em 1156, estendendo-se nos nossos dias por uma zona de planície na falda ocidental do monte onde aquele foi construído.

Redinha e Pombal localizam-se actualmente na zona norte do distrito de Leiria, numa região central do território nacional, mas, como referimos anteriormente, nem sempre foi assim. De facto, em meados do século XII, ambas as povoações integravam uma zona fronteiriça que compreendia um vasto conjunto de povoados e fortificações, que se constituíam como um forte sistema defensivo dos acessos à cidade de Coimbra – ao tempo capital do território –, e onde D. Afonso Henriques se fixara em 1131. Outrossim, esta rede acabava também por assegurar a necessária protecção dos campos a sul do Mondego, cuja produção agrícola provia a cidade dos indispensáveis abastecimentos²³.

Concluída a empresa da Reconquista, seguiu-se um tempo de ocupação dos espaços e do seu aproveitamento em ordem à sua rentabilização. Esse objectivo foi, de alguma forma, facilitado, em função de um clima ameno, de um relevo relativamente pouco acidentado, apesar da presença da Serra de Sicó a leste de Pombal, e de um considerável

²² LEAL, Augusto Pinho – *Portugal Antigo e Moderno*, 12 volumes. Lisboa: Livraria Editora de Mattos Moreira & Companhia, 1878, vol. 8, p. 79. Ver também PEREIRA, Esteves e RODRIGUES Guilherme – *Portugal - Dicionario Historico, Chorographico, Biographico, Bibliographico, Heraldico, Numismatico e Artistico*, 7 volumes. Lisboa, João Romano Torres & C.^a – Editores, 1912, vol. VI, pp. 138-139.

²³ Sobre os primórdios do Condado Portucalense e do Reino de Portugal, veja-se MATTOSO, José – ‘1096-1325’. In MATTOSO, José, dir. *História de Portugal – A Monarquia Feudal (1096-1480)*, vol. II, Lisboa: Editorial Estampa, 1997, pp. 11-259.

conjunto de cursos de água, aspecto que merecerá atenção particular em capítulo posterior do presente trabalho.

2.1 O espaço urbano – tipologia das habitações

O início de cada um dos tombos é marcado pela descrição da paisagem urbana das vilas de Pombal e Redinha, nomeadamente com a nota da existência das suas igrejas, edificações omnipresentes no território nacional, marcado por uma forte implantação da tradição cristã.

A igreja de Redinha, da invocação de Nossa Senhora da Conceição, situava-se junto de um antigo paço que já então (1508) se encontrava em ruínas²⁴, quiçá sinal de esplendor de épocas passadas, mas que circunstancialismos diversos e a erosão do tempo se haviam encarregado de desvanecer.

O documento dá-nos nota da existência de uma adega localizada junto do adro da igreja; no entanto, nota lateral datada de 26 de Outubro de 1532, veio actualizar este dado, no intuito de nos dar conta de que a mesma já não existia²⁵. Uma outra adega situava-se na praça da vila, fora edificada num chão doado à Ordem por João Álvares e era de construção recente²⁶. São ainda mencionadas outras duas casas de adega localizadas junto da praça – uma delas dispunha de dois tonéis e 14 pipas²⁷ e fora reconstruída por ordem de Frei Lopo Mendes de Oliveira, que em 1501 era comendador de Castro Marim e Redinha²⁸, enquanto a outra estava a ser explorada pela foreira Maria Rodrigues²⁹. Estas adegas remetem-nos, de pronto, para a relevância da produção vinícola na região, como procuraremos comprovar adiante com outros elementos.

No plano habitacional, são-nos referidos três conjuntos de casas: o primeiro deles localizava-se junto da estrada que estabelecia a ligação da vila à ponte³⁰; um outro situava-se na localidade de Anços, sem que nos sejam fornecidos dados adicionais; o terceiro localizava-se na Rua dos Ferreiros, designação indiciadora da sua ocupação

²⁴ AN/TT, O.C./C.T., Livro 308, fls. 136, 136v.

²⁵ *Idem*, fl. 136v.

²⁶ *Idem*, fl. 137v.

²⁷ *Idem*, fls. 139v, 140.

²⁸ Sobre o comendador Lopo Mendes, temos em consideração as notas biográficas estabelecidas por LACERDA, Teresa – *Os Capitães das Armadas da Índia no reinado de D. Manuel: uma análise social*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 2006, policopiada [disponível em <https://run.unl.pt/handle/10362/11499>].

²⁹ AN/TT, O.C./C.T., Livro 308, fl. 140.

³⁰ *Idem*, fl. 137.

dominante por estes mesterais. Relativamente a este último conjunto, a descrição refere que o mesmo era composto por oito casas com os respectivos chãos, sendo três delas constituídas por dois pisos, enquanto as restantes dispunham apenas de piso térreo e que o complexo fora doado à Ordem por Frei Lopo Mendes de Oliveira³¹.

Entre outros edifícios, surge-nos a menção da cadeia, sem que nos sejam reportados dados mais precisos sobre a sua localização³², de resto, situação que se repete com a referência a diversas ermidas e açougues³³.

De entre outras produções na época contavam-se os curtumes, que se desenvolviam num edifício sito numa ilhota existente entre a ponte e os moinhos da vila³⁴. O tombo faz também menção aos trabalhos ligados ao tratamento de tecidos, com a indicação de uma casa de pisão situada junto do rio, a qual se encontrava em mau estado de conservação. Outrora explorada por João Álvares, adenda ao documento refere-nos que foi mais tarde reconstruída por Pêro Luís, morador em Verigo, termo de Pombal, o qual ficou de mostrar escritura³⁵. Um outro pisão localizava-se junto à fonte do Caruncho, cuja água foi mais tarde aforada a Pêro Afonso, morador em Anços, situação que ficou sujeita a posterior fiscalização pelo contador Paio Rodrigues³⁶, enquanto nota marginal ao texto nos informa que um terceiro pisão que se localizava junto do rio veio a desaparecer por motivos que não nos são revelados³⁷. Temos ainda a indicação que fora ordenado a Bartolomeu Afonso, morador em Casal Novo, que edificasse um outro pisão num casal localizado numa zona de águas residuais, construção de que outra nota marginal posterior nos dá conta já estar concluída, embora o foreiro devesse ainda proceder à exibição da necessária escritura³⁸.

Bem mais eloquente é o tombo relativo a Pombal, onde a primeira nota que nos é dada, a exemplo do que sucede com o tombo de Redinha, é a da existência na vila de três igrejas das invocações de Santa Maria³⁹, São Martinho⁴⁰ e São Pedro⁴¹ respectivamente,

³¹ *Idem*, fls. 139, 139v.

³² *Idem*, fl. 141v.

³³ *Idem*, fl. 141v.

³⁴ *Idem*, fl. 137v.

³⁵ *Idem*, fl. 137v.

³⁶ *Idem*, nota adicional inserta no fl. 142.

³⁷ *Idem*, nota adicional inserta no fl. 137v.

³⁸ *Idem*, fl. 139.

³⁹ *Idem*, fl. 33.

⁴⁰ *Idem*, fl. 34v.

⁴¹ *Idem*, fls. 35 e 40.

as quais dispunham de sacerdote próprio e de duas ermidas de que não nos chegaram detalhes adicionais. Entre outros templos mereceram referência no tombo as ermidas de Santo André⁴², de Santa Maria das Virtudes⁴³ e de São Cristóvão⁴⁴ e ainda uma outra igreja da invocação de São Bartolomeu⁴⁵.

O Castelo localizava-se numa elevação situada na parte de cima da vila, junto à igreja de Santa Maria e foi descrito pormenorizadamente nos seus diversos componentes: cercado por um muro ameado, dispunha de três baluartes, torre de menagem com altura de três pisos e um terreiro lajeado. Sabemos que ali podíamos encontrar uma capela de invocação de São Miguel, diversas casas de habitação com as respectivas *lógeas*, uma adega, uma cisterna com bocal de canto trabalhado, espaços para o acolhimento de animais e um palheiro. O tombo dá-nos ainda nota das recentes obras de beneficiação do conjunto, nomeadamente ao nível da reparação de imóveis e da construção de novos espaços, intervenção que fora realizada a expensas da Coroa⁴⁶.

Na descrição da vila e do seu termo encontramos múltiplas referências a casas de habitação e pardieiros que parecem desvendar-nos uma população genericamente constituída por pessoas de poucos recursos que viveriam de uma economia de subsistência. Entre as escassas características disponíveis relativamente à tipologia da construção que era possível encontrar na época, encontramos, por exemplo, a indicação de uma casa grande que era utilizada como celeiro, localizada na Rua de São Martinho junto da igreja da invocação deste santo. Sabemos que a casa dispunha de telhado, portas novas, duas janelas com armação em ferro, uma virada a norte e a outra para sul e ainda uma *lógea* – espaço de acondicionamento de alfaías agrícolas e outros arrumos –, cujas paredes haviam sido construídas com pedra e cal⁴⁷. Na Rua dos Castanhos, junto do quintal da confraria, temos notícia da existência de uma outra casa que dispunha de forno⁴⁸. Na Granja do Porto do Carro localizava-se um conjunto habitacional constituído por casas de grande dimensão, as quais, no entanto, se encontravam em ruínas⁴⁹. Temos depois a indicação de uma casa com quintal, outrora pardieiro, localizada nas traseiras da

⁴² *Idem*, fls. 64 e 64v.

⁴³ *Idem*, fl. 61v.

⁴⁴ *Idem*, fl. 54v.

⁴⁵ *Idem*, fls. 51v, 55v, 56v.

⁴⁶ *Idem*, fls. 33, 33v e 34.

⁴⁷ *Idem*, fl. 34v.

⁴⁸ *Idem*, fl. 35.

⁴⁹ *Idem*, fl. 38v.

Rua da Praça⁵⁰ e um outro imóvel de características idênticas que estaria na posse de Violante Pires e se localizava junto da rua que dava acesso ao castelo⁵¹.

O documento fornece-nos indicações sobre a existência de diversas casas de habitação na Rua da Ponte⁵², na Rua dos Sobrados⁵³, na Rua Coimbrã⁵⁴, no Casal da Remessa⁵⁵, as casas da povoação de Corrá⁵⁶, as casas de Lourenço Geraldês localizadas junto do caminho da serra⁵⁷ e ainda um conjunto de casas localizado em Pelariga⁵⁸, sem que, no entanto, nos sejam disponibilizados outros dados. A Ordem dispunha ainda de casas no reguengo da Vitoreira, onde Pêro Mote e Gil Lourenço mantinham também as suas habitações⁵⁹, um conjunto de casas térreas sitas na Ribeira do Litém⁶⁰ e uma casa em Cançaria que se encontrava na posse de Fernão Rodrigues, o qual ficara obrigado à construção de uma casa-abrigo para pobres⁶¹.

Sabemos que na povoação de Baltaria existia um conjunto de imóveis em mau estado de conservação e, nesse sentido, eram já classificados como pardieiros⁶² e o mesmo se passava com um outro edifício localizado em Vila Cã, junto da Rua Pública⁶³. De resto o mesmo sucedia na vila de Pombal com um outro imóvel sito junto da casa de Rui Pires e da Rua Pública, o qual estaria a servir apenas de horta⁶⁴ e um outro localizado na Rua dos Açougues e que estava na posse de Pedro Afonso, genro do vigário⁶⁵.

Na Rua de São Martinho encontrava-se um celeiro da Ordem e um outro conjunto de residências antigas e com quintal que era explorado por Vasco Botelho, residente em Soure⁶⁶. Um antigo alojamento dos vigairos com o respectivo quintal encontrava-se já em estado degradado, estava confiado a Frei João Martins, vigairo da vila e localizava-se

⁵⁰ *Idem*, fls. 34v, 35.

⁵¹ *Idem*, fl. 59.

⁵² *Idem*, fl. 34.

⁵³ *Idem*, fl. 35v.

⁵⁴ *Idem*, fl. 58v.

⁵⁵ *Idem*, fl. 48.

⁵⁶ *Idem*, fl. 52v.

⁵⁷ *Idem*, fl. 52.

⁵⁸ *Idem*, fl. 55.

⁵⁹ *Idem*, fl. 58.

⁶⁰ *Idem*, fl. 53v.

⁶¹ *Idem*, fl. 60v.

⁶² *Idem*, fl. 51.

⁶³ *Idem*, fl. 59v.

⁶⁴ *Idem*, fl. 53.

⁶⁵ *Idem*, fl. 58v.

⁶⁶ *Idem*, fl. 53.

junto de uma outra propriedade com quintal e curral, num terreno anexo à Igreja de São Pedro⁶⁷.

A referência a outras construções em estado degradado surge-nos dispersa pelo tombo, como é o caso de uma antiga adega localizada na rua que ia da praça para São Pedro⁶⁸ ou um outro imóvel que fora mandado construir pelo duque D. Diogo durante o período em que exerceu funções como Mestre da Ordem e que teria existido sobre o açougue⁶⁹. Na Rua de Manchupel existia uma construção em estado devoluto na posse de João Esteves⁷⁰. Um outro imóvel degradado localizava-se junto à terra da Ordem e encontrava-se na posse do foreiro João *Grande*⁷¹. Na rua que ia para o castelo existiam duas construções que se encontravam na posse de Álvaro Eanes *Lourinho*⁷². Dois outros edifícios em mau estado de conservação localizavam-se na Rua Pública⁷³, um outro no adro da igreja de São Pedro⁷⁴, outro junto da Granja do Porto do Carro, sito numa propriedade explorada pelo foreiro Martim Gil de Trás-os-Matos⁷⁵ e, por fim, um outro na Rua da Corredoura, o qual se encontrava na posse do foreiro Diogo Gil⁷⁶.

Os curtumes merecem uma referência e é-nos dada a indicação de que essa actividade se desenvolvia junto à ponte da vila⁷⁷. Existiam também diversos centros de tratamento de tecidos na região da comenda de Pombal, com quatro pisões localizados na zona da Ribeira de Litém, explorados pelos foreiros Afonso da Gaia, Afonso Lopes do Avelal e pelos irmãos João e Afonso Pires, filhos de Estêvão Pires⁷⁸ e um quinto sito próximo da Granja do Escoural, aforado ao alfaiate João Eanes, morador em Escoural⁷⁹.

Os açougues marcavam também presença na vila e o documento informa-nos que um deles se situava entre a Rua Pública e a Azinhaga que dava acesso à Igreja de Santa Maria⁸⁰. Embora não existam outras referências a esta actividade, o tombo dá-nos nota da

⁶⁷ *Idem*, fl. 35.

⁶⁸ *Idem*, fls. 34, 34v.

⁶⁹ *Idem*, fl. 37.

⁷⁰ *Idem*, fl. 58v.

⁷¹ *Idem*, fl. 59.

⁷² *Idem*, fl. 59.

⁷³ *Idem*, fls. 58v, 59.

⁷⁴ *Idem*, fl. 59.

⁷⁵ *Idem*, fl. 50v.

⁷⁶ *Idem*, fl. 58v.

⁷⁷ *Idem*, fl. 56.

⁷⁸ *Idem*, fl. 56v.

⁷⁹ *Idem*, fl. 57v.

⁸⁰ *Idem*, fl. 34v.

existência de um arruamento que se denominava Rua dos Açougues⁸¹, pelo que nos parece legítimo supor que outros mesteirais ali se encontrassem estabelecidos.

2.2 O espaço rural – a produção agrícola

Cravada numa zona central do território continental português, numa faixa de transição entre as serranias nortenhas e as planícies alentejanas, as condições climatéricas da região não podiam certamente fugir às características genéricas do clima português, de carácter moderado e com uma amplitude térmica relativamente reduzida⁸².

A produção agrícola representava seguramente a actividade predominante nesta região, que beneficiava da existência de um conjunto de cursos de água sobre os quais nos deteremos em capítulo posterior⁸³. São múltiplas as referências em ambos os tombos aos foros a pagar em pão, numa indistinta alusão à espécie cerealífera cultivada, embora nos casos em que o cereal é especificado, o trigo surja em posição predominante. Entre outras espécies cerealíferas cultivadas, surgem ainda menções à cevada⁸⁴, ao centeio⁸⁵ e à linhaça⁸⁶ e, naturalmente, também à palha⁸⁷ resultante da colheita do cereal e que era certamente empregue na alimentação animal entre outras utilizações não especificadas.

Como seria de esperar, são diversas as alusões que surgem em ambos os tombos relativas à existência de moinhos, isolados ou em conjunto, localizados junto dos diversos cursos aquíferos existentes que nos fornecem uma primeira pista da importância da produção cerealífera característica da região. No entanto, os visitantes não deixam de fazer menção à existência de diversos moinhos de azeite, num claro indício da relevância que a olivicultura assumia. Não podemos também deixar de notar, como veremos adiante,

⁸¹ *Idem*, fl. 58v.

⁸² RIBEIRO, Orlando – *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico - Estudo geográfico*. Coimbra: Coimbra Editora Limitada, 1945, p. 7.

⁸³ Sobre a produção agrícola em Portugal, gostaríamos de assinalar, pela sua relevância, a obra de MARQUES, A. H. Oliveira – *Introdução à História da Agricultura em Portugal*. Lisboa: Edições Cosmos, 1978. Sobre a região situada entre Tejo e Mondego, produziram-se ao longo dos anos importantes estudos, de que destacamos COELHO, Maria Helena da Cruz – *O Baixo Mondego nos finais da Idade Média*. Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1988 ou ainda CONDE, Manuel Sílvia Alves – *Uma paisagem humanizada. O Médio Tejo nos finais da Idade Média*. Tese de Doutoramento apresentada à Universidade dos Açores (versão refundida). In GONÇALVES, Iria, dir. *Patrimonia Historica*. Cascais, 2000.

⁸⁴ AN/TT, O.C./C.T., Livro 308, fls. 46, 60v e 65.

⁸⁵ *Idem*, fl. 58.

⁸⁶ *Idem*, fls. 45 e 138.

⁸⁷ *Idem*, fl. 65. O tombo de Pombal refere mesmo a existência de um palheiro no terreiro do castelo da vila.

as referências a múltiplas vinhas e alguns lagares, pelo que nos parece lícito assumir que também a vitivinicultura se assumia como uma importante produção agrícola da região.

No tombo da comenda da vila de Redinha, o primeiro conjunto de duas casas de moinhos de cereal de que nos é dada nota situava-se abaixo da ponte existente na vila, possuía quatro mós e encontrava-se aforado a Diogo Pires, genro de Rui Soares, morador na povoação vizinha de Abiul⁸⁸. O mesmo foreiro explorava um outro moinho que dispunha de três mós e se localizava entre a foz do rio Ourão e a ribeira de Anços⁸⁹. Na localidade de Anços, existia uma outra casa de moinhos junto à nascente do rio, a qual dispunha de duas mós e era explorada pelo foreiro Jorge Fernandes⁹⁰. Finalmente, temos notícia de que no lugar de Ourão também existiam moinhos, sem que, no entanto, nos sejam fornecidos dados adicionais, a não ser que neste local existia também uma eira, na qual se desenrolavam os costumeiros trabalhos conotados com a debulha do cereal⁹¹.

Na estrada que seguia da vila para a ponte, junto de um terreno que, por cedência do comendador, era explorado pelo doutor Rodrigo Homem – personalidade a que voltaremos oportunamente –, existia um antigo lagar, do qual apenas subsistiam alguns componentes⁹². Adendas ao tombo original dão-nos conta que outros dois lagares vieram mais tarde a ser aforados, um deles a Gonçalo Gil, morador em Condeixa, o qual, na época, estava a ser explorado por Ana da Mota, viúva do doutor Francisco Mendes, enquanto o outro fora aforado a João Dórdio⁹³. O tombo dá-nos ainda nota da existência de um terceiro lagar construído em pedra na localidade de Anços⁹⁴.

A exemplo da Redinha, também o tombo pombalense nos dá nota dessa presença de vários moinhos dispersos pela vila e seu termo. As sucessivas referências não só a terras de cultivo de cereal, mas também a diversos olivais, levam naturalmente ao surgimento de alusões à existência de moinhos que, nalguns casos, sabemos que se dedicam à produção de farinha e noutros à produção de azeite.

Assim, a primeira alusão à existência de uma casa grande de moinhos de azeite refere que a mesma se situava na parte de cima da vila, junto do rossio do concelho e

⁸⁸ *Idem*, fl. 137; nota adicional refere que em data posterior, ao tempo do comendador D. Diogo de Meneses, claveiro da Ordem, fora acrescentada uma quinta mó.

⁸⁹ *Idem*, fl. 137.

⁹⁰ *Idem*, fl. 137v; este moinho possuía duas mós.

⁹¹ *Idem*, fl. 138.

⁹² *Idem*, fls. 137, 139.

⁹³ *Idem*, notas adicionais insertas no fl. 142.

⁹⁴ *Idem*, fl. 138.

dispunha de duas mós e quatro varas⁹⁵. Contíguos a estes, existiam moinhos de farinha com duas mós, uma das quais se destinava à moagem de trigo e a outra ao trabalho com outros cereais⁹⁶. No rio de Cabrunças, numa zona ao tempo conhecida por Saa, existia uma casa de moinhos de azeite que dispunha de uma pedra e três varas⁹⁷. Num terreno próximo, o escudeiro Rui Leitão explorava duas casas de moinhos, cada uma com o seu engenho⁹⁸. Junto da Várzea da Sorveira temos notícia da existência de um açude que fornecia a necessária energia para o funcionamento de um conjunto de um número indeterminado de moinhos de azeite⁹⁹.

Eram numerosos os moinhos localizados na Ribeira de Litém: um primeiro conjunto era explorado pelos herdeiros de diversos foreiros, os quais deveriam utilizar parte dos rendimentos obtidos na conservação e manutenção dos moinhos¹⁰⁰; o foreiro Afonso Lopes do Avelal explorava dois moinhos¹⁰¹; a mulher de Nuno Leitão, Estêvão Pires, morador em Leiria e Nicolau Rodrigues, morador em Abiul exploravam um moinho cada¹⁰².

Numa zona conhecida como a Carpinteira, existiam diversos outros moinhos, um dos quais era explorado pelos filhos de Nuno Botelho, enquanto os restantes eram explorados pelos foreiros João Pires, Afonso Vicente da povoação de Vermoil, Dona Maria de Sousa e ainda um outro por João Eanes *Moleira*¹⁰³. O foreiro João Afonso de Touril explorava um moinho que se localizava próximo da igreja de São Bartolomeu¹⁰⁴. No lugar de Escoural existia um moinho que fora explorado por Álvaro Afonso e então se encontrava na posse de Fernão Luís, escrivão do almoxarifado, e um outro que estava entregue a João Eanes, um alfaiate residente naquela povoação¹⁰⁵. Próximo de uma propriedade designada Granja do Escoural, encontrava-se um moinho em funcionamento que era explorado por Dona Maria de Sousa. Diz-nos o tombo que o mesmo fazia parte de um antigo conjunto de moinhos que teriam tido três mós em funcionamento, no entanto, apenas uma se encontrava activa e que ali existiam ainda vestígios da existência

⁹⁵ *Idem*, fl. 35v, 36.

⁹⁶ *Idem*, fl. 35v, 36.

⁹⁷ *Idem*, fl. 36.

⁹⁸ *Idem*, fls. 36, 36v.

⁹⁹ *Idem*, fl. 42.

¹⁰⁰ *Idem*, fl. 56v.

¹⁰¹ *Ibidem*.

¹⁰² *Idem*, fl. 57.

¹⁰³ *Ibidem*.

¹⁰⁴ *Ibidem*.

¹⁰⁵ *Idem*, fl. 57v.

de um antigo pombal¹⁰⁶. De resto, um outro moinho localizado nas imediações e que fora explorado por Afonso Álvares e João Eanes do Escoural, encontrava-se derrubado e fora de produção, enquanto um outro era ainda explorado pelo almocreve João Martins, morador na aldeia¹⁰⁷.

Na Ribeira de Pombal, mais propriamente na aldeia dos Redondos, situava-se um número indeterminado de moinhos que era explorado pelo foreiro Cristóvão de Sousa, sem que, no entanto, este tivesse exibido documento que lhe conferisse tal direito¹⁰⁸. Rodrigo Álvares explorava um moinho que se situava no Ribeiro de Travasso, local onde Duarte da Cunha também mantinha um moinho, além de um outro que se situava no Rio de Cabrunças¹⁰⁹. Na Ribeira de Carnide, já no termo de Montemor-o-Velho, um outro conjunto de moinhos era explorado pelo foreiro Gil Lourenço, um outro pelos filhos de Rodrigo Afonso *Garamel* e um último moinho era explorado por João Dias, genro de João Pequeno.

Tal como na comenda de Redinha, também na vila de Pombal e seu termo existiam diversos lagares e os primeiros de cuja existência nos é dada nota situavam-se numa zona de arneiro¹¹⁰. Junto ao rossio do concelho situava-se um lagar que se destinava à produção de azeite¹¹¹. O documento faz ainda menção a um outro lagar de azeite que se localizava no lugar de Touril¹¹² e um outro, este destinado à produção vinícola, que se situava na povoação de Pelariga¹¹³.

Os fornos para a cozedura do cereal não são mencionados no tombo de Redinha, mas surgem algumas referências à sua existência em Pombal. A primeira casa de forno a que é feita alusão situava-se na Rua dos Castanhos, junto do quintal da confraria¹¹⁴. Já na parte final do tombo, é referida a existência de fornos da Ordem, sem que nos sejam fornecidos outros dados¹¹⁵. Diz-nos o escrivão que existia uma zona conhecida como

¹⁰⁶ *Ibidem*.

¹⁰⁷ *Ibidem*.

¹⁰⁸ *Ibidem*.

¹⁰⁹ *Idem*, fl. 58.

¹¹⁰ *Idem*, fl. 44v.

¹¹¹ *Idem*, fl. 45.

¹¹² *Idem*, fl. 55v.

¹¹³ *Idem*, fl. 55.

¹¹⁴ *Idem*, fl. 35.

¹¹⁵ *Idem*, fl. 64.

‘outeiro do forno’, no entanto, este já não se encontrava em funcionamento por motivos que não nos são revelados.

Entre outras produções, contava-se também a frutícola, de que nos surgem diversas referências, como no caso da Redinha com a alusão a um pomar onde se podiam encontrar nogueiras, figueiras, pereiras e ameixoeiras¹¹⁶. Quanto à comenda de Pombal, além das espécies já mencionadas anteriormente¹¹⁷, encontramos a menção da existência de macieiras, pereiros, limoeiros¹¹⁸, uma laranjeira¹¹⁹ e diversos castanheiros¹²⁰ entre outras referências a pomares¹²¹, chousos¹²² e árvores de fruto, sem que nos sejam especificadas as frutícolas em causa¹²³.

Diversos produtos hortícolas, leguminosas e outras culturas surgem mencionados em ambos os tombos, como sejam os casos do linho¹²⁴, do tremço¹²⁵, da hortaliça¹²⁶, das cebolas, dos alhos, do açafrão e da pimenta¹²⁷, pelo que é natural que outrossim sejam referidas pequenas propriedades como hortas¹²⁸, cerrados¹²⁹ e almuinhas¹³⁰. O primeiro desses espaços que nos é referido situava-se na povoação de Degolaço¹³¹, enquanto outra horta se localizava na vila propriamente dita, junto da casa de Rui Pires e da Rua Pública¹³².

¹¹⁶ *Idem*, fl. 136v.

¹¹⁷ *Idem*; as nogueiras existiam na povoação de Casal da Corrã e surgem mencionadas no fl. 52; as figueiras são mencionadas nos fls. 34, 41v, 42, 44v, 45v, 60 e 60v; quanto às pereiras, a menção surge nos fls. 34 e 51; finalmente, é feita referência às ameixoeiras nos fls. 41v, 42 e 52v.

¹¹⁸ *Idem*, fl. 34.

¹¹⁹ *Idem*, fl. 35.

¹²⁰ *Idem*, fls. 42 e 60.

¹²¹ *Idem*, fls. 34, 40, 45v/46, 51v e 53v.

¹²² *Idem*, fls. 137v, 35, 35v, 36, 37, 42v, 44v, 45, 53, 56 e 59.

¹²³ *Idem*; no fl. 34 diz-se que existem outras árvores de fruto, sem que seja revelada a espécie em causa; de resto, o mesmo sucede no fl. 45v, com uma referência à existência de árvores de fruto num terreno situado junto ao Ribeiro do Escoural e explorado por Fernão Luís, escrivão do almoxarifado e outrossim no fl. 51v, onde se faz menção a um pomar situado numa terra explorada pelo foreiro Antão de Valadares.

¹²⁴ *Idem*, fls. 138, 140v, 62v e 65v.

¹²⁵ *Idem*, fl. 140v.

¹²⁶ *Idem*, fl. 56.

¹²⁷ *Idem*, fls. 65 e 65v.

¹²⁸ *Idem*, fls. 42v, 43, 52v e 53.

¹²⁹ *Idem*, fls. 136v, 138, 42v/43 e 53.

¹³⁰ *Idem*, fls. 38v, 42v, 44v, 45 e 54.

¹³¹ *Idem*, fl. 52v.

¹³² *Idem*, fl. 53.

Entre as diversas espécies arborícolas e arbustivas são feitas referências ao montado¹³³, nomeadamente aos sobreiros¹³⁴ e aos carvalhos¹³⁵, mas também aos freixos¹³⁶, dois ciprestes, cidreiras e uma palmeira¹³⁷. Na comenda de Pombal é-nos referida a existência de pinheiros, alguns dos quais se localizavam num terreno do Prior¹³⁸ e outros numa zona referida como Reparo, junto à azinhaga do concelho¹³⁹. Desta forma, surge-nos de forma natural a indicação que a lenha era também recolhida sempre existisse essa necessidade¹⁴⁰. Neste tombo encontramos uma alusão ao sal, pelo que se presume que fosse outra das produções coevas¹⁴¹. A apicultura era certamente outra das actividades desenvolvida na região, sugestão que colhemos da referência à produção de mel¹⁴².

Pela descrição que nos é feita pelos visitantes nos tombos, alguns terrenos encontravam-se incultos, como podemos perceber por passagens e expressões como ‘*monte maninho*’¹⁴³, ‘*monte bravio*’¹⁴⁴, *brejo*¹⁴⁵ ou mesmo ‘*herdade rota e por romper*’¹⁴⁶. Além disso, é de crer que lugares de lameiro¹⁴⁷, arneiro ou arnado¹⁴⁸, mouta¹⁴⁹ ou onde existia mato¹⁵⁰ fossem de difícil ou mesmo impossível aproveitamento para a produção agrícola em função das limitações próprias da tecnologia coeva. Referência ainda para as alusões feitas nos tombos a terras outrora incultas e que, entretanto, foram sujeitas a arroteamento¹⁵¹.

Naturalmente, a pastorícia e a criação de gado doméstico eram também actividades comuns, uma vez que o documento alude a diversas espécies como, por exemplo, o gado

¹³³ *Idem*, fls. 140v e 62.

¹³⁴ *Idem*, fls. 50v e 53v-54.

¹³⁵ *Idem*, fls. 48v, 50v, 51 e 53v/54.

¹³⁶ *Idem*, fls. 47v, 50v, 52, 52v e 54.

¹³⁷ *Idem*, fl. 34.

¹³⁸ *Idem*, fl. 39.

¹³⁹ *Idem*, fl. 53v.

¹⁴⁰ *Idem*, fl. 65v.

¹⁴¹ *Idem*, fl. 65.

¹⁴² *Ibidem*.

¹⁴³ *Idem*, fls. 42v, 45v, 54, 55.

¹⁴⁴ *Idem*, fl. 138v.

¹⁴⁵ *Idem*, fls. 42v e 45.

¹⁴⁶ *Idem*, fl. 36.

¹⁴⁷ *Idem*, fls. 36, 44, 46v, 47, 50v e 54.

¹⁴⁸ *Idem*, fls. 42, 44v, 52, 54 e 138.

¹⁴⁹ *Idem*, fls. 138v, 54v e 55.

¹⁵⁰ *Idem*, fls. 36, 38, 38v, 42v, 44, 45, 47v, 52, 53, 53v/54 e 60v.

¹⁵¹ *Idem*, fls. 40 e 44.

cavalar, muar, asinino¹⁵², bovino¹⁵³, suíno¹⁵⁴, assim como patos¹⁵⁵ e galináceos, diversos produtos de origem animal como os ovos¹⁵⁶, o leite, a manteiga, os queijos¹⁵⁷ e ainda à lã¹⁵⁸, cuja referência legitima a nossa suposição de que a criação de gado ovino fosse também uma realidade.

Finalmente, não podemos deixar de mencionar a actividade piscatória, cuja prática se encontrava coutada em determinadas zonas¹⁵⁹, onde estava sujeita à autorização expressa do comendador, de resto, num quadro em tudo idêntico à actividade venatória, nomeadamente a caça às perdizes, cuja prática se encontrava dependente de autorização da Ordem¹⁶⁰.

¹⁵² *Idem*, fl. 141.

¹⁵³ *Idem*, fls. 65, 140v e 141v.

¹⁵⁴ *Idem*, fls. 65, 141 e 141v.

¹⁵⁵ *Idem*, fl. 65.

¹⁵⁶ As referências a galináceos como, por exemplo, os capões e os frangos são recorrentes ao longo de ambos os tomos e o mesmo se aplica aos foros pagos em ovos, pelo que julgamos que seria fastidioso enumerar todas essas ocorrências no presente trabalho.

¹⁵⁷ *Idem*, fl. 141.

¹⁵⁸ *Idem*, fls. 62v e 141.

¹⁵⁹ *Idem*, fls. 141v e 64/64v.

¹⁶⁰ *Idem*, fl. 141v e 64v.

Capítulo 3 – A composição humana nas terras das comendas. Formas de nomear e de identificar.

Os tombos são omissos no tocante ao fornecimento de dados sobre a população local. No entanto, sabemos que em 1527 se realizou um numeramento que apurou a existência de 150 vizinhos na vila de Redinha e seu termo, ou seja, um provável total de 600 habitantes¹⁶¹. Na mesma época, os dados compulsados revelaram que Pombal possuía 516 vizinhos, pelo que a população total rondaria os dois milhares de habitantes¹⁶².

Da leitura dos tombos resulta a constatação da predominância de uma presença maioritária de um conjunto de pessoas do povo, nomeadamente mesteiros, lavradores, almocreves e mercadores entre outros. Contudo, surgem-nos mencionados diversos indivíduos que, face a uma condição económica mais desafogada, dir-se-ia que se constituíam uma ‘*elite social*’¹⁶³ no território das comendas em apreço.

Assim, não poderíamos deixar de notar a referência no tombo da Redinha ao seu comendador e alcaide-mor Frei Lopo Mendes de Oliveira, fidalgo que, na época, era também comendador de Castro Marim¹⁶⁴. Estranhamente os tombos não fazem qualquer menção ao nome do comendador de Pombal¹⁶⁵.

¹⁶¹ FREIRE, Anselmo Braamcamp – Povoação da Estremadura no XVI. século. *Archivo Historico Portuguez*, vol. VI, nº 7, 1908, p. 245.

¹⁶² *Idem*, p. 245-246.

¹⁶³ Tomamos aqui a expressão que se nos deparou em *HOMEM*, Maria Isabel Miguéns de Carvalho – *Antroponímia e Sociedade na Região do Médio Tejo Português*. Casal de Cambra: Editora Caleidoscópio, 2017, p. 34.

¹⁶⁴ AN/TT, *O.C./C.T.*, Livro 308, fls. 138, 139 e 140.

¹⁶⁵ Em SILVA, Isabel Morgado de S. e – *Ordem de Cristo (1417-1521)*, p. 258, encontramos a indicação que nos apresenta a figura de António d’Avivar de Pombal, cavaleiro da Ordem de Cristo, que fazia parte da Mesa Mestral, sem que nos sejam fornecidos dados sobre as fontes utilizadas. No entanto, em VASCONCELOS, António Maria Falcão Pestana de – *Nobreza e Ordens Militares, Relações Sociais e de Poder – Séculos XIV a XVI*. Porto: Fundação Engº António de Almeida, 2012, pp. 450 e 598, encontramos a indicação de que Simão de Sousa Ribeiro, filho de Pedro de Sousa Ribeiro (ramos dos Sousas e dos Vasconcelos) e de Joana Lemos, casou com Catarina Henriques e foi comendador de Pombal, sucedendo a seu pai Pedro de Sousa Ribeiro que falecera em 1505, de resto informação disponível também em http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=1545 (consultado em 28mar18). Estes dados são ainda corroborados por COSTA, Pe. António Carvalho da – *Corografia Portuguesa*, 3 tomos. Lisboa: Oficina de Valentim da Costa Deslandes, 1708, Tomo II, p. 328 e outrossim por SOUSA, D. António Caetano de – *Historia Genealógica da Casa Real Portuguesa*, 13 tomos. Lisboa: Regia Officina Sylviana, 1747, Tomo XII, Parte I, p. 415. Porque não aparece então nomeado o comendador? Porque, de acordo com QUINTELLA, Ignacio da Costa – *Annaes da Marinha Portuguesa*, 2 tomos. Lisboa: Academia das Sciencias de Lisboa, 1839, Tomo I, p. 301, o mesmo fora nomeado para integrar uma expedição militar a Azamor, sob o comando de D. João de Meneses, em cumprimento de ordem régia de 1507 e estaria, por certo, em preparativos para a jornada à data da Visitação. Por último, não queremos deixar de referir que no fl. 46 do tombo pombalense se faz referência a um certo Pêro de Sousa Ribeiro que tinha emprazado

No tombo da Redinha encontramos duas referências a Rodrigo Homem¹⁶⁶, doutor em Leis que frequentara o estudo em Salamanca. Criado do Rei, entre outras funções, desempenhou o cargo de Ouvidor da Casa da Suplicação para que foi nomeado em 20 de Dezembro de 1492 por morte de Pêro Godins. Em 11 de Dezembro de 1495, o doutor Rodrigo Homem foi confirmado no cargo, no qual se manteve em funções até ao seu falecimento no ano de 1513¹⁶⁷.

Entre outros indivíduos de posição social relevante da sociedade pombalense coeva, contavam-se certamente o almoxarife João Afonso¹⁶⁸, bem assim como o tabelião João Dinis¹⁶⁹, Fernão Luís, escrivão do almoxarifado¹⁷⁰ ou ainda Diogo de Almeida, ao tempo escrivão do armazém de Lisboa e cuja mulher, Catarina Botelha, explorava uma propriedade que, mais tarde, passaria para a posse do seu genro João de Barros, feitor da casa da Índia¹⁷¹. Ambos os tombos nos dão nota dos laços familiares que ligavam alguns dos proprietários a pessoas com cargos de relevo, como sucedia com os irmãos Afonso, Gabriel, Gil e Rafael, todos eles filhos do tabelião João Fernandes¹⁷².

Por último, merece-nos atenção D. João Telo, fidalgo terratenente que explorava um olival¹⁷³, de quem sabemos que tinha um criado de nome Pedro Afonso¹⁷⁴. O tombo refere também os nomes de Pedro Eanes¹⁷⁵ e Fernando Afonso¹⁷⁶ que estavam ao seu serviço como seus amos e conhecemos ainda o nome de um antigo criado – Lopo Botelho¹⁷⁷ –, todos eles com terrenos agrícolas cuja exploração lhes estava confiada¹⁷⁸.

uma vinha ao foreiro Lopo Esteves. Infelizmente, a documentação é omissa em dados adicionais que possam determinar de forma indubitável esta situação.

¹⁶⁶ AN/TT, O.C./C.T., Livro 308, fls. 137 e 139.

¹⁶⁷ TESTOS, Jorge Veiga – *Sentenças Régias em tempo de Ordenações Afonsinas (1446-1512). Um Estudo de Diplomática Judicial*. Dissertação de Mestrado em Paleografia e Diplomática apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2011, policopiada, p. 173.

¹⁶⁸ AN/TT, O.C./C.T., Livro 308, fls. 41, 45, 48, 50, 55 e 56.

¹⁶⁹ *Idem*, fl. 45.

¹⁷⁰ *Idem*, fls. 46, 54v e 57v.

¹⁷¹ *Idem*, fl. 54.

¹⁷² *Idem*, fls. 40, 41v.

¹⁷³ *Idem*, fl. 37.

¹⁷⁴ *Idem*, fl. 34v.

¹⁷⁵ *Idem*, fl. 37.

¹⁷⁶ *Idem*, fl. 52v.

¹⁷⁷ *Idem*, fl. 55.

¹⁷⁸ O documento é omissa em detalhes adicionais acerca de D. João Telo. No decurso da nossa pesquisa, localizámos em AN/TT, *Corpo Cronológico*, Parte I, mc. 9, n.º 73, um alvará de D. Manuel, datado de 30 de Setembro de 1510, no qual o monarca concede aos herdeiros de D. João Telo dois moios e 44 alqueires de trigo.

Pelo múnus específico que desempenhavam, nomeadamente quanto ao ministério dos sacramentos da salvação cristã, parece-nos lícito destacar os diversos membros do clero que naturalmente são mencionados em ambos os tombos.

É, por exemplo, o caso de Frei Diogo da Cunha¹⁷⁹, que integrava o elenco dos visitantes, Frei João Martins, vigário da vila pombalense¹⁸⁰, Frei Afonso, vigário de Tomar¹⁸¹, de diversos clérigos como Álvaro Pires, filho do frade com o mesmo nome¹⁸², Pedro Eanes¹⁸³, Gomes Eanes¹⁸⁴ ou ainda do já citado Rafael Fernandes, filho do tabelião João Fernandes.

Entre outra ‘*gente honrada*’, contavam-se os escudeiros Fernão Gil¹⁸⁵, João Rodrigues¹⁸⁶ e Rui Leitão¹⁸⁷ e, outrossim, surge-nos a referência a familiares do escudeiro Lopo Afonso¹⁸⁸. Surge-nos, enfim, o numeroso grupo das pessoas que, diríamos, pertencia à ‘*gente comum*’ das diversas povoações que integravam as comendas e que nem sempre se afigura fácil distinguir num universo relativamente limitado no espaço e no tempo, mas que ainda assim procuraremos apresentar nas suas características diferenciadoras.

De forma geral, a nomeação dos indivíduos é feita com recurso ao nome próprio¹⁸⁹ e ao patronímico, a que uma e outra vez se juntaram diversos factores de diferenciação. Entre estes constatámos a utilização de elementos de natureza familiar, como é o caso do parentesco de que, no caso de Redinha, nos surgem três referências, conforme gráfico que aqui apresentamos:

¹⁷⁹ AN/TT, O.C./C.T., Livro 308, fls. 37v e 46v e também na nota 26 inserta no fl. 50.

¹⁸⁰ *Idem*, fl. 35.

¹⁸¹ *Idem*, fl. 44v.

¹⁸² *Idem*, fl. 40v.

¹⁸³ *Idem*, fl. 35.

¹⁸⁴ *Ibidem*.

¹⁸⁵ *Ibidem*.

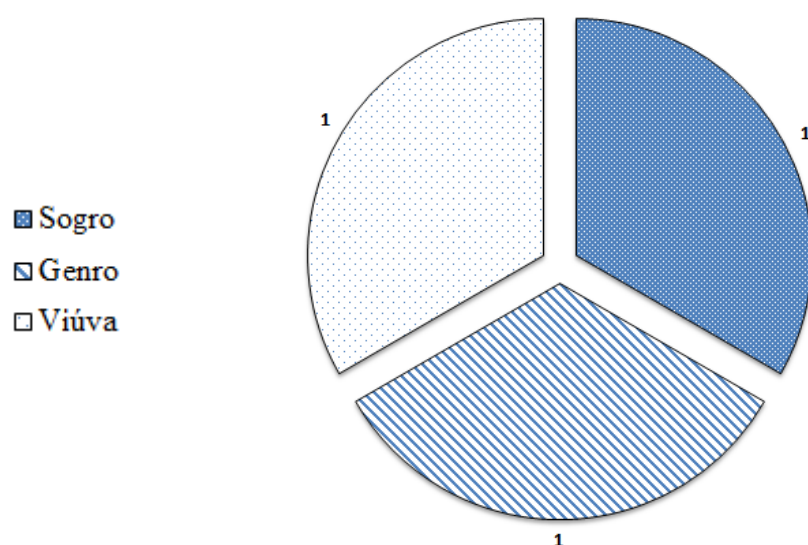
¹⁸⁶ *Idem*, fl. 38v.

¹⁸⁷ *Idem*, fls. 36/36v.

¹⁸⁸ *Idem*, fl. 38v.

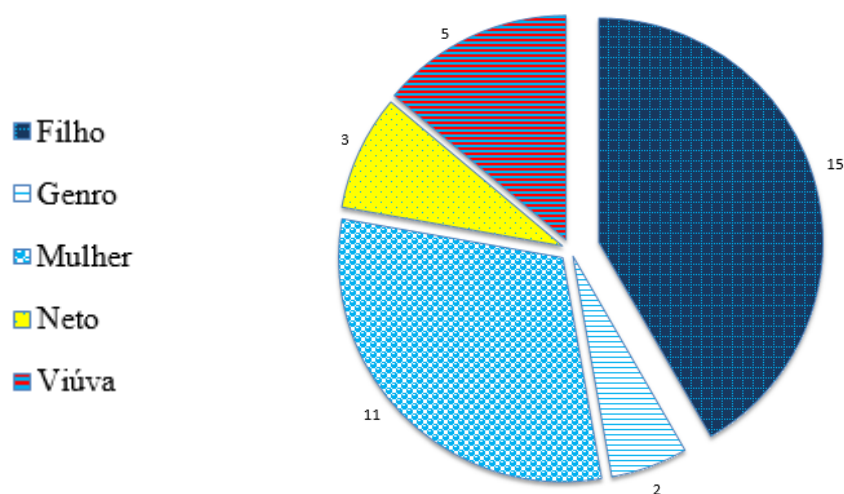
¹⁸⁹ Sobre os diversos aspectos que influenciam a escolha do nome próprio veja-se VASCONCELOS, Leite de – *Antroponímia Portuguesa*, pp. 82-99. Lisboa: Arquimedes Livros, 2ª edição fac-similada, 2005.

Gráfico 1 – Os parentescos mencionados no tombo de Redinha



O tombo pombalense revela-se mais rico de informação neste capítulo, conforme o gráfico seguinte melhor ilustra:

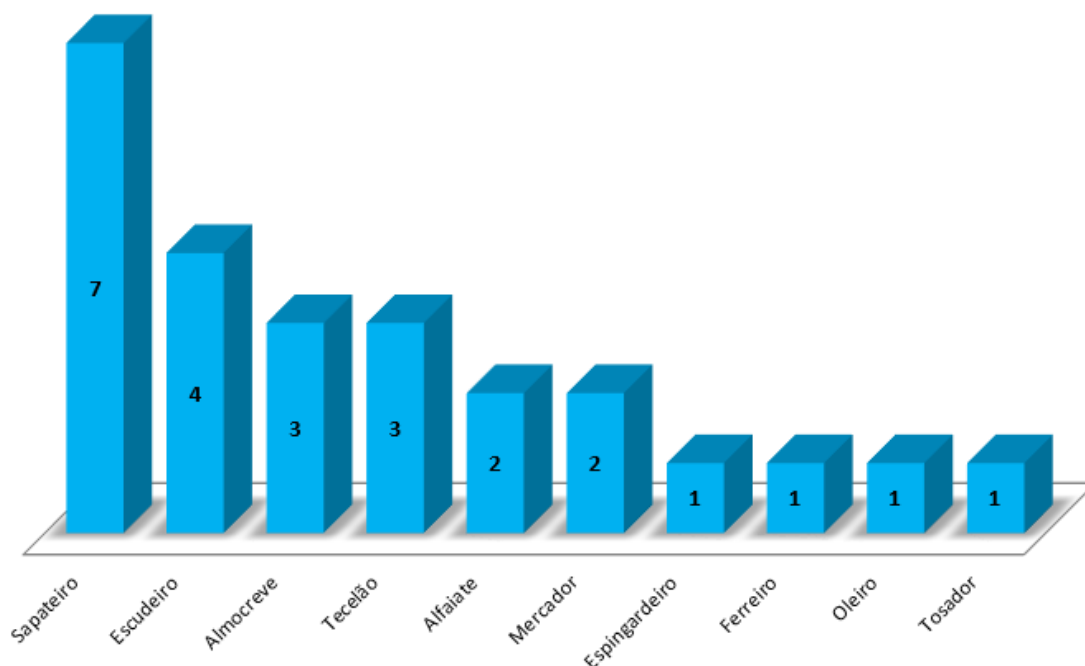
Gráfico 2 – Os parentescos mencionados no tombo de Pombal



Os mesteres e ofícios desenvolvidos constituíam-se também de grande importância e encontrámos ocorrências da sua utilização como factor de identificação e diferenciação em casos de homonímia, como veremos adiante. Se no documento relativo à vila de Redinha apenas encontramos referência a dois moleiros e a outros tantos sapateiros, o

tombo pombalense revela-se-nos de novo mais eloquente, conforme procuramos ilustrar no gráfico seguinte:

Gráfico 3 – Os mesteres / ofícios representados no tombo pombalense



Outrossim, deu-se o recurso a elementos de cariz toponímico, nomeadamente ligados ao local de origem ou de residência da pessoa em causa ou ainda a algum lugar onde a mesma poderia manter algum interesse particular. Por fim, registámos também ocorrências de indivíduos cuja nomeação é feita com recurso a um terceiro onomato, seja em função de um apelido de família, seja com a utilização de alcunhas, termos que especificavam traços característicos das pessoas assim nomeadas e que resultavam de singularidades fisionómicas ou outras e se constituíam em preciosos auxiliares na identificação mais precisa dos indivíduos, nomeadamente em casos diversos casos de homonímia que ocorriam com alguma frequência.

3.1 Redinha – as antroponímias feminina e masculina

O universo feminino								
Nome próprio	Tipologia do Sobrenome			Adjunção tópica	Profissão / Cargo / Ofício	Relação familiar	Situação	Fonte
	Patronímico	Apelido	Alcunha					
Maria	Rodrigues					Viúva de Gonçalo Eanes Cortes		Redinha, fl. 140
*Ana ¹⁹⁰		da Mota				Viúva do doutor Francisco Mendes		Redinha, fl. 142

O universo masculino								
						Herdeiros de João Vaz	Foreiros; moradores em Tapéus	Redinha, fl. 138v
*André ¹⁹¹	Fernandes						Foreiro; morador em Anços	Redinha, fl. 139
Bartolomeu	Afonso						Foreiro; morador em Casal Novo, termo da vila da Redinha	Redinha, fls. 138v / 139

¹⁹⁰ Assinalamos com asterisco um conjunto de indivíduos cujos nomes nos surgem referidos em aditamentos ao documento original.

¹⁹¹ O aditamento refere na sequência da morte de Bartolomeu Afonso, os seus herdeiros não chegaram a acordo entre si sobre a exploração de um pisão que explorava na terra do seu casal na água do ribeiro merdeiro, vindo a vendê-lo a André Fernandes que assumiu o pagamento do foro devido.

Bartolomeu	Afonso			de Anços				Redinha, fl. 138
Diogo	Álvares				Sapateiro		A Santo Aleixo, Louriçal	Redinha, fl. 136v
Diogo	Álvares			Ourão				Redinha, fl. 138
*Diogo (D.)	de Meneses				Antigo comendador e claveiro da Ordem			Redinha, fl. 137
Diogo	Pires				Moleiro	Genro de Rui Soares	Foreiro; morador em Abiul	Redinha, fl. 137
Diogo (fr.)		do Rego			Visitador, bacharel, do Desembargo			Redinha, fl. 136
Francisco (fr.)					Capelão do rei, notário apostólico da Ordem de Cristo e escrivão público da visitação			Redinha, fl. 136
*Francisco (doutor)	Mendes					Falecido; fora casado com Ana da Mota		Redinha, fl. 142

Gonçalo	Eanes	Cortes				Falecido; fora casado com Maria Rodrigues		Redinha, fl. 140
Gonçalo	Eanes	Ribeiro					Foreiro; explorava um pisão que mais tarde desapareceria	Redinha, fl. 137v
*Gonçalo	Gil						Foreiro; morador em Condeixa	Redinha, fl. 142
*João							Foreiro; morador na Redinha;	Redinha, fl. 137
João	Álvares						Antigo foreiro; explorara um pisão que jazia derrubado	Redinha, fl. 137v
João	Álvares				Sapateiro			Redinha, fl. 138
*João		Dórdio					Foreiro	Redinha, fl. 142
João (fr. D.)		Pereira			Visitador, conselheiro do rei e comendador do Pinheiro			Redinha, fl. 136
João	Rodrigues		Calvino				A Santo Aleixo, Lourçal	Redinha, fl. 136v

João	Vaz						Os herdeiros de João Vaz eram foreiros e eram moradores em Tapéus	Redinha, fl. 138v
Jorge	Fernandes			Anços	Moleiro		Rendeiro	Redinha, fls. 137v, 138
*Jusarte	Rodrigues				Escrivão dos contos			Redinha, fl. 137
Lopo	Fernandes			dos Poios				Redinha, fl. 138
Lopo (fr.)	Mendes	de Oliveira			Fidalgo da casa do rei, comendador e alcaide-mor da Redinha			Redinha, fls. 138, 139, 140
Martinho	Eanes						Foreiro; morador em Carvalhal, termo da vila da Redinha	Redinha, fls. 138v, 139v
*Paio	Rodrigues				Antigo contador do Mestrado da Ordem			Redinha, fls. 137, 142
*Pêro	Afonso						Foreiro; morador em Anços	Redinha, fl. 142

*Pêro (D.)		Lobo			Barão de Alvito e vedor da fazenda			Redinha, fl. 137
*Pêro	Luís						Foreiro; morador em Verigo, termo de Pombal	Redinha, fl. 137v
Pêro (fr.)		de Sousa			Antigo visitador da Ordem de Cristo			Redinha, fl. 139
Rodrigo (doutor)		Homem						Redinha, fls. 137, 139
Rui	Soares					Sogro de Diogo Pires	Morador em Abiul	Redinha, fl. 137
*Tristão	Ferreira				Escrivão			Redinha, fl. 137

O tombo da comenda da Redinha começa por elencar as individualidades que integravam o corpo de visitantes, no qual se incluíam frei D. João Pereira, conselheiro de D. Manuel I e comendador do Pinheiro, o bacharel frei Diogo do Rego do seu desembargo, a que se juntava também frei Francisco, capelão do monarca e notário apostólico da Ordem de Cristo¹⁹². Já de início é possível notarmos a ocorrência de diferentes formas de nomeação, com os visitantes a serem nomeados com recurso ao seu nome próprio e apelido, enquanto o capelão real nos surge referido apenas pelo seu nome próprio e múnus exercido.

O nome da única figura feminina mencionada no tombo da Comenda surge-nos composto por dois elementos – nome próprio e patronímico – trata-se de *Maria Rodrigues*, de quem sabemos ser viúva de Gonçalo Eanes Cortes e possuir uma casa de adega na vila¹⁹³. Fruto da longa tradição cristã nacional, o nome próprio feminino *Maria* sempre colheu grande aceitação no território nacional, dada a sua ligação directa à mãe de Cristo¹⁹⁴. Quanto a *Rodrigues*, trata-se de patronímico de *Rodrigo*, nome de origem germânica formado a partir dos étimos *hrod* e *ric*, que significam *glória* e *poderoso* respectivamente¹⁹⁵ e do qual nos surgem diversas ocorrências ao longo do tombo pombalense.

Em adenda posterior à data da elaboração do documento, foi referido também o nome de *Ana da Mota*, de quem sabemos ser viúva do doutor Francisco Mendes, a qual possuía um lagar de azeite¹⁹⁶. Trata-se da única ocorrência deste antropónimo feminino em ambos os tombos e, de acordo com os dados que coligimos, o nome *Ana* forma-se a partir do étimo hebraico *Hannah*, que expressa *graça* e chega até nós por influência das línguas grega e latina¹⁹⁷. Quanto ao apelido *Mota* sugere-se a origem germânica deste apelido, com uma provável raiz no termo *motta*, que significa monte de terra, elevação natural ou artificial¹⁹⁸.

¹⁹² AN/TT, O.C./C.T., Livro 308, fl. 136.

¹⁹³ *Idem*, fl. 139v.

¹⁹⁴ MACHADO, José Pedro – *Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa*, 3 volumes. Lisboa: Livros Horizonte, 2003, 3ª Edição, vol. II, p. 947.

¹⁹⁵ *Idem*, p. 1271.

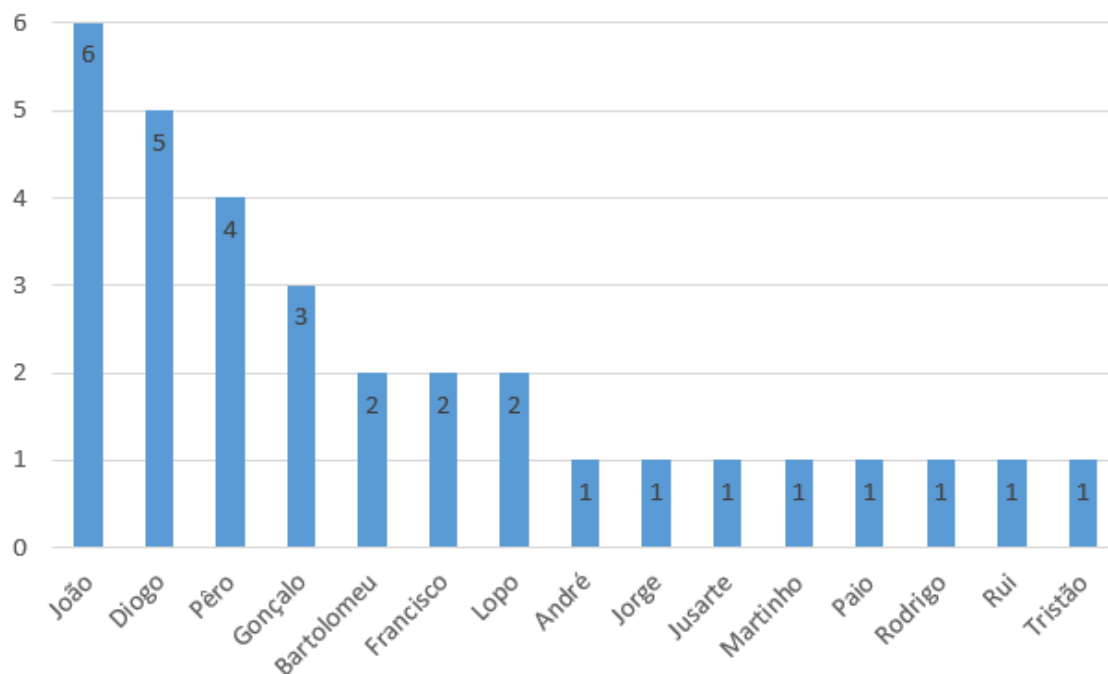
¹⁹⁶ AN/TT, O.C./C.T., Livro 308, fl. 142, nota 14.

¹⁹⁷ MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. I, p. 128.

¹⁹⁸ *Idem*, vol. III, p. 1027.

Quanto à antroponímia masculina, fizemos constar os nomes próprios que surgem no tombo no quadro que se segue:

Quadro 1 – Redinha: antroponímia masculina



Como se verifica no gráfico supra, o nome João é o que surge de forma mais frequente, com um total de seis ocorrências. De origem hebraica, formou-se a partir do étimo *Iohanan*, o qual se presta a várias interpretações como sejam «*que Deus favorece*», «*agraciado por Deus*», «*o Senhor deu graciosamente*», «*cheio de graça divina*». Na tradição cristã, é o nome dado ao Precursor de Cristo e o seu uso generalizou-se em toda a cristandade ocidental¹⁹⁹.

Diogo é o nome próprio masculino que se segue, com cinco atribuições. Formou-se a partir do étimo latino tardio *Dīdācu-* de origem e significação obscuras. Nos séculos XV e XVI surgiu também em Portugal a fórmula *Diego*, provavelmente com origem nos reinos vizinhos²⁰⁰.

O nome próprio *Pêro*, forma proclítica de *Pedro*, onomato que se nos deparará no tombo pombalense, surge associado a quatro indivíduos. Ambos os nomes têm a mesma raiz latina *Petru-*, que derivou do grego *Pétros*, por sua vez uma tradução aproximada do

¹⁹⁹ VASCONCELOS, Leite de – *op. cit.*, p. 39.

²⁰⁰ MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. I, p. 508.

aramaico *Cep(h)as*, que quer significar «*rochedo*». De acordo com a narração bíblica este foi o nome dado por Jesus Cristo a um dos seus Apóstolos, a quem confiaria o governo da Igreja nascente, factor que – cremos –, esteve na origem da sua intensa difusão entre a cristandade ocidental²⁰¹.

Quanto a *Gonçalo*, nome próprio de três indivíduos, evoluiu a partir do étimo *Gundisalvus*. Parece não existirem dúvidas de que *gundi-* é inequivocamente de origem germânica, com a significação de «*batalha*» ou «*combate*», no entanto, a incerteza ainda subsiste quanto ao elemento *-salvus*, cuja origem se mantém por explicar²⁰². Para a divulgação deste onomato contribuiu certamente a figura do beato Gonçalo de Lagos, que exerceu importante acção pastoral em Santarém e Torres Vedras, onde viveu a fase final da sua vida e veio a falecer nesta última cidade, corria o ano de 1422²⁰³.

Com duas ocorrências cada surgem-nos três onomatos: *Bartolomeu*, *Francisco* e *Lopo*. O primeiro correspondia ao nome de um dos primeiros apóstolos de Cristo. De origem semítica, formou-se a partir do nome siríaco *Bartalmái*, composto pelas partículas *bar*, que significa «*filho*» e do antropónimo masculino *Talmái*. Registou-se posteriormente uma evolução através do hebraico, para a fórmula grega *Bartholomaïos* e, enfim, para o latim *Bartholomēus*. Entre nós, o primeiro registo documentado da sua utilização ocorre no século XII com a forma alatinada *Bartolameus*²⁰⁴.

Em relação ao nome próprio Francisco, Leite de Vasconcelos sugere uma latinização do nome étnico *Franco* ou *Franko*, a que se juntou o sufixo germânico *isk*²⁰⁵. Já José Pedro Machado confirma que o termo existia desde tempos que remontam ao século XI como adjectivo conotado com a origem franca, mas sugere também que estamos em presença de uma adaptação portuguesa do antropónimo italiano *Francesco*, que se popularizou na tradição cristã ocidental a partir do século XIII, nomeadamente pela enorme influência da figura carismática de São Francisco de Assis, a que se

²⁰¹ VASCONCELOS, Leite de – *op. cit.*, p. 31. Ver também MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. III, pp. 1165 e 1148.

²⁰² VASCONCELOS, Leite de – *op. cit.*, p. 30. Ver também MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. II, p. 727.

²⁰³ Informação disponível em <https://www.snpcultura.org/> (consultada em 01mai18).

²⁰⁴ VASCONCELOS, Leite de – *op. cit.*, p. 55.

²⁰⁵ VASCONCELOS, Leite de – *op. cit.*, p. 48-49.

seguiriam mais tarde, já no século XVI, outros religiosos cristãos como São Francisco de Sales, São Francisco Xavier e outros²⁰⁶.

Quanto a *Lopo*, que corresponde também ao nome próprio do então comendador, a *Antroponímia Portuguesa*, doravante *AP*, refere que a origem deste antropónimo é obscura²⁰⁷. No *Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa*, doravante *DOELP*, apesar de parecer legítima a hipótese da origem latina a partir do étimo *lupu-*, que quer significar «lobo», o Autor faz referência a Saint Loup, bispo francês da cidade de Troyes do século V, o que nos remete para a possibilidade de uma maior antiguidade do étimo original²⁰⁸.

Quanto aos antropónimos com apenas uma ocorrência, começamos por atentar no antropónimo *André*, ainda bastante frequente na actualidade, tanto como nome próprio, como apelido. Teve a sua origem no étimo grego *Andréas*, que significa «viril», «varonil», com posterior evolução para o latim *Andrēas* e, mais tarde, para o francês *André*²⁰⁹. Era o nome de um dos doze Apóstolos de Jesus Cristo, factor que cremos estar na base da sua difusão entre nós, com a fórmula *Santo André* a surgir também com alguma frequência como topónimo.

Jorge é nome que deriva do étimo de origem francesa *George (s)*, o qual, por sua vez, já evoluíra do latim tardio e do grego, com a significação de «cultivador» ou «agricultor»²¹⁰. Apesar da existência de diversos santos com este nome e da aura de incerteza e mistério que rodeiam a sua vida, foi a enorme popularidade granjeada por um mártir cristão do século IV que viria a impulsionar a propagação deste antropónimo.

Também com *Martinho*, derivação do étimo latino *Martīnu-*, nos damos novamente conta da presença da forte tradição cristã e da influência marcante que dois santos com este nome – São Martinho de Tours e São Martinho de Dume, que viveram nos séculos IV e VI respectivamente –, e que fizeram com que este onomato se popularizasse e chegasse aos nossos dias. Na origem, estamos em presença de um cognome romano

²⁰⁶ MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. II, p. 666.

²⁰⁷ VASCONCELOS, Leite de – *op. cit.*, p. 52.

²⁰⁸ MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. II, p. 894.

²⁰⁹ VASCONCELOS, Leite de – *op. cit.*, p. 27. MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. I, pp. 133-134.

²¹⁰ MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. II, p. 831.

derivado do étimo romano *Mars*, que evoluiu para *Martinus* e de que derivaram também posteriormente o nome próprio Martim ou o patronímico Martins²¹¹.

No tombo da Redinha surge-nos por último o nome masculino *Rui*²¹², que é uma derivação do nome Rodrigo, já mencionado anteriormente²¹³.

Quanto aos onomatos apenas referidos em aditamentos ao tombo, contam-se os seguintes casos:

- *Jusarte*: onomato sobre cuja origem ainda não se chegou a consenso. Surgiu também na forma *Zusarte* e, mais tarde, evoluiu para *Zuzarte*, que ocorre ainda hodiernamente. Numa fase inicial, a sua utilização ocorreu como nome próprio, mas viria posteriormente a ser adoptado como apelido e surgem-nos também casos de utilização na toponímia²¹⁴.
- *Paio*: termo hoje com pouco uso, é uma fórmula popular de Pelágio, étimo de origem greco-latina. Nome de alguns santos do calendário cristão, a *AP* refere tratar-se de um antigo cognome de origem romana, com uma importante presença na toponímia em território nacional²¹⁵.
- *Tristão*: antropónimo com origem no étimo francês *Tristan*. O *DOELP* refere também uma possível influência por via da mitologia celta, a partir do étimo *Drystan*, uma derivação de *Drust*, termo que significa «estrondo», «ruído» ou «tumulto». O termo teve ressonância em romances de cavalaria e chegaria aos nossos dias, de modo especial, como apelido, mas também como topónimo²¹⁶.

Já no tocante aos apelidos, deparamo-nos logo no início do tombo com o onomato *Pereira* referente a um dos visitantes, cuja origem Leite de Vasconcelos refere estar relacionada com o topónimo ainda conhecido na actualidade²¹⁷. O *DOELP* confirma a ocorrência frequente deste termo na toponímia nacional e também na região galega, no entanto, aponta para a utilização do étimo formado a partir do substantivo masculino

²¹¹ VASCONCELOS, Leite de – *op. cit.*, pp. 42, 112, 450. MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. II, pp. 956-957.

²¹² AN/TT, *O.C./C.T.*, Livro 308, fl. 137.

²¹³ VASCONCELOS, Leite de – *op. cit.*, p. 77. MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. III, p. 1284.

²¹⁴ VASCONCELOS, Leite de – *op. cit.*, pp. 524-525. MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. II, p. 839 e vol. III, p. 1503.

²¹⁵ VASCONCELOS, Leite de – *op. cit.*, p. 35. MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. III, p. 1117.

²¹⁶ VASCONCELOS, Leite de – *op. cit.*, p. 57. MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. III, p. 1434. *HOMEM*, Maria Isabel Miguéns de Carvalho – *op. cit.*, p. 75.

²¹⁷ VASCONCELOS, Leite de – *op. cit.*, p. 264.

como antiga alcunha²¹⁸. Quanto ao apelido *Rego* do segundo visitador mencionado, a *AP* refere que o mesmo pertence a uma longa lista de nomes de povoados, sítios, quintas ou propriedades que foram aproveitados para esta finalidade²¹⁹. Já José Pedro Machado refere estudos que apontam para uma origem época pré-romana deste substantivo masculino, o qual viria a ser utilizado como antiga alcunha e que viria a ganhar o estatuto de apelido que ainda ocorre nos nossos dias²²⁰.

Relativamente ao comendador, surge referenciado pelo nome de baptismo, patronímico e apelido: se sobre o nome *Lopo* já nos pronunciámos anteriormente, podemos dizer que com o onomato *Mendes* nos encontramos perante o patronímico de *Mem/Mendo*, cuja origem é obscura²²¹, enquanto o elemento *Oliveira* nos remete para o substantivo masculino, outrora utilizado também como alcunha²²².

No tocante aos apelidos, deparámo-nos com as seguintes ocorrências:

- *Cortes*: apelido de Gonçalo Eanes, já falecido à época da visitação. Plural de *Corte*, o *DOELP* sugere que estamos em presença de uma antiga alcunha que veio a tornar-se apelido²²³.
- *Dórdio*: apelido que a *AP* sugere tratar-se de uma evolução do termo *Dordía* e, mais remotamente, do nome próprio feminino *Doroteia*, santa cristã que seria martirizada no dealbar do século IV²²⁴.
- *Ferreira*: onomato de cariz geográfico com origem no étimo latino *ferrāria*, «mina de ferro». É apelido de Tristão Ferreira, escrivão dos contos que se encontrava ausente em 20 de Setembro de 1536, aquando da realização de nova visitação, pelo que houve necessidade de ser substituído por Jusarte Rodrigues na sua função.

²¹⁸ MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. III, p. 1160.

²¹⁹ VASCONCELOS, Leite de – *op. cit.*, p. 166.

²²⁰ MACHADO, José Pedro – *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte, 1995, vol. V, 7ª edição, p. 65. MACHADO, José Pedro – *Dicionário Onomástico (...)*, vol. III, p. 1250.

²²¹ MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. II, p. 978-979.

²²² MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. III, p. 1092. Sobre os apelidos de origem geográfica e étnica veja-se VASCONCELOS, Leite de – *op. cit.*, pp. 155-175, onde o Autor assinala a frequência com que surgiam nomes de fidalgos constituídos por três elementos: o nome de baptismo, o patronímico e um apelido de cariz geográfico.

²²³ MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. I, p. 455-456.

²²⁴ VASCONCELOS, Leite de, *op. cit.*, p. 545. Do mesmo Autor, veja-se também *Onomatologia*. In *Opúsculos*, vol. III, p. 96. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1931. MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. II, p. 516.

- *Homem*: como já fizemos referência, surge como apelido do doutor Rodrigo Homem²²⁵. Trata-se de um apelido outrora utilizado também como alcunha e que deriva do substantivo masculino, numa clara alusão às características físicas e morais do visado²²⁶.
- *Lobo*: formado a partir do étimo de origem latina *lŭpu*-²²⁷, este onomato insere-se num vasto conjunto de alcunhas e apelidos tomados a partir de espécies animais²²⁸; a única ocorrência que nos surge no tombo dá-se com a referência a um local designado como ‘*Porto de João Lobo*’, sem que nos sejam fornecidos elementos adicionais²²⁹.
- *Luís*: antropónimo com origem no étimo germânico *Ludwig*, a partir de *hlod*, que quer dizer «glória» e *wig* que significa «combate». Mais tarde adaptado ao francês *Louis*, cuja utilização como nome próprio viria a generalizar-se na cristandade ocidental, de modo particular a partir de finais do século XIII, após a morte do rei Luís IX de França que viria a ser canonizado pela Igreja de Roma em 1297, mas que aqui nos surge como apelido²³⁰.
- *Meneses*: termo de origem castelhana onde se divisa uma clara referência de cariz geográfico, nomeadamente com a presença da preposição ‘*de*’²³¹.
- *Ribeiro*: com origem no étimo latino *ripārŭ*-²³²; na AP refere-se que este termo pertence a um grupo de apelidos com um claro cunho geográfico ou étnico, a que poderíamos também juntar os onomatos *Oliveira* e *Sousa*²³³; o documento apresenta-nos Gonçalo Eanes Ribeiro, que sabemos ser um foreiro de Anços que explorava um pisão à data da visitação, mas que aditamento ao documento nos dá conta que o engenho já não existia, embora sejam omitidos outros detalhes.

No grupo de elementos patronímicos, surgiram-nos as seguintes ocorrências:

²²⁵ AN/TT, O.C./C.T., Livro 308, fls. 137 e 139.

²²⁶ VASCONCELOS, Leite de – *op. cit.*, p. 181. MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. III, p. 1250.

²²⁷ MACHADO, José Pedro – *Dicionário Etimológico (...)*, vol. III, pp. 434-435.

²²⁸ VASCONCELOS, Leite de – *op. cit.*, p. 225.

²²⁹ AN/TT, O.C./C.T., Livro 308, fl. 138.

²³⁰ VASCONCELOS, Leite de – *Lições de philologia portuguesa dadas na Biblioteca Nacional de Lisboa*, pp. 434-436. Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1911. MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. II, p. 903.

²³¹ VASCONCELOS, Leite de – *Antroponímia (...)*, pp. 164, 302-303. MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. II, p. 980. Este Autor refere também a utilização deste termo na toponímia.

²³² MACHADO, José Pedro – *Dicionário Etimológico (...)*, vol. V, p. 99.

²³³ VASCONCELOS, Leite de – *op. cit.*, p. 155.

- *Afonso*: onomato muito frequente, quer como patronímico, quer como nome próprio. No caso vertente, surge-nos como patronímico de dois foreiros, ambos de nome próprio *Bartolomeu*, os quais, em virtude da homonímia, surgem distinguidos por referências toponímicas: sabemos assim que um deles era de Anços, enquanto o outro residia em Casal Novo; de origem bastante antiga, o termo *Afonso* terá evoluído a partir do étimo de origem gótica *Hathufuns*, em que o primeiro elemento *athal* ou *edel* significa «nobre», enquanto o elemento *-funs* chega até nós por influência germânica e tem o significado de «pronto»²³⁴.
- *Álvares*: de origem controversa, encontramos-nos perante o patronímico de Álvaro, onomato sobre o qual os estudos realizados parecem não ter chegado ainda a estabelecer de forma concludente a sua origem precisa; o *DOELP* refere como factor primordial da sua difusão, a popularidade do escritor cristão Álvaro de Córdova (séc. IX) e, mais tarde, do beato homónimo (séc. XV, talvez nascido em Lisboa)²³⁵.
- *Eanes*: de acordo com o *DOELP*, estamos na presença de um termo derivado do étimo latino *Iohannici*, o qual, por sua vez é patronímico de *Iohannes*; daqui derivaram também os onomatos *Anes* e *Enes*²³⁶, o primeiro dos quais se nos deparou no tombo de Pombal e sobre o qual atentaremos adiante.
- *Fernandes*: patronímico de Fernando²³⁷, antropónimo que, por sua vez, deriva do gótico *Fredenandus*; o étimo *fridu* significa «paz», enquanto *nanthjan* representa o verbo «ousar», pelo que o nome Fernando pretende expressar a ideia de ‘ousado na paz’ ou ‘ousado pela paz’²³⁸.
- *Gil*: onomato de origem francesa, decorre de uma evolução a partir do étimo latino *Aegidius*, o qual, por seu turno, provém do grego *aigídion* e, embora no caso vertente, o encontremos como patronímico, é corrente ainda nos nossos dias o seu uso, quer como nome próprio, quer como apelido²³⁹.
- *Mendes*: conforme explicitado quando abordámos o nome do comendador, trata-se do patronímico de Mem/Mendo.

²³⁴ VASCONCELOS, Leite de – *op. cit.*, p. 31; MACHADO, José Pedro – *Dicionário Onomástico (...)*, vol. I, p. 55.

²³⁵ VASCONCELOS, Leite de – *op. cit.*, pp. 33, 86; MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. I, pp. 113-114.

²³⁶ MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. II, p. 543.

²³⁷ MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. II, p. 634.

²³⁸ *Ibidem*. Ver também VASCONCELOS, Leite de – *op. cit.*, p. 39.

²³⁹ VASCONCELOS, Leite de – *op. cit.*, p. 46. MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. II, p. 715.

- *Pires*: a exemplo de *Peres*, encontramos na presença de um patronímico de *Pêro*²⁴⁰.
- *Soares*: é o patronímico de *Soeiro*, formado a partir do antigo antropónimo *Soariu-*, cuja origem se nos escapa²⁴¹. A *AP* propõe-nos como explicação a origem gótica a partir do antropónimo *Suario*, cuja evolução nos traria outras variantes²⁴².
- *Vaz*: é patronímico de *Vasco*, termo com provável origem ibérica²⁴³ e de significado obscuro²⁴⁴. O autor remete-nos para a entrada relativa ao antropónimo *Vasco*, onde se explicita a origem e formação de diversos patronímicos comuns, como *Vaz* ou *Vasques*.

Finalmente, não podemos deixar de aludir a João Rodrigues Calvino, mencionado no tombo a propósito dos limites de uma propriedade²⁴⁵, em que o último termo se nos afigura como alcunha atribuída à pessoa em causa. Trata-se de uma palavra derivada do latim *Calvīnus-*, que significa literalmente ‘*um pouco calvo*’²⁴⁶, numa provável alusão à calvície do visado.

²⁴⁰ MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. III, p. 1182.

²⁴¹ MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. III, p. 1358.

²⁴² Ver também VASCONCELOS, Leite de – *op. cit.*, p. 40.

²⁴³ Ver também VASCONCELOS, Leite de – *Onomatologia* (...), pp. 72-74.

²⁴⁴ MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. III, p. 1462.

²⁴⁵ AN/TT, *O.C./C.T.*, Livro 308, fl. 136.

²⁴⁶ MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. I, p. 321.

3.2 Pombal – as antroponímias feminina e masculina

O universo feminino								
Nome próprio	Tipologia do Sobrenome			Adjunção tónica	Profissão / Ofício	Nome do familiar	Situação	Fonte
	Patronímico	Apelido	Alcunha					
						Mulher de Estêvão Gonçalves	Teve terras	Pombal, fl. 51v
						Mulher de João Eanes	Foreira	Pombal, fl. 49v
						Mulher de João Fidalgo	Foreira	Pombal, fl. 40v
						Mulher de João da Serra		Pombal, fl. 42
						Mulher de Nuno Leitão	Foreira	Pombal, fl. 57
						Mulher de Pedro Álvares	Foreira	Pombal, fl. 46v
Beatriz	Álvares		<i>Meirinha</i>				Foreira	Pombal, fl. 49
Beatriz	Álvares							Pombal, fls. 52, 52v
Beatriz	Eanes			da Melga			Foreira	Pombal, fl. 54
Beatriz	Eanes		<i>Maseirinha</i>				Foreira	Pombal, fl. 43v

Beatriz	Fernandes					Viúva de João Fidalgo	Foreira	Pombal, fl. 35v
Beatriz	Martins							Pombal, fl. 52v
Branca	Mendes					Mulher de João Pires		Pombal, fl. 41
Briolanja	Dias						Tem casa e quintal na vila e vinhas no seu termo	Pombal, fls. 34v, 37v
Briolanja	Gomes					Mulher de Lopo Fernandes, sapateiro	Foreira	Pombal, fl. 40v
*Brites	Eanes					Mulher de Afonso Esteves e filha de João Gil da Raposia	Foreira	Pombal, fl. 46v
Catarina	Afonso						À Corrã	Pombal, fl. 38v
Catarina		Botelha				Mulher de Fernão Luís ²⁴⁷	Foreira	Pombal, fl. 44v
Catarina		Coelha				Mulher de Diogo de Almeida, escrivão do armazém de Lisboa	Foreira	Pombal, fl. 54
Constança	Gonçalves							Pombal, fl. 59v

²⁴⁷ Embora o tombo não o especifique, cremos estar em presença de Fernão Luís, escrivão do almoxarifado, de quem surgem diversas referências no tombo pombalense, como constatámos nos fls. 44v, 46, 54v e 57v.

Inês	Gil							Pombal, fl. 45
Inês	Lopes					Inês Lopes e seus herdeiros	Possuíam o casal de João Afonso	Pombal, fl. 46v
*Isabel	Gomes							Pombal, fl. 51v
Isabel	Vaz					Viúva de João do Porto	Foreira	Pombal, fl. 41
Isabel	Vaz						à Rua da Corredoura	Pombal, fl. 58v
Maria	Afonso			da Batalha		Viúva de Afonso Eanes, oleiro		Pombal, fl. 34
Maria	Afonso							Pombal, fls. 48, 52
Maria	Afonso					Mulher de Diogo Gonçalves	Foreira	Pombal, fl. 49v
Maria			<i>Che(i)a</i> ²⁴⁸					Pombal, fl. 37
Maria	Gil							Pombal, fl. 59v
Maria	Pires						Foreira	Pombal, fl. 48
Maria	Pires					Viúva de Diogo de Ourém	Moradora em Trás-os-Matos	Pombal, fl. 51v
Maria (Dona)		Sousa					Foreira	Pombal, fl. 57

²⁴⁸ A designação ‘*maria chea*’ era atribuída a um olival e a um poço. O tombo não nos refere dados adicionais que nos permitam esclarecer cabalmente o seu significado.

Mícia ²⁴⁹	Gil							Pombal, fl. 41v
Violante	Pires					Viúva de Fernão Vaz		Pombal, fl. 59
Violante	Rodrigues					Filha de João Rodrigues	Foreira	Pombal, fl. 50

O universo masculino								
Nome próprio	Tipologia do Sobrenome			Localização	Profissão / Cargo / Ofício	Nome do familiar	Situação	Fonte
	Patronímico	Apelido	Alcunha					
						Filho de João Longo		Pombal, fl. 60
						Filhos de Rodrigo Álvares Machado	Foreiro	Pombal, fl. 44v
						Herdeiros de Álvaro Eanes Barco		Pombal, fl. 38
						Herdeiros de Antão Pires		Pombal, fl. 45v
						Herdeiros da Barregueira		Pombal, fl. 48v
						Herdeiros do Calvo		Pombal, fl. 60
						Herdeiros de Diogo Pires		Pombal, fl. 34v

²⁴⁹ O nome que surge transcrito no documento é ‘*mjllicia*’, no que cremos tratar-se de lapso do escrivão.

						Herdeiros de Diogo Pires, sapateiro		Pombal, fl. 35
						Herdeiros de Domingos Gonçalves		Pombal, fls. 46/46v
						Herdeiros de Fernando Eanes, foreiro		Pombal, fls. 44v, 59
						Herdeiros de Flandres		Pombal, fl. 36
						Herdeiros de Gomes Eanes Rico		Pombal, fl. 36
						Herdeiros de João Abade		Pombal, fl. 59v
						Herdeiros de João Álvares		Pombal, fl. 61
						Herdeiro de João das Bouças ²⁵⁰		Pombal, fl. 61v
						Herdeiros de João Domingues	Foreiros	Pombal, fl. 59v
						Herdeiros de João Lourenço		Pombal, fl. 61
						Herdeiros de João Rodrigues		Pombal, fl. 59

²⁵⁰ De referir a ocorrência do topónimo Boiças na freguesia de Vila Cã, conforme podemos constatar no anexo XI, pelo que não será de excluir a possibilidade de nos encontrarmos perante uma adjunção tópica.

						Herdeiros do escudeiro Lopo Afonso		Pombal, fl. 38v
						Herdeiro de Lopo de Crasto		Pombal, fl. 61v
						Herdeiros de Pêro Gonçalves		Pombal, fl. 58v
						Herdeiros de Rodrigo Eanes		Pombal, fl. 59v
						Herdeiros da Trinqueira		Pombal, fl. 39
			<i>Calvo</i>			Falecido		Pombal, fl. 60
			<i>Chumbeiro</i>			Falecido?	Teve uma adeça	Pombal, fl. 34
			<i>Crespo</i>				Falecido? Teve um casal	Pombal, fl. 47
			<i>Espanhol</i>					Pombal, fl. 60
			<i>Farinheiro</i>			Falecido?	Teve uma herdade	Pombal, fl. 59v
			<i>Gaiteiro</i>					Pombal, fl. 60
			<i>Matoso</i>					Pombal, fl. 60
			<i>Perdigão</i>			Falecido?	Teve vinhas	Pombal, fl. 40
			<i>Rosado</i>					Pombal, fl. 42

			<i>Safoeiro</i>			Falecido?	Teve duas oliveiras	Pombal, fl. 38v
Afonso (fr.)					Vigário de Tomar			Pombal, fl. 44v
Afonso	Álvares							Pombal, fl. 37
Afonso	Álvares			do Escoural				Pombal, fl. 57v
Afonso	Álvares		<i>Gotoso</i>				Foreiro	Pombal, fl. 42v
Afonso			<i>Boldrido</i>				Foreiro	Pombal, fl. 49
Afonso	Eanes				Alfaiate		Foreiro	Pombal, fls. 42v/43
Afonso	Eanes				Almocreve			Pombal, fl. 35
Afonso	Eanes							Pombal, fl. 47v
Afonso	Eanes				Oleiro	Falecido; fora casado com Maria Afonso da Batalha		Pombal, fl. 34
Afonso	Eanes		<i>Boldrido</i>	dos Casais				Pombal, fl. 47v
Afonso	Eanes	Nicolau						Pombal, fl. 53
Afonso	Esteves					Marido de Beatriz Eanes		Pombal, fl. 46v

Afonso	Fernandes					Filho de João Fernandes, tabelião	Foreiro	Pombal, fl. 40
Afonso	Gonçalves					Neto de Gonçalo de Verigo		Pombal, fl. 39
Afonso	Gonçalves						Foreiro	Pombal, fl. 41v
Afonso	Gonçalves			de Trás-os-Matos				Pombal, fl. 47v
Afonso	Gonçalves							Pombal, fl. 52
Afonso				da Gaia			Foreiro	Pombal, fl. 56v
Afonso	Lopes			do Avelal			Foreiro	Pombal, fl. 56v
Afonso	Lopes							Pombal, fl. 51v
Afonso	Pires					Filho de Estêvão Pires	Foreiro	Pombal, fl. 56v
Afonso	Pires			de Chão do Ulmeiro			Foreiro	Pombal, fl. 55v
Afonso	Vaz							Pombal, fl. 49v
Afonso	Vaz			da Maçoeira			Foreiro	Pombal, fl. 51
Afonso	Vicente			de Vermoil			Foreiro	Pombal, fl. 57
Aires		de Almada			Desembargador e juiz dos			Pombal, fl. 64

					agravos e dos seus feitos			
Álvaro	Afonso					Falecido?	Teve um moinho	Pombal, fl. 57v
Álvaro	Dias			do Verigo				Pombal, fl. 54v
Álvaro	Domingues			do Verigo				Pombal, fl. 52v
Álvaro	Eanes			(do) Barco		Falecido		Pombal, fls. 38, 40
Álvaro	Eanes				Oleiro			Pombal, fl. 53v
Álvaro	Eanes		<i>Lourinho</i>					Pombal, fls. 38v, 58v
Álvaro	Eanes		<i>Perdigão</i>					Pombal, fl. 46v
Álvaro			<i>Franco</i>	da Calvaria				Pombal, fl. 60v
Álvaro	Martins			de Trás-os- Matos				Pombal, fl. 52
Álvaro				da Mata			Foreiro	Pombal, fl. 60v
Álvaro	Pires				Clérigo	Filho de Álvaro Pires, frade	Foreiro	Pombal, fl. 40v
André	Eanes			da Cançaria			Foreiro	Pombal, fls. 48, 50

*Antão ²⁵¹	Gomes							Pombal, fl. 51v
Antão	Gomes						Foreiro	Pombal, fl. 38
Antão	Gomes			de Pombal				Pombal, fl. 51v
Antão	Pires					Falecido		Pombal, fl. 45v
Antão	Valadares							Pombal, fls. 51v, 53
Antão	Vaz			da Maçoeira			Foreiro	Pombal, fl. 38v
*António	Fernandes			da Melga				Pombal, fl. 46v
Bartolomeu	Rodrigues							Pombal, fl. 52v
Brás	Eanes							Pombal, fl. 52
Brás	Vaz							Pombal, fl. 55v
Cristóvão		Sousa					Foreiro	Pombal, fl. 57v
Diogo (D.)					Duque de Viseu, Governador do Mestrado			Pombal, fl. 37
Diogo	Afonso				Tecelão			Pombal, fl. 53v

²⁵¹ A exemplo do que já sucedeu com o termo de Redinha, apresentam-se precedidos de asterisco os indivíduos cujos nomes surgem em aditamentos ao tombo original.

Diogo		de Almeida			Escrivão do armazém de Lisboa	Marido de Catarina Coelho		Pombal, fl. 54
Diogo	Álvares							Pombal, fl. 36
Diogo ²⁵²		da Cunha			Visitador			Pombal, fls. 37v, 46v
*Diogo (fr.) ²⁵³		da Cunha						Pombal, fl. 50
Diogo	Domingues		<i>Tenreiro</i>					Pombal, fl. 45
Diogo	Eanes					Filho de João Lameiro		Pombal, fl. 51
Diogo	Gil							Pombal, fls. 36, 41v, 45, 58v
Diogo	Gonçalves			de Ourém			Foreiro	Pombal, fl. 50
Diogo	Gonçalves					Marido de Maria Afonso		Pombal, fl. 49v
Diogo				de Ourém		Falecido; fora casado com Maria Pires,		Pombal, fl. 51v

²⁵² Cremos que este indivíduo seja o mesmo que é referido numa carta de armas passada por D. Manuel a um certo Diogo da Cunha, fidalgo da Casa Real e morador em Montemor-o-Novo, filho de Vasco da Cunha e neto de Vasco Fernandes da Cunha, a qual se encontra datada de 3 de Outubro de 1510 (AN/TT, *Cartas de Armas* 1509-1825, Caixa 2, nº 11).

²⁵³ Frei Diogo da Cunha fora comendador de Casével e visitador da Ordem de Cristo, como podemos ver em PEREIRA, Isaiás da Rosa – Visitas paroquiais nos séculos XIV, XV e XVI. *Lusitania Sacra*, 2ª Série, Tomo IV, 1992, p. 316.

						moradora em Trás-os-Matos		
Diogo	Pires					Falecido		Pombal, fl. 34v
Diogo	Pires				Mercador		Foreiro	Pombal, fl. 38
Diogo (fr.)		do Rego			Visitador, bacharel do Desembargo do rei			Pombal, fl. 32
Diogo		de Valadares						Pombal, fls. 37, 38v, 53, 55
Domingos	Álvares			de Sourão				Pombal, fl. 50
Domingos	Gonçalves					Falecido		Pombal, fls. 46/46v
Domingos	Martins						Foreiro	Pombal, fl. 50
Duarte		da Cunha					Foreiro	Pombal, fl. 58
Duarte	Rodrigues			de Garriapa				Pombal, fl. 51
Estêvão	Gonçalves					Sabemos que era casado		Pombal, fl. 51v
Estêvão	Pires					Pai de João Pires		Pombal, fl. 56v

Estêvão	Pires						Foreiro; morador no termo de Leiria	Pombal, fl. 57
Fernando (Infante D.)								Pombal, fl. 53
Fernando	Afonso				Tecelão		Foreiro	Pombal, fl. 41
Fernando	Afonso						Amo de D. João Telo	Pombal, fls. 42v, 52v
Fernando	Álvares							Pombal, fl. 53
Fernando	Eanes							Pombal, fls. 35v, 53
Fernando	Eanes			da Rua do Rio				Pombal, fl. 39
Fernando	Eanes						Tem herdeiros	Pombal, fls. 44v, 59
Fernando	Eanes					Filho de João Eanes	Foreiro	Pombal, fl. 49v
Fernão	Álvares						Foreiro	Pombal, fl. 46
Fernão	Gil							Pombal, fls. 44v, 52v, 53, 54v, 56
Fernão	Gil				Escudeiro			Pombal, fl. 35

Fernão	Gonçalves						Teve uma vinha e oliveiras	Pombal, fl. 37v
Fernão	Gonçalves							Pombal, fl. 60v
Fernão	Lopes						Foreiro	Pombal, fl. 54
Fernão ²⁵⁴	Luís				Escrivão do almoxarifado			Pombal, fls. 46, 54v, 57v
Fernão	Martins						Foreiro	Pombal, fl. 60
Fernão	Pires			da Ponte			Foreiro	Pombal, fl. 46v
Fernão	Rodrigues						Foreiro; morador em Cançaria	Pombal, fl. 60v
Fernão	Vaz					Falecido; fora casado com Violante Pires e era pai de Pêro Fernandes		Pombal, fls. 35, 59
Francisco (fr.)					Capelão do Rei, notário apostólico da Ordem de Cristo e escrivão			Pombal, fl. 32

²⁵⁴ Seria marido de Catarina Botelha? Parece-nos uma forte possibilidade que se nos coloca, face à indicação que nos surge no fl. 44, onde se refere que esta era casada com Fernão Luís, embora sem indicação mais precisa que, de facto, nos assegure que assim seja.

					público da visitação			
* Francisco	Nunes						Morador em Seiça, termo de Ourém	Pombal, fl. 41
Gabriel	Fernandes					Filho de João Fernandes, tabelião	Foreiro	Pombal, fl. 40
Gil	Afonso			do Escoural				Pombal, fl. 45v
Gil	Fernandes					Filho de João Fernandes, tabelião	Foreiro	Pombal, fl. 41v
Gil	Lourenço						Foreiro	Pombal, fls. 36, 37, 58, 60
Gil	Martins						Foreiro	Pombal, fl. 43v
Gil	Martins		<i>Prazeres</i>				Foreiro	Pombal, fl. 40v
Gil	Vicente							Pombal, fl. 61
Gomes			<i>Abade</i>					Pombal, fl. 60
Gomes	Eanes				Clérigo			Pombal, fl. 35
Gomes	Eanes		<i>Rico</i>			Falecido		Pombal, fl. 36
Gonçalo			<i>Abade</i>					Pombal, fl. 60

Gonçalo	Eanes			da Praça			Foreiro	Pombal, fls. 34v, 38
Gonçalo	Eanes			da Arroteia			Foreiro	Pombal, fls. 49v e 54v
Gonçalo	Fernandes						Foreiro	Pombal, fl. 59v
Gonçalo	Gil						Foreiro	Pombal, fls. 40v/41
Gonçalo	Pires		<i>Remesse</i>					Pombal, fl. 47
Gonçalo	Pires			dos Casais				Pombal, fl. 47
Gonçalo	Pires				Tecelão			Pombal, fl. 52v
Gonçalo	Pires			de Pelariga			Foreiro	Pombal, fl. 55
Gonçalo	Rodrigues				Ferreiro		Rendeiro	Pombal, fl. 34
Gonçalo	Vaz						Foreiro	Pombal, fl. 41
Gonçalo				de Verigo		Avô de Afonso Gonçalves		Pombal, fl. 39
Gonçalo				de Viseu			Foreiro	Pombal, fl. 38v
*João III (D.)								Pombal, fl. 54
João			<i>Abril</i>				Foreiro	Pombal, fl. 58v

João	Afonso			de Cançaria			Foreiro	Pombal, fl. 53v
João	Afonso							Pombal, fl. 46v
João	Afonso				Almoxarife			Pombal, fls. 41, 45, 48, 50, 55 e 56
João	Afonso			da Ranha				Pombal, fl. 46
João	Afonso			do Souto			Rendeiro	Pombal, fl. 52
João	Afonso			de Touril			Foreiro	Pombal, fls. 50v, 57
João	Álvares		<i>Ameixieiro (do Mixieiro)</i>	dos Casais				Pombal, fls. 51/51v
João	Álvares			da Ameixieira			Foreiro	Pombal, fl. 55v
João	Álvares			da Melga				Pombal, fl. 46
João	André				Sapateiro			Pombal, fl. 38v
João				da Garriapa				Pombal, fl. 59v
João			<i>Grande</i>	dos Casais				Pombal, fls. 47v, 59

João	Brás							Pombal, fl. 35v, 59v
João	Brás			do Alvorge				Pombal, fl. 49v
João	Dias					Filho do prior das Colmeias		Pombal, fl. 49v
João	Dias					Genro de João Pequeno	Foreiro	Pombal, fl. 58
João	Dinis							Pombal, fls. 38, 43v, 53v, 54v
João	Dinis				Tabelião			Pombal, fl. 45
João	Domingues							Pombal, fl. 60
João	Eanes					Filho de João Lameiro		Pombal, fl. 51
João	Eanes		<i>Moleira</i>				Foreiro	Pombal, fl. 57
João	Eanes				Alfaiate		Foreiro	Pombal, fl. 57v
João	Eanes			do Escoural			Foreiro	Pombal, fl. 57v
João	Eanes				Cavaleiro			Pombal, fl. 60
João	Eanes					Sabemos que era casado		Pombal, fl. 49v
João	Eanes					Pai de Fernando Eanes		Pombal, fl. 49v

João	Estevéns						Foreiro	Pombal, fl. 58v
João	Esteves						Foreiro	Pombal, fl. 58v
João	Fernandes		<i>Machado</i>					Pombal, fls. 39, 53
João	Fernandes				Tabelião	Pai dos irmãos Afonso, Gabriel, Gil e Rafael Fernandes		Pombal, fls. 40 e 41v
João			<i>Fidalgo</i>			Falecido; fora casado com Beatriz Fernandes;		Pombal, fls. 35v e 40v
João			<i>Frade</i>					Pombal, fl. 60v
João			<i>Freire</i>				Foreiro	Pombal, fl. 60v
João	Gil			dos Murtais			Foreiro	Pombal, fl. 46v
João	Gil			da Raposia		Pai de Beatriz Eanes		Pombal, fl. 46v
João	Gomes			de Carvalhais				Pombal, fl. 45
João	Gomes							Pombal, fl. 55
João	Gomes							Pombal, fl. 61
João	Gonçalves						Foreiro	Pombal, fl. 60v

João	Gonçalves					Pai de Martim Gonçalves	Foreiro	Pombal, fl. 60v
João			<i>Grande</i>	dos Casais			Foreiro	Pombal, fl. 59
João				de Horta			Foreiro	Pombal, fl. 59v
João			<i>Infante</i>				Foreiro	Pombal, fl. 60
João			<i>Lameiro</i>			Pai de Diogo Eanes		Pombal, fl. 51
João	Lopes				Sapateiro			Pombal, fl. 34
João	Lourenço							Pombal, fl. 52v
João	Lourenço			de Redinha				Pombal, fl. 55
João	Luís				Escrivão			Pombal, fl. 47
João (fr.)	Martins				Vigário da vila de Pombal			Pombal, fl. 35
João	Martins							Pombal, fls. 41, 59
João	Martins				Almocreve		Foreiro; morador na aldeia	Pombal, fl. 57v
João		Matos						Pombal, fl. 59v
João (fr. D.)		Pereira			Conselheiro do Rei e			Pombal, fl. 32

					comendador do Pinheiro Grande			
João	Pires				Sapateiro			Pombal, fls. 38v, 40v
João	Pires					Marido de Branca Mendes	Foreiro	Pombal, fl. 41
João	Pires			do Outeiro				Pombal, fl. 48
João	Pires							Pombal, fl. 51v
João	Pires					Filho de Estêvão Pires	Foreiro	Pombal, fl. 56v
João				da Ponte	Criado de Nuno Botelho			Pombal, fl. 53v
João				do Porto		Falecido; fora casado com Isabel Vaz		Pombal, fl. 41
*João				da Raposia				Pombal, fl. 50
João	Rodrigues							Pombal, fl. 37
João	Rodrigues				Escudeiro			Pombal, fl. 38v
João	Rodrigues					Herdeiro de Pêro André		Pombal, fl. 38v
João	Rodrigues						Foreiro	Pombal, fl. 60
João	Rodrigues					Pai de Violante Rodrigues		Pombal, fl. 50

João				da Rua			Foreiro	Pombal, fl. 54v
João ²⁵⁵				da Serra				Pombal, fls. 37v, 42
João (D.)		Telo						Pombal, fl. 37, 43v, 52v e 54v
João				do Vale				Pombal, fl. 52
João	Vaz							Pombal, fl. 60
*Jorge		Barbosa				Juiz dos órfãos de Coimbra		Pombal, fl. 42
Lopo	Afonso						Foreiro	Pombal, fl. 37
Lopo	Afonso			da Infesta				Pombal, fl. 50
Lopo	Afonso	Botelho			Amo que foi de D. João Telo			Pombal, fl. 55
Lopo				de Crasto	Falecido			Pombal, fl. 61v
Lopo	Esteves							Pombal, fl. 46
Lopo	Esteves							Pombal, fl. 60

²⁵⁵ O tombo menciona indirectamente este indivíduo em duas ocasiões: no fl. 37v refere-se uma vinha explorada pela sua filha; no fl. 42 diz-se que a mulher do indivíduo explorava diversas vinhas, sem que nos sejam fornecidos outros detalhes.

Lopo	Fernandes					Marido de Briolanja Gomes	Sapateiro	Pombal, fl. 40v
Lopo			<i>Leitão</i>				Foreiro	Pombal, fl. 42v
Lopo	Martins						Rendeiro	Pombal, fl. 37v
Lopo		de Valadares				Lopo de Valadares e seus herdeiros		Pombal, fl. 35
Lourenço	Domingues						Foreiro	Pombal, fl. 60
Lourenço	Eanes			dos Carvalhais			Foreiro	Pombal, fl. 54
Lourenço	Eanes							Pombal, fl. 61
Lourenço	Geraldes							Pombal, fl. 52
Lourenço	Gil							Pombal, fl. 60
*Lourenço	Pires						Foreiro; morador em Pombal	Pombal, fl. 55
Lourenço	Rodrigues			da Barregueira				Pombal, fl. 48v
Martim	Estevéns				Tosador			Pombal, fl. 59v
Martim	Gil			de Trás-os- Matos				Pombal, fl. 50v
Martim	Gomes							Pombal, fl. 47

Martim	Gonçalves				Almocreve			Pombal, fl. 35
Martim	Gonçalves							Pombal, fl. 35v
Martim	Gonçalves						Foreiro	Pombal, fl. 41
Martim	Gonçalves						Foreiro	Pombal, fl. 44
Martim	Gonçalves					Filho de João Gonçalves	Foreiro	Pombal, fl. 60v
Martim	Gonçalves							Pombal, fl. 60v
Martim	Lourenço							Pombal, fl. 52v
Martim		Maia						Pombal, fl. 45v
Martim			<i>Maio</i>					Pombal, fl. 46
Martim	Vicente					Avô de Pedro Afonso Comieiro		Pombal, fl. 49v
Martinho	Eanes			de Trás-os- Matos				Pombal, fl. 49
Martinho	Eanes						Foreiro	Pombal, fl. 50
Miguel	Eanes							Pombal, fl. 43v
Nicolau	Rodrigues			de Abiul			Foreiro	Pombal, fl. 57
Nuno		Botelho						Pombal, fl. 34v, 37

Nuno		Botelho		que foi dos Pinhoeiros		Falecido		Pombal, fl. 52
Nuno	Gonçalves						Foreiro	Pombal, fl. 55
Nuno			<i>Leitão</i>			Provavelmente falecido		Pombal, fl. 57
Pedro	Afonso					Criado de D. João Telo	Foreiro	Pombal, fls. 34v, 35
Pedro	Afonso				Mercador			Pombal, fl. 34v
Pedro	Afonso				Sapateiro			Pombal, fl. 37v, 42
Pedro	Afonso					Criado do Marquês		Pombal, fl. 44
Pedro	Afonso					Genro do vigário	Foreiro	Pombal, fl. 58v
Pedro	Afonso							Pombal, fls. 58v, 59v
Pedro	Afonso		<i>Comieiro</i>			Neto de Martim Vicente	Foreiro	Pombal, fl. 49v
Pedro	Afonso		<i>Maçono</i>				Foreiro	Pombal, fl. 42v
Pedro	Álvares					Sabemos que era casado		Pombal, fl. 46v
Pedro	Eanes				Clérigo			Pombal, fl. 35
Pedro	Eanes					Amo de D. João Telo		Pombal, fl. 37

Pedro	Eanes							Pombal, fls. 49, 60v
Pedro	Eanes			de Guistola				Pombal, fl. 53v
Pedro	Eanes							Pombal, fl. 53
Pêro	André					Provavelmente falecido		Pombal, fl. 38v, 39
Pêro			<i>Cinza</i>					Pombal, fl. 42v
Pêro				de Coimbra			Foreiro	Pombal, fl. 37v
Pêro	Dias						Foreiro	Pombal, fls. 43, 52
Pêro	Fernandes					Filho de Fernão Vaz		Pombal, fl. 35
Pêro	Fernandes						Foreiro	Pombal, fl. 43
Pêro	Gomes						Foreiro	Pombal, fl. 61
Pêro	Martins							Pombal, fl. 52v
Pêro ²⁵⁶		Mote? Neto?						Pombal, fl. 58
Pêro		Sousa			Visitador			Pombal, fl. 41

²⁵⁶ O texto apresenta-nos o indivíduo nomeado nas duas formas, sem que nos seja possível indicar de forma mais exacta a sua identificação.

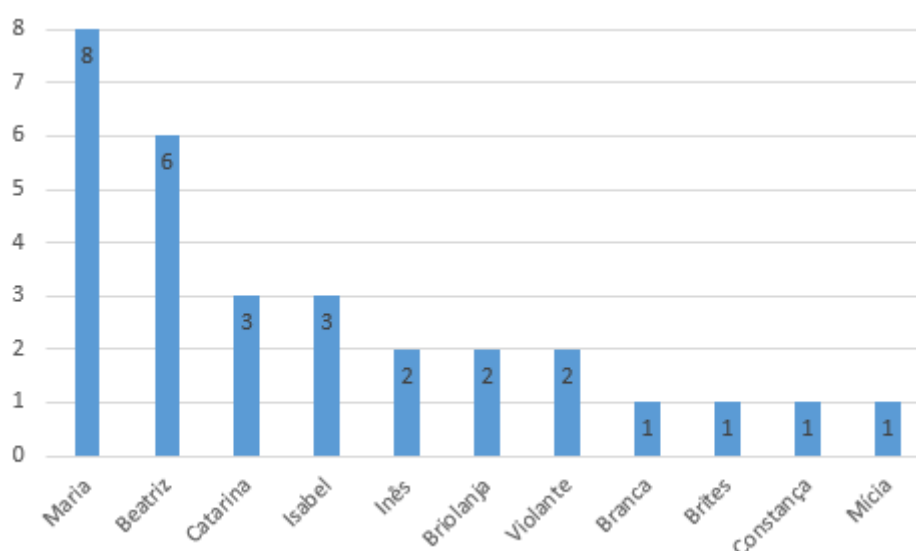
Pêro		Sousa Ribeiro						Pombal, fl. 46
Pêro	Vaz			da Rua do Rio			Foreiro	Pombal, fl. 42v
Rafael	Fernandes				Clérigo	Filho de João Fernandes, tabelião		Pombal, fl. 40
Rodrigo	Afonso		<i>Garamel</i>				Os filhos exploravam moinhos	Pombal, fl. 58
Rodrigo	Afonso						Foreiro	Pombal, fl. 60
Rodrigo	Álvares						Foreiro	Pombal, fls. 39, 58, 59
Rodrigo	Álvares				Espingardeiro		Foreiro	Pombal, fl. 45
Rodrigo	Álvares		<i>Machado</i>			Falecido		Pombal, fl. 44v
Rui	Gomes			de Touril				Pombal, fl. 51
Rui			<i>Leitão</i>		Escudeiro		Foreiro; morador na vila de Pombal	Pombal, fls. 36, 36v
Rui	Pires							Pombal, fl. 53
Rui			<i>Velho</i>				Foreiro	Pombal, fl. 43

Sebastião	Gonçalves							Pombal, fls. 37, 55v
Sebastião (Bastiam)	Gonçalves					Herdeiro de Pêro André		Pombal, fl. 39
Sebastião (Bastiam)	Gonçalves							Pombal, fls. 43v, 53
Sebastião	Pires							Pombal, fl. 53v
*Simão		de Sousa					Possuidor de uma vinha	Pombal, fl. 41v, 51v
Vasco		Botelho					Foreiro; morador em Soure	Pombal, fl. 34v, 53
Vasco		Botelho						Pombal, fl. 37, 38v
Vasco	Pires				Sapateiro		Rendeiro	Pombal, fl. 35v, 38v

A exemplo da vila de Redinha, o documento relativo ao tombo pombalense inicia-se com a referência ao conjunto de personalidades que integravam o corpo de visitantes e, como seria de esperar, oferece-nos uma maior riqueza na diversidade e expressividade verificadas nas antroponímias masculina e feminina.

Neste último campo, se no tombo da comenda de Redinha apenas referenciámos o nome de duas mulheres, já no caso de Pombal deparámo-nos com um total de 37 mulheres, de que conhecemos o nome de trinta, com as restantes seis a serem identificadas por laços de parentesco matrimonial, como, de resto, podemos constatar no quadro que anexamos:

Quadro 2 – Pombal: antroponímia feminina



Da leitura do quadro ressalta, logo à partida, a constatação da predominância do antropónimo *Maria*, sobre cuja etimologia já nos debruçámos ao analisarmos os nomes constantes no tombo de Redinha, que em Pombal conta oito ocorrências.

Como se pode constatar, encontramos diferentes casos de homonímia com quatro mulheres de nome *Maria Afonso* e duas de nome *Maria Pires*, em que a distinção entre si, como referimos anteriormente, ocorre pela adição de diferentes elementos. Assim, temos dois indivíduos a cujos nomes foram aditadas adjunções tópicas como elemento distintivo e noutras três situações surgem-nos referidos os nomes dos cônjuges, dois dos quais já falecidos.

De referir que o tombo faz referência a um ‘*olival da hordem que se chama de maria chea*’ e também ao ‘*poço de maria chea*’, sem que nos sejam transmitidos outros dados, pelo que se nos afigura possível inferir estarmos em presença de uma indicação de personalidade feminina, quiçá antiga proprietária ou foreira a quem fora confiada a exploração do olival e poço que aqui surgem mencionados²⁵⁷.

Logo depois, verificamos que o nome *Beatriz* é o que regista maior número de menções com seis indivíduos assim nomeados. Estamos em presença de um antropónimo de provável origem no étimo italiano *Beatrice* que, por sua vez, será oriundo do latim *beatrīce*-, de *beāre*, ou seja, ‘*aquela que faz feliz alguém*’²⁵⁸. Como se pode verificar, também aqui ocorrem casos de homonímia como é o caso de duas mulheres chamadas *Beatriz Álvares*, com uma delas a ser designada como a ‘*meirinha*’, numa provável atribuição de alcunha à pessoa em causa²⁵⁹. Duas são as mulheres chamadas *Beatriz Eanes*: constatámos que num dos casos houve recurso a uma adjunção tópica e no outro se fez menção à relação de parentesco. A última pessoa surge também nomeada como ‘*a maseirinha*’, sem que nos sejam disponibilizados outros dados. O *DOELP* indica-nos a existência do topónimo Maceirinha na região de Leiria²⁶⁰, pelo que julgamos que não será de desprezar a possibilidade de estarmos em presença de uma alcunha de cariz geográfico. Quanto a *Martins*, elemento integrante do nome destas mulheres, encontramos-nos em presença do patronímico de Martim, forma proclítica de Martinho.

O nome *Catarina* é o que se segue, com três personalidades femininas assim nomeadas: termo cujo étimo latino *Catharina* se inspira na figura de uma mártir cristã de Alexandria do início do século IV e que deriva da palavra grega *kathará* que significa «*pura*», «*casta*»²⁶¹. Sabemos que uma das mulheres era casada com Fernão Luís e dava

²⁵⁷ MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. I, p. 404 assinala a existência do topónimo *Cheira* na região de Pombal, o qual, de resto, é frequente em território nacional. O Autor refere também que o termo *Cheira* se refere a uma antiga alcunha, explicação que coincide com a que encontrámos em VASCONCELOS, Leite de – *Antroponímia (...)*, p. 27. Na freguesia de Meirinhas ainda se verifica o topónimo Rua da Cheira, conforme podemos verificar no anexo VI.

²⁵⁸ MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. I, pp. 229-230. Este antropónimo sofreu uma longa e lenta evolução assumindo diversas formas em outras tantas épocas. Ver também VASCONCELOS, Leite de – *op. cit.*, pp. 45 e 511.

²⁵⁹ MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. II, p. 972 refere-nos a ocorrência do topónimo *Meirinhas* na região de Pombal, que se constitui ainda na actualidade como uma das freguesias do concelho de Pombal, conforme podemos constatar no anexo VI, pelo que nos parece plausível que a alcunha possa estar íntima e directamente relacionada com a origem da foreira.

²⁶⁰ MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. II, p. 912.

²⁶¹ VASCONCELOS, Leite de – *op. cit.*, p. 56. MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. I, p. 375.

pelo apelido *Botelha*, termo com origem no étimo *botelho*²⁶² e que o *DOELP* nos diz que designava uma antiga medida de capacidade, um saco para maquiás ou uma alga marítima e que outrora foi também utilizada como alcunha, pelo que nos encontramos em presença de uma feminização do onomato original²⁶³. Esta situação ocorre também com uma outra foreira, de nome *Catarina Coelha*, de quem sabemos ser a mulher de Diogo de Almeida, escrivão do armazém de Lisboa, com o *DOELP* a apontar-nos a possibilidade de estarmos em presença de uma alcunha, enquanto a *AP* integra o termo *Coelho* num conjunto alargado de apelidos tomados de nomes de animais. José Pedro Machado aponta-nos para uma feminização de *Coelho*, termo que terá começado por ser utilizado como alcunha, mas que posteriormente se converteria em apelido, o qual, de resto, é ainda bastante recorrente nos nossos dias com utilização conhecida também na toponímia²⁶⁴.

Com duas ocorrências cada, depararam-se-nos os seguintes casos:

- *Briolanja*: nome feminino que se insere num conjunto de antropónimos que se popularizaram nos séculos XV e XVI inspirados nos romances cavaleirescos²⁶⁵. A primeira aparição deste nome no tombo dá-se com Briolanja Dias, proprietária de um quintal, um olival e vinhas. O patronímico Dias evoluiu a partir do étimo *Didāci* e posteriormente de *Didācus*, comum ao antropónimo Diogo²⁶⁶. A antiga grafia que, de resto, é a que ocorre no documento, era *Diaz*²⁶⁷. Quanto a Briolanja Gomes, é-nos revelado que se tratava de uma foreira que explorava uma vinha e era mulher do sapateiro Lopo Fernandes²⁶⁸. No caso do onomato *Gomes*, a sua grafia sofreu grande evolução com diferentes versões em diferentes épocas²⁶⁹. Estamos em presença do patronímico de *Goma* ou *Guma*, termo de origem gótica que significa ‘homem’ e que foi também utilizado durante largo período como nome próprio²⁷⁰.

²⁶² MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. I, p. 273.

²⁶³ VASCONCELOS, Leite de – *op. cit.*, p. 261.

²⁶⁴ MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. I, p. 431. VASCONCELOS, Leite de – *op. cit.*, p. 221. *HOMEM*, Maria Isabel Miguéns de Carvalho – *op. cit.*, p. 259.

²⁶⁵ VASCONCELOS, Leite de – *op. cit.*, pp. 57-58. MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. I, p. 285.

²⁶⁶ VASCONCELOS, Leite de – *op. cit.*, pp. 103 e 109. MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. I, p. 504.

²⁶⁷ VASCONCELOS, Leite de – *op. cit.*, pp. 103. MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. I, p. 504.

²⁶⁸ AN/TT, O.C./C.T., Livro 308, fl. 40v.

²⁶⁹ VASCONCELOS, Leite de – *Onomatologia (...)*, pp. 104-105. MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. II, p. 726.

²⁷⁰ VASCONCELOS, Leite de – *Antroponímia (...)*, pp. 49 e 86. MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. II, p. 726.

- *Inês*: nome derivado do adjetivo grego *hagnē*, que transmite a ideia de «*pura*», «*santa*» e «*casta*». A utilização deste antropónimo vulgarizou-se com o culto da santa cristã do mesmo nome e também, entre nós, pela divulgação do episódio que no século XIV envolveu o infante D. Pedro e Dona Inês de Castro²⁷¹. Quanto ao onomato *Lopes* utilizado na constituição do nome de uma das mulheres, trata-se do patronímico do antropónimo Lopo, a que já aludimos anteriormente.
- *Isabel*: de raiz comum ao nome feminino Elisabete, trata-se de um antropónimo de origem francesa antiga que se popularizou em diversos países, entre os quais Portugal, de forma particular pela influência da vida de diversas figuras que vieram a ser consideradas modelares pela Igreja de Roma, como foi o caso de Santa Isabel de Hungria que viveu no século XIII (1207-1231) ou da bem-aventurada Isabel (1225-1270), irmã do rei Luís IX de França, canonizado sob o nome São Luís. No caso português, assume particular relevância a figura da rainha Santa Isabel, mulher do rei D. Dinis²⁷². Uma vez que nos surgem duas pessoas de nome *Isabel Vaz*, o tombo acaba por nos revelar que uma delas era mulher de João do Porto²⁷³.
- *Violante*: embora na *AP* seja atribuída uma origem germânica a este antropónimo²⁷⁴, recolhemos no *DOELP* a ideia de uma derivação do termo latino *viola* referente a uma flor e correspondente também ao nome de uma antiga santa do calendário litúrgico cristão. O nome chega até nós através do castelhano e encontra-se já referenciado em documentos do século XIII²⁷⁵.

Para alguns antropónimos localizámos apenas uma ocorrência, como passamos a enumerar:

- *Branca*: com origem no étimo e adjetivo germânico *blank*, era muito frequente na Idade Média. Começou por ser alcunha e, posteriormente, seria tomado para nome próprio²⁷⁶.
- *Brites*: surge em nota posteriormente aditada ao tombo e ali se faz referência que é mulher de Afonso Esteves e filha de João Gil da Raposia. Nome próprio

²⁷¹ VASCONCELOS, Leite de – *op. cit.*, p. 46. MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. II, p. 801.

²⁷² MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. II, p. 808.

²⁷³ AN/TT, O.C./C.T., Livro 308, fls. 41 e 58v.

²⁷⁴ VASCONCELOS, Leite de – *op. cit.*, p. 54.

²⁷⁵ MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. III, p. 1481.

²⁷⁶ VASCONCELOS, Leite de – *op. cit.*, pp. 48 e 201. MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. I, p. 278.

feminino entretanto caído em desuso, embora nos nossos dias ainda ocorra a sua utilização como apelido e no âmbito da toponímia, tem a mesma origem do onomato Beatriz²⁷⁷.

- *Constança*: corresponde ao nome de mártir cristã do tempo do Imperador Nero. Deriva do substantivo masculino de origem latina *constantia*, que evoluiu para cognome e que transmite a ideia de «*constante*»²⁷⁸.
- *Mícia*: o *DOELP* aponta-nos a possibilidade de estarmos em presença de uma variação do antropónimo *Mécia*, que considera de origem e significado obscuros²⁷⁹, em contraposição à opinião expressa na *AP* que sugere uma possível derivação do gentílico romano *Maecius* ou *Metius*²⁸⁰.

Deixámos para o final as seis ocorrências de mulheres de quem não conhecemos senão os nomes dos respectivos maridos, conforme quadro que anexamos²⁸¹:

Quadro 3 – Pombal: as mulheres não nomeadas

Mulher de Estêvão Gonçalves		Pombal, fl. 51v
Mulher de João Eanes		Pombal, fl. 49v
Mulher de João Fidalgo	Foreira	Pombal, fl. 40v
Mulher de João da Serra		Pombal, fl. 42
Mulher de Nuno Leitão	Foreira	Pombal, fl. 57
Mulher de Pedro Álvares		Pombal, fl. 46v

²⁷⁷ VASCONCELOS, Leite de – *op. cit.*, pp. 45 e 86. MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. I, p. 286.

²⁷⁸ VASCONCELOS, Leite de – *op. cit.*, pp. 45, 55. MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. I, p. 443.

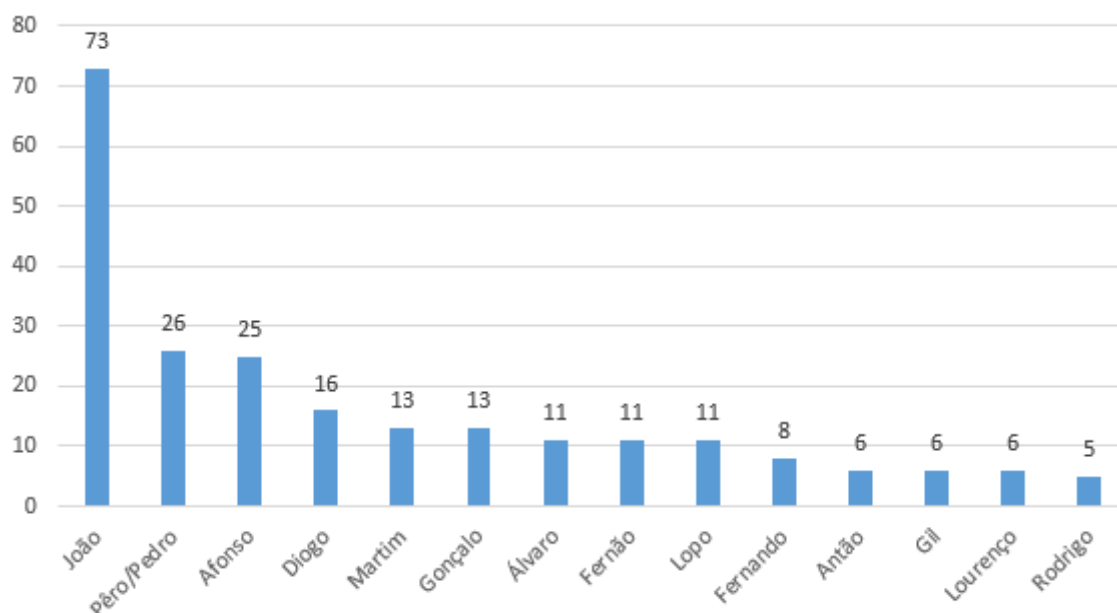
²⁷⁹ MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. II, p. 967.

²⁸⁰ VASCONCELOS, Leite de – *op. cit.*, pp. 47 e 528.

²⁸¹ Diversos estudos foram publicados que versam no seu todo ou ao menos em parte sobre a antroponímia feminina, de que referiremos: GONÇALVES, Iria – *Amostra de antroponímia alentejana do Séc. XV*. In *Do Tempo e da História*, vol. IV, 1971, pp. 159-200 [Reed. in EADEM Gonçalves, Iria *Imagens do Mundo Medieval*, Livros Horizonte, Lisboa, 1988, pp. 69-104]; GONÇALVES, Iria – *Maria, Catarina e tantas outras. Ensaio de Antroponímia Medieval*. Lisboa: Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa, 2013; GONÇALVES, Iria – *Notas sobre a identificação social feminina nos finais da Idade Média. Medievalista* [Em linha], nº 5, 2008; HOMEM, Maria Isabel Miguéns de Carvalho – *op. cit.*, pp. 167-234.

No tocante à toponímia masculina, recolhemos um total de 268 nomeados, dos quais, por razões eminentemente práticas, discriminamos no quadro seguinte os antropónimos que contam pelo menos cinco ou mais ocorrências:

Quadro 4: Pombal – antroponímia masculina



A primeira nota que registamos é a absoluta predominância do antropónimo *João* que já encontrámos em posição de destaque quando abordámos o tombo de Redinha e que, no universo dos homens que aqui são nomeados, nos surge como nome próprio de 73 indivíduos. Também *Pêro/Pedro*, *Afonso* e *Diogo* nos surgem em posição de relevo com um número acima de 20 indivíduos assim nomeados, embora neste último caso tenhamos procedido à actualização da sua grafia.

De entre os nomes próprios ainda não analisados, contam-se os seguintes:

- *Antão*: onomato que resulta de uma provável derivação do gentílico romano *António*²⁸². Julgamos ser lícito inferir que a difusão deste antropónimo se deveu à figura do anacoreta egípcio do mesmo nome que viveu nos séculos III/IV e é considerado o pai do monaquismo cristão do oriente.
- *Cristóvão*: onomato cujo étimo latino é *Cristophanu*, por sua vez evolução do grego *Christophorus*, com o significado «portador de Cristo». A difusão deste

²⁸² VASCONCELOS, Leite de – *op. cit.*, pp. 59 e 452. Do mesmo Autor, veja-se também *Onomatologia* (...), pp. 6-9. MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. I, p. 141.

antropónimo está provavelmente conotada com a popularidade do santo com o mesmo nome²⁸³.

- *Fernão*: com a mesma origem dos onomatos Fernandes e Fernando, é uma versão apocopada deste último²⁸⁴.
- *Sebastião*: antropónimo de origem grega, derivado do étimo *sebastós*, que significa «*augusto*», «*digno de veneração*», embora alguns Autores apontem uma outra possibilidade, com uma provável derivação do étimo latino *sebastianus*, numa referência aos naturais de Sebaste. Era o nome próprio de um mártir cristão do século III, facto que, estamos em crer, poderá estar na origem da sua difusão na cristandade ocidental. De referir que o tombo nos dá nota de três ocorrências do onomato *Bastião*, forma abreviada deste antropónimo. O onomato *Sebastião* ainda ocorre com alguma frequência nos nossos dias, quer como nome próprio, quer como apelido²⁸⁵.

A exemplo de situações anteriores, são diversos os casos de homonímia que se nos depararam e, como referimos anteriormente, são também várias as formas de diferenciação, destacando-se pela sua relevância as alcunhas, as adjunções tópicas, a indicação do grau de parentesco com algum familiar ou ainda ao tipo de actividade desenvolvida pelo visado.

Entre os patronímicos encontrados, além dos que já analisámos anteriormente, localizámos ainda os seguintes:

- *André*: termo que ocorre ainda nos nossos dias, tanto como nome próprio, como apelido. Teve a sua origem no étimo grego *Andréas*, que significa «*viril*», «*varonil*», com posterior evolução para o latim *Andrēās* e, mais tarde, para o francês *André*²⁸⁶. Era o nome de um dos doze Apóstolos de Jesus Cristo, factor que cremos estar na base da sua difusão entre nós, com a fórmula *Santo André* a surgir com alguma frequência como topónimo.

²⁸³ VASCONCELOS, Leite de – *op. cit.*, pp. 59, 515. Do mesmo Autor, veja-se também *Onomatologia* (...), p. 93. MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. I, p. 474.

²⁸⁴ VASCONCELOS, Leite de – *op. cit.*, pp. 48 e 449. Do mesmo Autor, veja-se também *Onomatologia* (...), pp. 100-101. MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. II, p. 634.

²⁸⁵ VASCONCELOS, Leite de – *op. cit.*, p. 62. MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. III, p. 1322. HOMEM, Maria Isabel Miguéns de Carvalho – *op. cit.*, p. 75.

²⁸⁶ VASCONCELOS, Leite de – *op. cit.*, p. 27. MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. I, pp. 133-134.

- *Brás*: a exemplo do caso anterior, encontramos-nos em presença de um termo ainda utilizada nos nossos dias, quer como nome próprio, quer como apelido. Com origem no étimo latino *Blasius*, era nome de um santo cristão martirizado na Arménia em 316. Chegaria até nós também por influência francesa²⁸⁷.
- *Dinis*: termo com origem no étimo francês *Denis*, o qual por sua vez derivou do nome grego *Diónysos* e, posteriormente, da forma latina *Dionysus*. Para a difusão inicial deste antropónimo na região gaulesa muito terá contribuído a acção apostólica de São Dinis, que foi o primeiro bispo de Paris e sofreu o martírio decorria o ano de 250. Em Portugal, a primeira ocorrência conhecida deste nome dá-se com o rei D. Dinis, ponto de partida para a sua difusão no território do reino. Actualmente este antropónimo depara-se-nos ainda, seja como nome próprio masculino, seja como apelido e a sua utilização ocorre também na toponímia²⁸⁸.
- *Domingues*: encontramos-nos em presença de um termo com origem no étimo latino *Dominīquici*, o qual, por sua vez, é patronímico de *Domīnicus* (Domingos), antigo apelido romano e nome de alguns santos cristãos (São Domingos de Silos, São Domingos de Gusmão, etc.), que terão certamente contribuído para a sua difusão e cuja utilização se faz sentir ainda de forma frequente nos nossos dias²⁸⁹.
- *Estevens*: o *DOELP* sugere que se trata da conservação de uma antiga forma de Esteves que, por seu turno, é patronímico de Estêvão; este antropónimo deriva do étimo grego tardio *Stēphanos*, o qual chegou até nós através do latim *Stēphānus*, que, numa tradução literal, pretende significar «o que envolve». A divulgação deste nome ocorreu em função da morte de Santo Estêvão, primeiro mártir cristão e a sua utilização acontece ainda na actualidade, quer como nome próprio, quer como apelido, quer ainda como topónimo²⁹⁰.
- *Lourenço*: estamos em presença de um termo cujo étimo latino é *Laurentiū*, que começou por ser utilizado como adjunção tópica, numa referência a *Laurentum*, uma cidade do Lácio. Tal como no caso precedente, é ainda utilizado modernamente como nome próprio, apelido e ainda no campo da toponímia²⁹¹.

²⁸⁷ VASCONCELOS, Leite de – *op. cit.*, p. 56. MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. I, p. 279.

²⁸⁸ VASCONCELOS, Leite de – *op. cit.*, p. 46. MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. I, p. 507.

²⁸⁹ VASCONCELOS, Leite de – *op. cit.*, pp. 86, 45. MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. I, pp. 513-514.

²⁹⁰ VASCONCELOS, Leite de – *op. cit.*, p. 46. MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. II, pp. 595-596.

²⁹¹ VASCONCELOS, Leite de – *op. cit.*, p. 44. MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. II, p. 897.

- *Nicolau*: onomato com provável origem no étimo grego *Nikólaos*, que significa «vencedor do povo» ou «povo da vitória» e que chegou através do latim *Nicōlāu*. Foi nome de vários Papas e santos da época medieval, nomeadamente um bispo de Mira, na Lícia do século IV e cuja popularidade terá estado na difusão generalizada deste nome no mundo da Cristandade²⁹². A sua utilização é corrente ainda nos nossos dias, quer como nome próprio, quer como apelido.
- *Nunes*: patronímico de Nuno, onomato de origem não perfeitamente esclarecida mas que, quer o Autor da *AP*, quer o Autor do *DOELP* parecem concordar ter raiz no étimo latino *nonnu-*, termo outrora aplicado àqueles que se dedicavam à educação de crianças²⁹³.
- *Vicente*: antropónimo originário do latim *Vincente-*, forma do verbo latino *vincere*, em português «vencer», ou seja, expressa a ideia de vencedor. A difusão em Portugal deste onomato deve-se certamente à influência da figura de São Vicente, que morreu mártir na cidade de Valência em 304 e cujas relíquias vieram a ser trasladadas para Lisboa em 1173²⁹⁴. A sua utilização ocorre ainda com frequência nos nossos dias na antroponímia e também na toponímia²⁹⁵.

No tocante aos apelidos mencionados, verificámos a ocorrência dos seguintes termos:

- *Crasto*: encontramos-nos em presença de variante de Castro, apelido com remota origem geográfica²⁹⁶. Como elemento onomástico é pouco frequente, no entanto, persiste na toponímia da região em apreço, próximo de Vermoil²⁹⁷, pelo que julgamos lícito que se coloque a possibilidade de estarmos em presença de adjunção tópica.

²⁹² VASCONCELOS, Leite de – *op. cit.*, p. 44. MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. II, p. 1071.

²⁹³ VASCONCELOS, Leite de – *op. cit.*, p. 115, 31. MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. III, pp. 1081-1082.

²⁹⁴ PICOITO, Pedro – A trasladação de S. Vicente - consenso e conflito na Lisboa do século XII. *Medievalista* [Em linha], nº 4, 2008.

²⁹⁵ VASCONCELOS, Leite de – *op. cit.*, p. 43. MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. III, p. 1473.

²⁹⁶ MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. I, p. 372.

²⁹⁷ *Carta Militar de Portugal* – Santiago de Litém (Pombal), folha 286. Lisboa: Instituto Geográfico do Exército, 2016. Assim, não é de excluir a possibilidade de nos encontrarmos em presença de uma adjunção tópica.

- *Maia*: novo apelido com remotas ressonâncias geográficas e origem obscura, provavelmente pré-romana. Ainda é utilizado frequentemente nos nossos dias como apelido e também na toponímia, quer portuguesa, quer espanhola²⁹⁸.
- *Matos*: a *AP* situa este apelido num conjunto diversificado de elementos adaptados a esse efeito a partir de nomes ou referências geográficas²⁹⁹. O Autor do *DOELP* refere este termo como antiga alcunha, tomada também como topónimo que surge recorrentemente ao longo da extensão do território nacional. Acrescenta ainda que a utilização do apelido, que ocorre ainda com frequência nos nossos dias, surge geralmente precedida da partícula ‘*de*’, situação que, de resto, se confirma no caso vertente³⁰⁰.
- *Mote*: termo com origem no étimo latino *muttum*, som vocal desagradável que evoluiu para o francês *mot*, que significa «*palavra*». A única referência que encontramos a este onomato é na nomeação de um indivíduo que possuía uma casa, sem que nos sejam fornecidos outros dados. Uma outra hipótese é-nos colocada pela referência que encontramos em Bluteau que nos diz podermos estar em presença de uma letra que os cavaleiros transportavam à laia de divisa³⁰¹.
- *Telo*: os estudos consultados apontam como hipótese mais provável a origem germânica a partir do étimo *tils*, que significa «*adequado*», «*conveniente*» ou «*hábil*»³⁰².
- *Valadares*: antropónimo que a *AP* nos indica ser de cariz geográfico e cuja utilização ocorre ainda com frequência nos nossos dias, quer como apelido, quer no âmbito da toponímia³⁰³. Encontramos o apelido em Antão e Diogo de Valadares, que localizamos em Cardais. Notamos a coincidência do nome de Diogo que recebeu mercê do cargo de escrivão das sisas de Pombal em 1484,

²⁹⁸ VASCONCELOS, Leite de – *op. cit.*, p. 158. MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. I, pp. 372-373, 468.

²⁹⁹ VASCONCELOS, Leite de – *op. cit.*, pp. 166, 264.

³⁰⁰ MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. II, p. 963.

³⁰¹ MACHADO, José Pedro – *Dicionário Etimológico (...)*, vol. IV, p. 172. BLUTEAU, Raphael – *Dicionário da lingua portugueza*. Lisboa: Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789. Vol. II, p. 100.

³⁰² VASCONCELOS, Leite de – *op. cit.*, p. 51. MACHADO, José Pedro – *Dicionário Onomástico (...)*, vol. III, p. 1395.

³⁰³ VASCONCELOS, Leite de – *op. cit.*, pp. 159, 167.

sendo lícito estabelecer uma relação de parentesco com os dois indivíduos que aqui encontramos³⁰⁴.

Constatámos também alguns casos em que os indivíduos eram nomeados com recurso a termos cuja utilização variou em função da época, local e circunstância, como nos casos que passamos a particularizar:

- *Abril*: termo que deriva do étimo latino *Aprīle-*, o qual começou inicialmente por ser tomado para nome de um dos meses do calendário e, outrossim, como sinónimo de «*primavera*», «*juventude*». Mais tarde, foi adaptado para cognome, de forma especial, como indicativo do mês de nascimento do visado³⁰⁵. No *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, doravante *DELP*, refere-se a ocorrência do antropónimo no séc. XII, ao tempo do reinado de D. Sancho II e, mais tarde, no séc. XV, quer como antropónimo feminino, quer como apelido³⁰⁶.
- *Almada*: antiga alcunha com origem no étimo árabe *al-ma'adanâ*, forma dialectal hispânica de *al-ma'aden*, que outrora indicava o local onde existia uma mina e que viria a ser adoptado, não só como apelido com claro cariz geográfico, mas também como topónimo³⁰⁷.
- *Almeida*: a exemplo do caso anterior, encontramos-nos em presença de uma antiga alcunha com origem no étimo árabe *al-māidâ*, que significa «*a mesa*», «*o outeiro*», e que, de igual modo, foi adoptada como apelido e como topónimo³⁰⁸.
- *Ameixieiro*: embora as obras consultadas sejam omissas quanto a este termo, julgamos lícito inferir que nos encontramos na presença de uma clara alusão à ameixeira e, por sua vez, ao tipo de árvore e de fruta cultivados predominantemente pelo visado. O termo *ameixa* tem origem no étimo latino *myxīla* ou *myxūla*, de *myxa*, uma espécie de ameixeira. O *DOELP* menciona a existência do topónimo *Ameixeirinha* na região de Pombal, pelo que nos parece que não é de excluir completamente uma eventual conexão entre ambos os onomatos³⁰⁹.

³⁰⁴ AN/TT, *Chancelaria de D. João II*, Livro 23, fl. 36.

³⁰⁵ VASCONCELOS, Leite de – *op. cit.*, p. 45. MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. I, p. 34. HOMEM, Maria Isabel Miguéns de Carvalho – *op. cit.*, p. 246.

³⁰⁶ MACHADO, José Pedro – *Dicionário Etimológico (...)*, vol. I, p. 47.

³⁰⁷ VASCONCELOS, Leite de – *op. cit.*, p. 166. MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. I, p. 101.

³⁰⁸ VASCONCELOS, Leite de – *op. cit.*, p. 164. MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. I, p. 101.

³⁰⁹ MACHADO, José Pedro – *Dicionário Etimológico (...)*, vol. I, p. 229. MACHADO, José Pedro – *Dicionário Onomástico (...)*, vol. I, pp. 123-124.

- *Barbosa*: onomato com origem na expressão «*terra barbosa*», utilizada para apontar locais onde abundavam as plantas denominadas «*barbas*», como a *barba-de-bode*, *barbas-de-velho*, etc. Embora ainda ocorra nos nossos dias como apelido e topónimo, o *DOELP* aponta-nos a sua utilização inicial outrora como alcunha, enquanto Leite de Vasconcelos nos afirma categoricamente que nos encontramos em presença de um apelido de cariz geográfico³¹⁰.
- *Boldrido*: nas nossas pesquisas encontrámos o termo «*emboldriar*» com o significado de «*sujar*», pelo que se nos sugere que poderemos estar em presença de um onomato derivado deste termo e que pretendia indicar um indivíduo habitualmente sujo ou pouco cuidadoso com a sua higiene pessoal³¹¹.
- *Cinza*: termo com origem no étimo latino *cinīsia*, de *cinis* e que aqui nos surge como apelido do proprietário de uma herdade na única menção que lhe é feita. Outrora utilizado como alcunha, conhecem-se ainda hoje algumas ocorrências nas toponímias portuguesa e brasileira³¹².
- *Comieiro*: embora no decurso da nossa pesquisa não tenhamos localizado este onomato, julgamos lícito supor estarmos em presença de uma variante de termos «*cume*», «*cumiada*» e «*cumieira*», que se constituem como referência a pontos altos de habitações ou de acidentes orográficos³¹³. O termo surge no tombo como alcunha do foreiro Pedro Afonso, de quem apenas sabemos ser neto de Martim Vicente.
- *Cunha*: encontramos-nos em presença de uma antiga alcunha de cariz geográfico, com provável evolução a partir do étimo latino *cŭlina*, que significava «*cozinha*». Este termo ainda é frequentemente utilizado nos nossos dias como apelido e também na toponímia, quer portuguesa, quer brasileira³¹⁴.

³¹⁰ VASCONCELOS, Leite de – *Onomatologia* (...), pp. 69-70, 166. MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. I, p. 217.

³¹¹ BLUTEAU, Raphael – *op. cit.*, vol. I, p. 470. No *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*. Lisboa: Sociedade da Língua Portuguesa, Amigos do Livro Editores, 1981. Vol. IV, p. 356 localizámos também os verbos «*emboldrear-se*» e «*emboldregar-se*» e no vol. II, p. 375 da mesma obra o termo «*boldrego*», com todos os onomatos a sugerirem a ideia de sujidade.

³¹² MACHADO, José Pedro – *Dicionário Etimológico* (...), vol. II, p. 154. MACHADO, José Pedro – *Dicionário Onomástico* (...), vol. I, p. 418.

³¹³ BLUTEAU, Raphael, *op. cit.*, vol. I, p. 354. Não podemos deixar de notar a existência nos nossos dias na região de Pombal dos topónimos Cumieira de Cima e Cumieira de Baixo, como podemos confirmar no Mapa III, sem que, no entanto, seja possível estabelecer uma ligação entre o indivíduo e os locais em causa.

³¹⁴ VASCONCELOS, Leite de – *Lições de philologia* (...), pp. 260-261. MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. I, p. 480.

- *Fidalgo*: o *DELP* aponta como origem provável deste termo o étimo latino *fidāīcu-*. A *AP* dá como certa a sua utilização como apelido nascido em função de alcunha alusiva à posição social do visado. Além deste pormenor, o *DOELP* refere também a sua utilização na toponímia e dá-nos ainda nota da sua ocorrência na actualidade com alguma frequência como apelido³¹⁵.
- *Frade*: termo com origem no étimo latino *frātre-*, que significa «irmão». Também este onomato foi antigamente utilizado de forma recorrente como alcunha, o qual viria a progressivamente a fixar-se como apelido, embora a sua utilização se estenda também às toponímias portuguesa, brasileira e galega³¹⁶.
- *Franco*: onomato com provável origem no francês *franc*, para cuja utilização, quer a *AP*, quer o *DOELP*, apontam a possibilidade de estarmos em presença de um apelido de cariz geográfico, mas também de uma alusão ao carácter do visado, que seria alguém de personalidade livre e que diz abertamente o que pensa³¹⁷.
- *Freire*: termo com origem no latim *fratre-* e que, segundo o *DELP*, chegaria até nós por influência provençal e espanhol antigo. Inicialmente utilizado como alcunha, foi posteriormente convertido em apelido de utilização corrente ainda nos nossos dias, bem assim como na toponímia³¹⁸.
- *Grande*: termo de origem latina que outrora foi frequentemente utilizado para indicar um membro da família mais antigo, em casos de homonímia com outro indivíduo mais jovem³¹⁹.
- *Infante*: o *DELP* aponta como origem o étimo latino *infante-*, que significa «*que não fala*», «*incapaz de falar*», «*sem eloquência*»³²⁰. Quer o *DOELP*, quer a *AP* referem a ocorrência deste termo como apelido, alegadamente adquirido em

³¹⁵ MACHADO, José Pedro – *Dicionário Etimológico (...)*, vol. III, pp. 44-45. MACHADO, José Pedro – *Dicionário Onomástico (...)*, vol. II, p. 639.

³¹⁶ MACHADO, José Pedro – *Dicionário Etimológico (...)*, vol. III, p. 83. VASCONCELOS, Leite de – *Antroponímia Portuguesa (...)*, pp. 186-187. MACHADO, José Pedro – *Dicionário Onomástico (...)*, vol. II, p. 663.

³¹⁷ MACHADO, José Pedro – *Dicionário Etimológico (...)*, vol. III, p. 85. VASCONCELOS, Leite de – *op. cit.*, pp. 164, 95. MACHADO, José Pedro – *Dicionário Onomástico (...)*, vol. II, p. 667.

³¹⁸ MACHADO, José Pedro – *Dicionário Etimológico (...)*, vol. III, p. 89. VASCONCELOS, Leite de – *op. cit.*, p. 187. MACHADO, José Pedro – *Dicionário Onomástico (...)*, vol. II, p. 670.

³¹⁹ VASCONCELOS, Leite de – *op. cit.*, p. 17. MACHADO, José Pedro – *Dicionário Onomástico (...)*, vol. II, p. 740. MACHADO, José Pedro – *Dicionário Etimológico (...)*, vol. III, p. 172.

³²⁰ MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. III, pp. 291-292.

função de algum cargo oficial desempenhado pelo próprio ou por familiar próximo³²¹.

- *Lameiro*: antiga alcunha formada a partir do substantivo masculino «*lama*». A AP insere este apelido no vasto conjunto de termos intimamente conotados com factores geográficos. Já o *DOELP* releva a recorrente utilização deste termo no campo da toponímia, quer em território português, quer na Galiza³²².
- *Leitão*: onomato oriundo do latim *lacto*, que significava «*bácoro*». Trata-se de uma antiga alcunha que designava depreciativamente indivíduos obesos e que viria a ganhar o estatuto de apelido. É ainda corrente a sua utilização frequente nos nossos dias, que se estende também à toponímia³²³.
- *Longo*: termo com origem no étimo latino *longu-*, que significa «*longo*», «*extenso*». No tombo identificava um indivíduo entretanto falecido, mas cujo filho mantinha uma propriedade; cremos ser lícito supor estarmos em presença de uma clara alusão ao porte físico do visado. O *DOELP* alude à utilização deste termo como topónimo na actualidade³²⁴.
- *Lourinho*: onomato que deriva de loureiro, com origem no étimo latino *lauřinu-* e que é diminutivo de «*louro*». O *DOELP* refere que o termo «*louro*» era utilizado como antiga alcunha, pelo nos parece legítimo supor que situação similar ocorra com «*Lourinho*». Apelido de Álvaro Eanes, foi certamente utilizado como elemento distintivo face aos casos de homonímia verificados, mas não possuímos dados que nos permitam ser conclusivos acerca da utilização deste onomato no caso deste indivíduo³²⁵.
- *Machado*: com origem no étimo latino *marculātu-*, a AP diz-nos que se trata de um termo que começou por ser utilizado como alcunha, a qual pretendia designar todo o homem que se dedicasse ao fabrico ou venda destes artigos, embora o Autor pareça não estar seguro desta possibilidade. Já o *DOELP* aponta-nos uma

³²¹ VASCONCELOS, Leite de – *op. cit.*, p. 184. MACHADO, José Pedro – *Dicionário Onomástico (...)*, vol. II, p. 801.

³²² MACHADO, José Pedro – *Dicionário Etimológico (...)*, vol. III, p. 378. VASCONCELOS, Leite de – *op. cit.*, p. 166. MACHADO, José Pedro – *Dicionário Onomástico (...)*, vol. II, p. 851.

³²³ HOMEM, Maria Isabel Miguéns de Carvalho – *op. cit.*, p. 275. VASCONCELOS, Leite de – *op. cit.*, p. 225. MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. II, p. 865.

³²⁴ MACHADO, José Pedro – *Dicionário Etimológico (...)*, vol. III, p. 441. VASCONCELOS, Leite de – *op. cit.*, p. 191. MACHADO, José Pedro – *Dicionário Onomástico (...)*, vol. II, p. 893.

³²⁵ MACHADO, José Pedro – *Dicionário Etimológico (...)*, vol. III, p. 167.

provável evolução a partir do étimo francês *Machault*. A única certeza é a sua recorrente utilização na actualidade como apelido e também como topónimo³²⁶.

- *Pequeno*: palavra que se insere num vasto conjunto de expressões romances que pretendem transmitir a ideia de pequenez³²⁷. A exemplo do que foi explanado no ponto anterior, parece-nos estar novamente em presença de uma clara alcunha alusiva ao porte físico do visado³²⁸. O *DOELP* refere uma ocorrência deste termo como topónimo no território nacional, mais propriamente na região de Miranda do Corvo³²⁹.
- *Tenreiro*: antiga alcunha que originalmente designava «*novilho*», «*vitelo*» e que ainda ocorre modernamente como apelido³³⁰.

Não nos detemos nos casos dos patronímicos apresentados, uma vez que já foram tratados anteriormente e, desta forma, passamos aos casos dos apodos e alcunhas ainda não estudados:

- *Calvo*: do latim *calvu-*, que significa «*careca*», «*sem cabelo*»³³¹. Referência a indivíduo alegadamente já falecido, uma vez a única alusão que surge no documento é aos seus herdeiros. A exemplo do termo ‘*Calvino*’ que analisámos quando abordámos o tombo de Redinha, parece-nos evidente a alusão à calvície do visado. O termo ocorre ainda nos nossos dias como apelido e como topónimo³³².
- *Chumbeiro*: a única menção que o tombo faz a este indivíduo é devida ao facto de ter sido o proprietário de uma adega. Julgamos lícito supor, como nos diz Bluteau, que se tratava de alguém que trabalhava com chumbo³³³.
- *Crespo*: termo com origem no étimo latino *crispu-*, que significa «*encarapinhado*», «*frisado*», «*ondulado*», «*vibrante*»³³⁴. A única referência do escrivão a este indivíduo é de que o mesmo teria sido possuidor de um casal,

³²⁶ MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. IV, p. 11. VASCONCELOS, Leite de – *op. cit.*, pp. 272-273 e 333. MACHADO, José Pedro – *Dicionário Onomástico (...)*, vol. II, p. 913.

³²⁷ MACHADO, José Pedro – *Dicionário Etimológico (...)*, vol. IV, p. 340.

³²⁸ VASCONCELOS, Leite de – *op. cit.*, p. 191. MACHADO, José Pedro – *Dicionário Onomástico (...)*, vol. III, p. 1160.

³²⁹ MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. II, p. 893.

³³⁰ VASCONCELOS, Leite de – *op. cit.*, p. 234. MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. III, p. 1397.

³³¹ MACHADO, José Pedro – *Dicionário Etimológico (...)*, vol. II, p. 40.

³³² VASCONCELOS, Leite de – *op. cit.*, pp. 193-194, 201 e 381. MACHADO, José Pedro – *Dicionário Onomástico (...)*, vol. I, p. 321.

³³³ BLUTEAU, Raphael – *op. cit.*, vol. I, p. 270. MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. I, p. 410.

³³⁴ MACHADO, José Pedro – *Dicionário Etimológico (...)*, vol. II, p. 251.

pelo que não parece claro o significado do apodo. Além de assinalar que se trata de uma antiga alcunha, ainda hoje utilizada como apelido, o *DOELP* assinala a ocorrência do topónimo *Crespos* na região de Pombal, pelo que nos parece que não será de excluir totalmente uma eventual ligação entre o apodo e este povoado³³⁵.

- *Espanhol*: José Pedro Machado sugere que poderá ter origem no étimo *hispāniōlu-*, diminutivo de *hispānus*, ou seja oriundo da Península Hispânica³³⁶. Este termo surge apenas uma vez em referência aos limites de uma propriedade. O *DOELP* refere que estamos em presença de uma antiga alcunha aplicada a indivíduos com algum tipo de relação com o país vizinho ou dele oriundos e que viria a transformar-se em apelido³³⁷.
- *Farinheiro*: termo com origem no étimo latino *farina*, ou seja, «aquele que faz negócio de farinha»³³⁸. O apodo surge no documento como referência ao antigo proprietário de uma herdade.
- *Gaiteiro*: onomato de origem obscura³³⁹, este termo surge em duas ocasiões no tombo como referência ao indivíduo que explorava uma propriedade, embora não fique claro se se trata da mesma pessoa. O *DOELP* diz-nos que se trata de uma antiga alcunha, numa provável alusão à profissão do visado³⁴⁰. De referir que, como veremos no capítulo respeitante à toponímia, o termo ocorre ainda como topónimo na freguesia de Abiul³⁴¹.
- *Garamel*: termo para o qual não encontrámos explicação convincente e que surge no tombo para indicar o progenitor de um conjunto de indivíduos que exploravam moinhos localizados na Ribeira de Carnide, já no termo de Montemor.
- *Gotoso*: alcunha de Afonso Álvares, proprietário de uma almuinha, que nos parece constituir-se numa clara alusão à doença de que o visado seria portador³⁴².

³³⁵ VASCONCELOS, Leite de – *op. cit.*, p. 195. MACHADO, José Pedro – *Dicionário Onomástico (...)*, vol. I, p. 370.

³³⁶ MACHADO, José Pedro – *Dicionário Etimológico (...)*, vol. II, p. 460.

³³⁷ MACHADO, José Pedro – *Dicionário Onomástico (...)*, vol. II, p. 586.

³³⁸ HOMEM, Maria Isabel Miguéns de Carvalho – *op. cit.*, p. 246.

³³⁹ MACHADO, José Pedro – *Dicionário Etimológico (...)*, vol. III, p. 113.

³⁴⁰ MACHADO, José Pedro – *Dicionário Onomástico (...)*, vol. II, p. 685.

³⁴¹ Anexo I.

³⁴² MACHADO, José Pedro – *Dicionário Etimológico (...)*, vol. III, p. 167.

- *Maio*: onomato que designa o quinto mês do calendário moderno e que possui raiz no étimo latino *Māiu-*. O *DOELP* refere que a utilização inicial desta alcunha se referia a indivíduos nascidos no primeiro dia desse mês, enquanto a *AP* nos propõe a possibilidade de referência a um período notável da vida da pessoa visada. Já Maria Isabel de Carvalho Homem propõe-nos que se trata de alusão a planta campestre, numa identificação de indivíduo alegre em sintonia com a característica primaveril do mês em questão³⁴³.
- *Matoso*: onomato de que nos surgem duas ocorrências referentes ao mesmo indivíduo. O *DOELP* começa por nos sugerir que nos podemos encontrar em presença de uma antiga alcunha, que viria a ser tomada para apelido, a qual era utilizada para designar indivíduos de farto sistema piloso. No entanto, não refuta, antes confirma a possibilidade já colocada pela *AP*, de estarmos perante um apelido de cariz geográfico, hipótese fortalecida em virtude da ocorrência do topónimo *Matosos* na região de Pombal, numa provável alusão à existência de pessoas detentoras deste apelido³⁴⁴.
- *Moleira*: onomato que começou por ser utilizado como alcunha, provavelmente em função do facto de o visado ter a seu cargo a exploração de um moinho. O termo ainda ocorre actualmente, não só como apelido, mas também como topónimo³⁴⁵.
- *Neto*: onomato que começou também por ser utilizado como alcunha para aqueles indivíduos cujos nomes eram iguais aos do seu progenitor e do avô, a qual mais tarde viria a tornar-se apelido e que ainda ocorre nos nossos dias³⁴⁶.
- *Perdigão*: onomato surgido do substantivo masculino e com provável origem no étimo latino *perdīcōne-*. A *AP* inclui esta antiga alcunha no universo das inequívocas referências a diversas espécies animais. O termo é ainda utilizado na actualidade, quer como apelido, quer como topónimo³⁴⁷.

³⁴³ VASCONCELOS, Leite de – *op. cit.*, p. 182. Ver também MACHADO, José Pedro – *Dicionário Onomástico (...)*, vol. II, p. 924. VASCONCELOS, Leite de – *Onomatologia (...)*, p. 113.

³⁴⁴ VASCONCELOS, Leite de – *Antroponímia Portuguesa (...)*, p. 165. Ver também MACHADO, José Pedro – *Dicionário Onomástico (...)*, vol. II, p. 963. VASCONCELOS, Leite de – *Onomatologia (...)*, p. 113. Anexo VII.

³⁴⁵ MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. II, p. 1009.

³⁴⁶ VASCONCELOS, Leite de – *Antroponímia Portuguesa (...)*, p. 181. MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. III, p. 1069.

³⁴⁷ VASCONCELOS, Leite de – *op. cit.*, p. 227. MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. III, p. 1161. MACHADO, José Pedro – *Dicionário Etimológico (...)*, vol. IV, p. 341.

- *Prazeres*: onomato com origem no étimo latino *plācēre*, com o significado de «agradar», «ser agradável», «parecer bem a». Era um dos atributos da Virgem Maria, situação que levaria à difusão da sua utilização como apelido. O termo surge ainda nos nossos dias de forma recorrente, quer como apelido, quer como topónimo, neste caso particular em função da presença de um templo desta invocação de Nossa Senhora³⁴⁸.
- *Remesse*: onomato que nos ocorre como apodo de Gonçalo Pires. O *DELP* refere a existência dos termos «*remessa*» e «*remesso*», ambos com origem em étimos latinos. O substantivo feminino que indica «*aquilo que se remeteu*» ou uma «*vara de videira*», significado que, face à produção agrícola coeva, se nos sugere como hipótese. O *DOELP* aponta-nos a existência do topónimo *Remessa* na região pombalense, pelo que não é de desprezar a possibilidade de este factor poder estar intimamente conotado com a utilização da alcunha³⁴⁹.
- *Rosado*: antropónimo formado a partir do adjetivo de origem latina *rōsātu-*, que significa «*feito com rosas*». Para o Autor da *AP*, este termo insere-se no vasto conjunto de alcunhas que apontam qualidades físicas ou morais dos visados, pelo que é possível que estejamos perante a alusão ao tom de pele do indivíduo. O *DOELP* faz menção à ocorrência deste termo na toponímia da região pombalense e, destarte, julgamos que não é de excluir uma conexão directa entre a alcunha do visado e o povoado em causa. Também no caso vertente se mantém a utilização recorrente como apelido e como topónimo³⁵⁰.
- *Safoeiro*: diz-nos o tombo que se tratava de um indivíduo que tivera duas oliveiras que, à época da visitação, se encontravam na posse da confraria da vila. O indivíduo outrora assim apelidado era alguém que trajava um tipo de calças largas e grosseiras denominadas «*safões*»³⁵¹.

Surgiram-nos ainda casos de indivíduos que são referidos pelo nome próprio a que foi adicionada uma adjunção tópica, como são os casos de Afonso da Gaia³⁵², Diogo de

³⁴⁸ MACHADO, José Pedro – *Dicionário Onomástico (...)*, vol. III, p. 1211. MACHADO, José Pedro – *Dicionário Etimológico (...)*, vol. IV, p. 415.

³⁴⁹ MACHADO, José Pedro – *Dicionário Etimológico (...)*, vol. V, p. 73. MACHADO, José Pedro – *Dicionário Onomástico (...)*, vol. III, p. 1254.

³⁵⁰ VASCONCELOS, Leite de – *op. cit.*, p. 195. Ver também MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. III, p. 1277. MACHADO, José Pedro – *Dicionário Etimológico (...)*, vol. V, p. 117.

³⁵¹ BLUTEAU, Raphael, *op. cit.*, vol. II, p. 366.

³⁵² De facto, embora o documento não seja totalmente esclarecedor neste ponto, no decurso das nossas pesquisas localizámos o topónimo Chão de Gaia, sito próximo de Albergaria dos Doze, como se pode

Ourém, Gonçalo de Verigo, Gonçalo de Viseu, João da Ponte, João do Porto, João da Raposia, João da Rua, João da Serra, João do Vale e Pêro de Coimbra.

Não queremos terminar sem apontar casos de indivíduos ou grupos de pessoas em que os dados fornecidos pelo documentos são de tal forma escassos, que não nos permitem avançar com explicações cabais para a utilização de determinados onomatos que localizámos ao longo do nosso estudo.

No caso de *João Escrivão* parece-nos indubitável estar claramente referenciada a profissão do visado. Já quanto ao onomato *Maçono*, apelido do foreiro *Pedro Afonso*, não se nos deparou qualquer outra indicação adicional que nos permita ser mais precisos³⁵³. A expressão *Hereos de Flandres* parece remeter-nos para o topónimo que ocorre na região de Pombal, numa provável alusão a algum tipo de conexão – quiçá relação comercial – com aquele território do norte da Europa³⁵⁴. Finalmente, a expressão *Herdeiros da Trinqureira* surge-nos outrossim sem qualquer outro tipo de referência mais clara que nos desvende o seu significado.

confirmar por consulta ao anexo II ao presente estudo, pelo que se nos sugere legítima a colocação desta hipótese.

³⁵³ Não queremos deixar de referir que localizámos em AN/TT, *Chancelaria de D. Afonso V*, Livro 2, fl. 90, uma carta de confirmação do monarca a Isaac Maçon, judeu, alfaiate e morador na Guarda. Seria o foreiro Pedro Afonso Maçon de origem judaica? É uma questão para a qual não dispomos de dados que nos possam ajudar a clarificar.

³⁵⁴ MACHADO, José Pedro – *Dicionário Onomástico (...)*, vol. II, pp. 647-648.

Capítulo 4 – A toponímia como elemento caracterizador da terra e da gente

Pelo que ficou exposto no capítulo anterior, parece-nos lícito concluir que a antroponímia foi influenciada de forma mais ou menos determinante pela conjugação de variados factores. Entre estes, foi possível enumerar diversas ocorrências de adição de adjunções tópicas com referência aos locais de nascimento ou de residência dos visados, factor que acabava por permitir a distinção entre diferentes indivíduos em sucessivos casos de homonímia. Além disso, é bastante significativo o número de onomatos que nos surge na função de apelidos, apodos e alcunhas e cuja utilização, como referimos, se faz ainda sentir actualmente na toponímia.

Desta forma, dirigimos o nosso olhar neste capítulo para o conjunto dos topónimos e microtopónimos que surgem mencionados nos tombos de Redinha e Pombal e procuraremos determinar, tanto quanto a documentação nos desvendar, as variáveis que parece estarem na origem dos nomes de povoados, arruamentos, sítios e outros locais que se nos depararam e reunir os elementos disponíveis que nos permitam um vislumbre tão fiel quanto possível dos locais e da vivência das gentes coevas.

Ao nível do espaço urbano, foi possível localizar nomes de arruamentos, espaços públicos ou elementos arquitectónicos que maior destaque mereceram por parte dos visitantes. Já nas áreas rurais, como seria expectável, surgem como factores preponderantes nas designações toponímicas as referências aos diferentes tipos de propriedade, aos acidentes orográficos ou ainda, como veremos, aos elementos hidrográficos que foram relevados.

4.1 Aspectos singulares da toponímia

O tombo da Redinha é relativamente parco em indicações toponímicas. Na época da visita ainda era possível encontrar as ruínas de uns antigos paços³⁵⁵, junto dos quais se localizava a igreja matriz da invocação de Nossa Senhora com o seu adro³⁵⁶, local por excelência de encontro dos fiéis crentes para cumprimento das suas obrigações e devoções religiosas. A praça da vila constituir-se-ia como o ponto central da povoação e do seu espaço urbano, qual centro nevrálgico da vivência dos vizinhos e moradores.

³⁵⁵ AN/TT, *O.C./C.T.*, Livro 308, fls. 136v.

³⁵⁶ *Idem*, fls. 136, 136v e 141v.

O único arruamento a merecer a sua nomeação no tombo da Redinha é a Rua dos Ferreiros, sita num dos extremos da vila³⁵⁷, numa clara alusão aos mesteirais que ali desenvolviam a sua actividade profissional. Ao longo do documento encontrámos diversas referências a outros tantos arruamentos e caminhos, no entanto, a sua identificação é feita com recurso a indicações complementares que não uma designação toponímica particular. De entre os percursos mencionados, contam-se o ‘*caminho que vay pera soure*’³⁵⁸, a ‘*estrada que vay pera o louriçal*’³⁵⁹, a ‘*estrada que vay pera pombal*’³⁶⁰, a ‘*estrada que vay da vila para a ponte*’³⁶¹, o ‘*caminho que vay pera as casas d anço*’³⁶², o ‘*caminho de longo que vay pera a ponte*’³⁶³, o ‘*caminho dos moinhos*’³⁶⁴ e o ‘*caminho do concelho*’³⁶⁵. Surgiu-nos também uma referência à ‘*cabeça da forca*’, decerto a apontar o local onde tinha lugar a execução da pena capital por enforcamento, em cumprimento de ordem judicial emanada por quem de direito.

Os autores consultados sugerem que a vila da Redinha³⁶⁶ terá tido a sua origem em tempos que remontam a épocas pré-romanas e que o topónimo terá derivado do étimo de origem persa «*Rhoda*», com o significado de «*jardim*», que evoluiu para *Rodina* e posteriormente para a actual designação³⁶⁷. Quanto a *Abiul*³⁶⁸, povoação que, na época da visitação, integrava no termo de Soure, surge mencionada em ambos os tombos³⁶⁹. Embora nada de concreto se saiba sobre a etimologia deste topónimo, o *DOELP* sugere a hipótese da sua origem moçárabe que significa «*pai de Júlio*»³⁷⁰. Um outro povoado sito a nordeste de Redinha e cujo termo integrava ao tempo da visitação é *Tapéus*³⁷¹, onomato cuja origem não nos foi possível apurar. Embora já tenha integrado o concelho de Pombal,

³⁵⁷ *Idem* fl. 139v.

³⁵⁸ *Idem*, fl. 136v.

³⁵⁹ *Ibidem*.

³⁶⁰ *Ibidem*.

³⁶¹ *Idem*, fl. 137.

³⁶² *Idem*, fl. 138.

³⁶³ *Idem*, fl. 139.

³⁶⁴ *Ibidem*.

³⁶⁵ *Idem*, fl. 139v.

³⁶⁶ *Carta Militar de Portugal – Redinha (Pombal)*, folha 262. Lisboa, Instituto Geográfico do Exército, 2003. Ver também Mapa II.

³⁶⁷ LEAL, Augusto Pinho, *op. cit.*, vol. VIII, p. 79-85. PEREIRA, Esteves e RODRIGUES, Guilherme – *Portugal – Dicionario Historico, Chorographico, Biographico, Bibliographico, Heraldico, Numismatico e Artistico*. Lisboa: João Romano Torres & C.^a Editores, 1912. Vol. VI, pp. 138-139.

³⁶⁸ *Carta Militar de Portugal – Pombal*, folha 274. Lisboa, Instituto Geográfico do Exército, 2003. Ver também o Anexo I.

³⁶⁹ AN/TT, O.C./C.T., Livro 308, fls. 137, 38, 50v, 59v e 61.

³⁷⁰ MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. I, p. 30.

³⁷¹ AN/TT, O.C./C.T., Livro 308, fl. 138v.

a povoação constitui-se nos nossos dias como uma das freguesias do concelho de Soure³⁷².

A vila de *Soure* surge mencionada em ambos os tombos e é actualmente um dos concelhos do distrito de Coimbra³⁷³. Fora originalmente doada aos Templários e, a exemplo de Redinha e Pombal, veio também a ser constituída em comenda da Ordem de Cristo. Os autores das obras que consultámos parecem não ter chegado a uma última palavra sobre a origem do onomato³⁷⁴.

Mapa 2 – topónimos que subsistem na actual freguesia da Redinha



Anços é um outro povoado referido no tombo de Redinha³⁷⁵ que chegou aos nossos dias³⁷⁶, topónimo cuja origem é obscura³⁷⁷. Outra povoação que ainda subsiste é

³⁷² Conforme informação disponível em <http://www.cm-soure.pt/> (consultado em 19mai18).

³⁷³ AN/TT, *O.C./C.T.*, Livro 308, fls. 136v, 34v e 53.

³⁷⁴ MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. III, p. 1366. VASCONCELOS, Leite de – *Onomatologia (...)*, p. 36-38.

³⁷⁵ AN/TT, *O.C./C.T.*, Livro 308, fl. 137v.

³⁷⁶ *Carta Militar de Portugal – Redinha (...)*. Mapa II.

³⁷⁷ MACHADO, José Pedro – *Dicionário Onomástico (...)*, vol. I, p. 132.

*Carvalho*³⁷⁸ que modernamente integra a freguesia de Tapéus³⁷⁹. O onomato deriva do substantivo masculino, o qual, por sua vez, tem a sua origem no étimo ‘*carvalho*’. Este topónimo ocorre com elevada frequência ao longo do território nacional e também na Galiza, seja no singular, seja no plural³⁸⁰.

*Verigo*³⁸¹ é a designação de uma povoação que se mantém na actualidade, situa-se na freguesia de Pelariga e surge mencionada em ambos os tombos³⁸². O topónimo poderá ter a sua raiz numa variação de *Veirigo*, um termo de provável origem germânica, mas ainda não completamente determinada³⁸³.

Um outro topónimo que se nos deparou foi *Louriçal*³⁸⁴, uma das freguesias que integram o concelho de Pombal³⁸⁵. Onomato com origem no étimo latino *laurus*, através de *laurĩũ*, com o significado de «*que tem ou em que há louro ou loureiros*»³⁸⁶.

Poios é uma outra povoação do termo de Redinha³⁸⁷, topónimo que também se mantém nos nossos dias³⁸⁸. Onomato derivado do substantivo masculino «*poio*», com origem no étimo latino *pōdũ*-, que significa «*pódio, cantaria de apoio, cornija; pequena eminência*» pelo que julgamos lícito supor que estamos em presença de um lugar sito numa zona relativamente elevada³⁸⁹.

Um outro povoado que surge mencionado no tombo de Redinha é *Godinha Mansa*³⁹⁰, o qual provavelmente foi perdendo a sua relevância e presentemente já não existe. Embora o *DOELP* assinalasse diversas ocorrências do onomato *Godinha* no território nacional (Campo Maior, Feira, Vila Viçosa e Redondo), não encontramos explicação

³⁷⁸ AN/TT, O.C./C.T., Livro 308, fl. 138v.

³⁷⁹ Informação disponível em <https://www.visitarportugal.pt/distritos/d-coimbra/c-soure/toponimos> (consultado em 20mai18). De referir que este topónimo ocorre também nos arredores de São Simão de Litém, conforme se pode confirmar no anexo IX relativo a esta freguesia.

³⁸⁰ MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. I, p. 363. MACHADO, José Pedro – *Dicionário Etimológico* (...), vol. II, p. 87.

³⁸¹ AN/TT, O.C./C.T., Livro 308, fls. 39, 54v e nota 7 inserta no fl. 137v.

³⁸² *Carta Militar de Portugal – Redinha* (...). Anexo VII.

³⁸³ MACHADO, José Pedro – *Dicionário Onomástico* (...), vol. III, p. 1469.

³⁸⁴ AN/TT, O.C./C.T., Livro 308, fl. 136v.

³⁸⁵ Anexo IV.

³⁸⁶ MACHADO, José Pedro – *Dicionário Onomástico* (...), vol. II, p. 897.

³⁸⁷ AN/TT, O.C./C.T., Livro 308, fl. 138.

³⁸⁸ *Carta Militar de Portugal – Redinha* (...). Mapa II.

³⁸⁹ MACHADO, José Pedro – *Dicionário Etimológico* (...), vol. IV, p. 390. Ver também o *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, 2 volumes, vol. II, p. 2890. Lisboa: Editorial Verbo, 2001.

³⁹⁰ AN/TT, O.C./C.T., Livro 308, fl. 138.

plausível para o seu significado. Também o povoado de *Orão*³⁹¹ parece ter-se desvanecido na espuma do tempo, embora ainda se assinala a existência da *Quinta de Orão* na região de Pombal³⁹². O onomato deriva do étimo árabe *Hran*, o qual se constitui também raiz comum de *Ourão* e *Ourém*³⁹³.

Casal Novo era uma outra povoação do termo de Redinha³⁹⁴, entretanto desaparecida ou rebaptizada. Se neste tombo apenas localizámos um povoado com o termo ‘*casal*’ na composição da sua designação toponímica, constatámos a existência de diversos topónimos compostos que o incluem no tombo pombalense como veremos adiante. A enumeração destes lugares fornece-nos, desde logo, a indicação da existência de grande número de “*casais*”. A este propósito, recolhemos em Sílvio Conde a seguinte proposta, que transcrevemos: “O *casal*, por constituir a unidade agrária de base, merece especial reparo. Numa estrutura vivencial campesina, era muito mais que um simples suporte ou cenário da família rural. Visto a partir do exterior, era unidade espacial, habitacional, de povoamento, de produção, de consumo, fiscal. Visto do interior da família camponesa medieval, era algo que integrava a própria estrutura da família: espaço vivencial, habitação, empresa familiar”³⁹⁵. A terra que o constituía seria suficiente para prover o sustento da família, tendo como suporte a casa onde habitavam.

Um termo que se nos afigura como provável microtopónimo é *A-da-Albarda*³⁹⁶, local assim conhecido na época, que o tombo refere situar-se junto do rio Anços e onde outrora existira um pisão, entretanto caído em ruínas. O termo *albarda* provém do étimo árabe *al-barda’a* ou *al-barda’ā* e designa um apetrecho utilizado na preparação de animais para diversos trabalhos de carga, agrícolas e outros em locais onde ainda se recorre ao seu emprego para esses fins, embora também seja utilizado para designar um fato grosseiro e ridículo³⁹⁷.

³⁹¹ *Idem*. Também surge a referência à *mouta de Orão*, numa provável alusão ao tipo de vegetação que ali se podia encontrar naquela zona.

³⁹² MACHADO, José Pedro – *Dicionário Onomástico (...)*, vol. III, p. 1096.

³⁹³ *Idem*. A vila de Ourém surge mencionada em AN/TT, O.C./C.T., Livro 308, fls. 50, 51v e na nota 8 apensa ao fl. 41. Situa-se no distrito de Santarém, onde é sede de concelho.

³⁹⁴ AN/TT, O.C./C.T., Livro 308, fl. 138v. A expressão ‘*Casal Novo*’ parece explicar-se por si só.

³⁹⁵ CONDE, Manuel Sílvio Alves – *Uma paisagem humanizada (...)*, p. 181.

³⁹⁶ AN/TT, O.C./C.T., Livro 308, fl. 137v.

³⁹⁷ MACHADO, José Pedro – *Dicionário Etimológico (...)*, vol. I, p. 172. *Dicionário da Língua Portuguesa (...)*, vol. I, p. 149.

De igual modo, a expressão *Vale de Santa Maria*³⁹⁸ parece referir-se a um acidente orográfico que se constituía microtopónimo sito nas imediações da vila, quiçá nas imediações de um templo dedicado à mãe de Cristo.

Enfim, o documento apresenta-nos uma referência à '*fonte do Caruncho*'³⁹⁹, com este último onomato ainda a subsistir na actualidade como topónimo⁴⁰⁰ e com provável origem no antigo étimo castelhano *caruncho*⁴⁰¹.

Quanto a Pombal⁴⁰², trata-se de um onomato que terá tido a sua origem no substantivo masculino *pombo*, o qual, por sua vez, terá tido uma variante com a grafia *palumbar(e)* em latim bárbaro⁴⁰³. A alusão às aves parece-nos não ser de descuar.

Diferentes arruamentos mereceram menção no tombo, os quais nos permitem um vislumbre – ainda que modesto –, da vila de Pombal nos inícios de Quinhentos. Estamos em crer que a praça⁴⁰⁴ se constituía um ponto central da vila, referente por excelência de onde saíam arruamentos como a Rua da Praça⁴⁰⁵ ou a rua que estabelecia a ligação da praça para São Pedro⁴⁰⁶. Atrás da Rua da Praça encontrava-se uma azinhaga que estabelecia a ligação ao antigo local onde se situava outrora o forno da vila⁴⁰⁷. Já em nas imediações do adro da igreja de São Pedro⁴⁰⁸ situava-se a Rua Pública⁴⁰⁹ que, de acordo com o documento, existia também em Vila Cã⁴¹⁰. Os nomes dos santos a quem eram dedicadas as igrejas, acabavam por ser também incorporados na toponímia, de que são exemplo os casos da Azinhaga de Santa Maria⁴¹¹ ou da Rua de São Martinho⁴¹², embora no caso do topónimo Azinhaga da igreja⁴¹³ não se encontre especificado o templo a que os visitantes pretendiam referir-se.

³⁹⁸ AN/TT, O.C./C.T., Livro 308, fl. 136v.

³⁹⁹ *Idem*, nota 14 inserta no fl. 142.

⁴⁰⁰ *Carta Militar de Portugal – Redinha (...)*. Mapa 2.

⁴⁰¹ *Dicionário da Língua Portuguesa (...)*, vol. I, p. 718.

⁴⁰² AN/TT, O.C./C.T., Livro 308, fls. 136v, 32, 33, 34, 50v, 54v, 57v, 58, 59v, 61, 64, 65 e ainda em adenda marginal ao fl.137v.

⁴⁰³ MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. IV, p. 397. MACHADO, José Pedro – *Dicionário Onomástico (...)*, vol. III, p. 1194.

⁴⁰⁴ AN/TT, O.C./C.T., Livro 308, fls. 34, 53.

⁴⁰⁵ *Idem*, fl. 34v.

⁴⁰⁶ *Ibidem*.

⁴⁰⁷ *Ibidem*.

⁴⁰⁸ *Idem*, fl. 59.

⁴⁰⁹ *Idem*, fls. 34, 34v, 35, 35v, 53, 58v, 59, 60.

⁴¹⁰ *Idem*, fl. 59v.

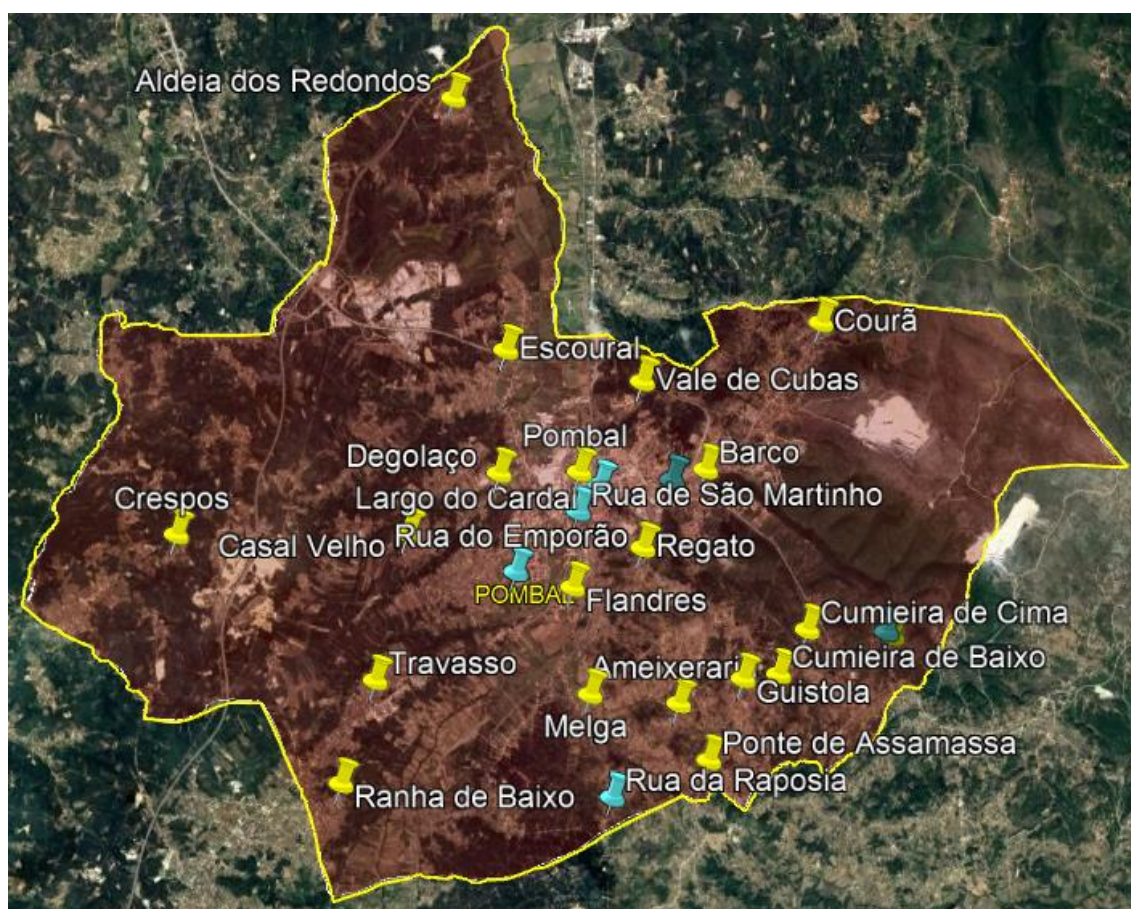
⁴¹¹ *Idem*, fls. 34v, 35v.

⁴¹² *Idem*, fls. 34v, 53.

⁴¹³ *Idem*, fl. 34.

Outros locais que decerto serviram de importantes pontos de encontro foram o ‘*rossio do concelho*’⁴¹⁴ ou o ‘*rossio do cardal*’⁴¹⁵, uma vez que, embora de origem obscura, o termo «rossio» aponta para significados com a conotação de terreiro espaçoso ou praça pública⁴¹⁶ que, de resto, se mantêm na actualidade. De igual modo, também o Chão do concelho, sito nas imediações da igreja de São Pedro⁴¹⁷ parece remeter-nos para uma zona plana que, de algum modo, poderia desempenhar a função de ponto de encontro comunitário. A expressão «do concelho» surge ainda associada a uma azinhaga⁴¹⁸ e a uma congosta⁴¹⁹ de que não fornecidos dados adicionais que permitam elucubrações.

Mapa 3 – topónimos que subsistem na actual freguesia de Pombal



⁴¹⁴ *Idem*, fls. 35v, 45.

⁴¹⁵ *Idem*, fl. 43.

⁴¹⁶ *Dicionário da Língua Portuguesa (...)*, vol. II, p. 3281.

⁴¹⁷ AN/TT, O.C./C.T., Livro 308, fls. 35, 56, 58v.

⁴¹⁸ *Idem*, fl. 35.

⁴¹⁹ *Idem*, fl. 53v.

Quanto à '*rua da ponte*⁴²⁰, a exemplo da '*rua do rio*⁴²¹ ou da '*rua que vai para o castelo*⁴²², parecem estabelecer-se conexões directas com os elementos que as integram, naturalmente por permitirem o acesso aos mesmos ou por se situarem nas suas imediações. De igual modo, quando é feita menção à '*rua dos açougues*⁴²³ parece precisar-se o tipo de actividade que ali se desenvolvia. No caso da '*rua dos sobrados*⁴²⁴ a indicação que se nos sugere é que as habitações dispunham deste tipo de piso.

Já quanto à '*rua da corredoura*⁴²⁵, designação que ainda se mantém na actualidade em Pombal, tratava-se certamente de uma das vias de acesso ao centro da vila. De resto, o termo «corredoura» significava «corredor», «passagem», «rua larga e estreita»⁴²⁶.

Entre outras designações toponímicas, depararam-se-nos a '*rua dos castanhos*⁴²⁷, a '*rua coimbrã*⁴²⁸, a '*rua de manchupel*⁴²⁹, a '*rua da travessa*⁴³⁰ ou ainda uma travessa de que não nos chegaram outros dados que nos permitam avançar explicações cabais para as mesmas.

Diversos são os caminhos que nos são referidos no tombo, regra geral, nomeados com recurso a elementos com que estabelecem ligação, como são os casos do '*caminho que vay das vinhas d asamassa pera a barregueira*⁴³¹, '*caminho da serra*⁴³², '*caminho que vay pera escourellas*⁴³³, '*caminho de Pombal a Vila Cã*⁴³⁴, '*caminho que vay pera tomar*⁴³⁵, '*caminho que vay de tourilhe para abeul*⁴³⁶, '*caminho que vay pera vermuil*⁴³⁷, '*caminho que vay a caram do monte pera o campo da proua*⁴³⁸, '*caminho*

⁴²⁰ *Idem*, fl. 34.

⁴²¹ *Idem*, fls. 39, 42v, 45v, 53.

⁴²² *Idem*, fl. 59.

⁴²³ *Idem*, fl. 58v.

⁴²⁴ *Idem*, fl. 35v.

⁴²⁵ *Idem*, fl. 58v.

⁴²⁶ FIGUEIREDO, Cândido de – *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, p. 529. Lisboa: Livraria Clássica, 1913.

⁴²⁷ AN/TT, O.C./C.T., Livro 308, fl. 35.

⁴²⁸ *Idem*, fl. 58v.

⁴²⁹ *Ibidem*.

⁴³⁰ *Idem*, fl. 56.

⁴³¹ *Idem*, fl. 48v.

⁴³² *Idem*, fl. 52.

⁴³³ *Idem*, fl. 44v.

⁴³⁴ *Idem*, fl. 50v.

⁴³⁵ *Idem*, fl. 47v.

⁴³⁶ *Idem*, fl. 61v.

⁴³⁷ *Idem*, fl. 45.

⁴³⁸ *Idem*, fl. 44.

do conçelho⁴³⁹, ‘caminho que vay pera o travaço’⁴⁴⁰, ‘caminho velho’⁴⁴¹ ou ainda o ‘caminho publico que vay pera o escoiral’⁴⁴².

Enfim, múltiplas são também as referências a outras tantas estradas que se apresentavam aos visitantes e que mereceram menção como foram os casos da ‘*estrada que vay para sam bartolomeu*’⁴⁴³, ‘*estrada que vay pera a mouta santa*’⁴⁴⁴, ‘*estrada que vay pera a Redinha*’⁴⁴⁵, ‘*estrada da Redinha*’⁴⁴⁶, ‘*estrada que vay pera as avitureiras*’⁴⁴⁷, ‘*estrada que vay pera abeul*’⁴⁴⁸, ‘*estrada de abeul*’⁴⁴⁹, ‘*estrada que vay de abeul pera leirea*’⁴⁵⁰, ‘*estrada do conçelho que uay pera a villa e pera leirea*’⁴⁵¹, ‘*estrada que uay pera leirea*’⁴⁵², ‘*estrada que vay de pombal pera carnide*’⁴⁵³, ‘*estrada que vay pera vila galega*’⁴⁵⁴, ‘*estrada do escoiral*’⁴⁵⁵, ‘*estrada da calçada que uay pera o escoiral*’⁴⁵⁶, ‘*estrada velha que vay pera o barco*’⁴⁵⁷, ‘*estrada que vay pera a carreira nova*’⁴⁵⁸ ou a ‘*estrada velha*’⁴⁵⁹.

Como ficou dito quanto ao tombo de Redinha, também na região de Pombal os visitantes referenciaram diversos locais em cuja designação nos surgiu o onomato ‘Casal’, como os que passamos a dar nota:

- *Casais*⁴⁶⁰: o onomato parece levar-nos a colocar a hipótese de que estaremos em presença de um local onde este tipo de propriedade era recorrente; estamos em

⁴³⁹ *Ibidem*.

⁴⁴⁰ *Idem*, fl. 39.

⁴⁴¹ *Ibidem*.

⁴⁴² *Idem*, fl. 45.

⁴⁴³ *Idem*, fl. 55v.

⁴⁴⁴ *Idem*, fl. 54v.

⁴⁴⁵ *Idem*, fls. 43v, 45v.

⁴⁴⁶ *Idem*, fl. 55.

⁴⁴⁷ *Idem*, fl. 45v.

⁴⁴⁸ *Idem*, fl. 61.

⁴⁴⁹ *Idem*, fl. 59v.

⁴⁵⁰ *Idem*, fl. 50v.

⁴⁵¹ *Idem*, fl. 36.

⁴⁵² *Idem*, fl. 42.

⁴⁵³ *Idem*, fl. 58.

⁴⁵⁴ *Idem*, fl. 46.

⁴⁵⁵ *Idem*, fl. 39.

⁴⁵⁶ *Idem*, fl. 42v.

⁴⁵⁷ *Idem*, fl. 45v.

⁴⁵⁸ *Idem*, fl. 40.

⁴⁵⁹ *Idem*, fl. 58.

⁴⁶⁰ *Idem*, fl. 47.

presença de um topónimo que é ainda possível referenciar nos nossos dias na freguesia de Vila Cã⁴⁶¹.

- *Casal do Barco*⁴⁶²: de referir que o topónimo Barco se regista ainda na actualidade, bem como uma artéria denominada Travessa do Barco na cidade de Pombal⁴⁶³. Cremos que na sua origem, possa estar uma alusão à proximidade de um curso de água e, conseqüentemente, ao meio de transporte utilizado para nele navegar.
- *Casal da Capelaria*⁴⁶⁴: embora não tenhamos localizado significado para este onomato, sugere-se-nos que possa ter evoluído a partir do termo ‘capelo’, conhecido componente dos hábitos monacais e, nesse sentido, poderá não de ser de excluir a hipótese de o local poder estar relacionado com esse aspecto, situação que a ausência de outros dados documentais nos impede de precisar. Da leitura do documento parece resultar que a expressão se refere a uma propriedade e não a topónimo⁴⁶⁵.
- *Casal do Corã/Corrã*⁴⁶⁶: embora não tenhamos localizado explicação plausível para o onomato, localizámos o topónimo Courã que cremos corresponder ao local mencionado pelos visitantes⁴⁶⁷.
- *Casal do Freixial*⁴⁶⁸: nova alusão a uma propriedade, numa designação que se constitui numa clara referência ao tipo de espécie arbustiva que era ali recorrente.
- *Casal de João Afonso*⁴⁶⁹: expressão que cremos não ser topónimo, mas tratar-se de uma fórmula adoptada na época para indicar o nome do proprietário de um determinado casal e de que encontrámos outros casos similares, como sucede com o ‘*Casal de João escrivão*’⁴⁷⁰, o ‘*Casal dos Frades*’⁴⁷¹, ‘*Casal de Martim*

⁴⁶¹ *Carta Militar de Portugal – Pombal*, folha 274. Lisboa, Instituto Geográfico do Exército, 2003.

⁴⁶² AN/TT, O.C./C.T., Livro 308, fls. 44 e 54v. Anexo XI.

⁴⁶³ *Carta Militar de Portugal – Pombal* (...). Mapa III.

⁴⁶⁴ AN/TT, O.C./C.T., Livro 308, fl. 47.

⁴⁶⁵ De resto, encontrámos a indicação em GOMES, Saul *Pombal Medieval e Quinhentista. Documentos da sua História*. Batalha: Centro do Património da Estremadura, 2010, p. 35, de que, em 1424, Iria Anes doara os bens que possuía na Capelaria ao Mosteiro de Santa Maria da Vitória na Batalha e que, pela sua morte em 1447, os frades terão tomado posse do Casal. A 10 de Dezembro de 1520, o Mosteiro emprazou em três vidas o Casal da Capelaria ao lavrador João Álvares, de alcunha João Grande, casado com Catarina Fernandes, moradores nos Casais, termo de Pombal.

⁴⁶⁶ *Idem*, fls. 38v, 54v.

⁴⁶⁷ *Carta Militar de Portugal – Pombal* (...). Mapa III.

⁴⁶⁸ *Idem*, fls. 50v e 51.

⁴⁶⁹ *Idem*, fl. 46v.

⁴⁷⁰ *Idem* fl. 47.

⁴⁷¹ *Idem*, fl. 50v.

Gomes'⁴⁷², o '*casal que foy do Crespo*'⁴⁷³ ou ainda o '*Casal do Marinheiro*'⁴⁷⁴ – outrora designado '*Casal do Mouquelo*'⁴⁷⁵, onomato para que não encontrámos explicação satisfatória nas fontes consultadas.

- *Casal do Moxam*⁴⁷⁶: na ausência de resultados para o onomato, localizámos o termo '*mouchão*', com provável origem no étimo latino *mutūlo*, *-ōnis*, de *mutūlus*. O termo aplica-se a um terreno arborizado de pequena extensão que se eleva nas lezírias⁴⁷⁷. Assim, cremos que nos seja lícito supor que tal formação ocorresse no local indicado pelos visitantes.
- *Casal dos Pinhoeiros*⁴⁷⁸: de acordo com o documento, esta era a antiga designação do casal de Nuno Botelho. Embora não tenhamos localizado explicação definitiva para o significado deste onomato, julgamos não ser de descartar a possibilidade de nos encontrarmos em presença de alusão a indivíduos que desenvolviam algum tipo de actividade conotada com a exploração e / ou transacção de pinhões⁴⁷⁹.
- *Casal da Remessa*⁴⁸⁰: o onomato tem origem no substantivo masculino e, entre outros sentidos encontrados⁴⁸¹, significa '*vara de videira*'⁴⁸², numa provável referência ao tipo de cultura praticada naquela zona; os topónimos *Remessa de Cima* e *Remessa de Baixo* ainda subsistem nos nossos dias⁴⁸³.
- *Casal Velho*⁴⁸⁴: designação de um local que os visitantes referem encontrar-se despovoado. Nos nossos dias regista-se ainda este topónimo na freguesia de Pombal⁴⁸⁵.

⁴⁷² *Ibidem*.

⁴⁷³ *Ibidem*.

⁴⁷⁴ *Idem*, fls. 47, 49 e 50.

⁴⁷⁵ *Idem*, fl. 47.

⁴⁷⁶ *Idem*, fl. 60.

⁴⁷⁷ *Dicionário da Língua Portuguesa (...)*, op. cit., vol. II, p. 2539.

⁴⁷⁸ AN/TT, O.C./C.T., Livro 308, fls. 52-52v.

⁴⁷⁹ O *Dicionário da Língua Portuguesa (...)*, vol. II, p. 2861 apresenta-nos, por exemplo, o termo pinhoadá. Além disso, localizámos notícia que dá conta de festividade popular na região de Alcobaça que faz alusão a esta actividade tradicional [disponível em <http://www.oalcoa.com/festa-dos-padroeiros-com-mudanca-dos-pinhoeiros/> (consultado em 18jun18)].

⁴⁸⁰ AN/TT, O.C./C.T., Livro 308, fl. 48.

⁴⁸¹ MACHADO, José Pedro – *Dicionário Etimológico (...)*, vol. V, p. 73. MACHADO, José Pedro – *Dicionário Onomástico (...)*, vol. III, p. 1254.

⁴⁸² MACHADO, José Pedro – op. cit., vol. III, p. 1254.

⁴⁸³ *Carta Militar de Portugal – Pombal (...)*. Anexo VIII.

⁴⁸⁴ AN/TT, O.C./C.T., Livro 308, fl. 45v.

⁴⁸⁵ *Carta Militar de Portugal – Pombal (...)*. Mapa III.

Como seria de esperar, também no capítulo da toponímia, o tombo pombalense se revela novamente bem mais variado e rico, como passamos a expor:

- *A-do-Cavaleiro*⁴⁸⁶: expressão cuja utilização parece referir-se a microtopónimo que apontava o local onde se situava uma propriedade.
- *Abitureiras*⁴⁸⁷: onomato com origem no étimo latino *vultur*, que significa «abutre» e que evoluiu para *vulturaria*, ou seja, trata-se de um termo recorrentemente utilizado para designar locais habitualmente frequentados por aves de rapina⁴⁸⁸. Registámos também a ocorrência do topónimo *Vitureira*, cuja origem coincide com a do topónimo *Abitureiras*, que nos surge no documento a propósito de os moradores no reguengo local, sito no termo de Montemor, se encontrarem obrigados ao pagamento do dízimo das suas produções em Pombal, em virtude de aí receberem os sacramentos⁴⁸⁹.
- *Aldeia dos Redondos*⁴⁹⁰: topónimo que integra a freguesia de Pombal⁴⁹¹. O onomato «aldeia» deriva do étimo árabe *ad-daiâ* que significa «campo» e que entre nós designa um povoado de menores dimensões que as nossas vilas ou cidades e sem autonomia administrativa. Quanto ao onomato «redondos», é geralmente aplicado na designação de pormenores orográficos ou edificativos de diversas localidades, situação que se nos afigura como hipótese de explicação para o seu emprego no caso em apreço.
- *Alqueidão*⁴⁹²: topónimo que chegou aos nossos dias⁴⁹³ e cuja ocorrência é frequente no território nacional. O termo provém do étimo árabe *alq(u)eddan(e)* utilizado para significar «tufo calcário», pelo que estamos em crer que seria uma zona de frequente surgimento de pedra calcária esbranquiçada e branda que endurece quando exposta ao ar e se emprega nas edificações⁴⁹⁴.
- *Alvorge*⁴⁹⁵: povoação localizada no concelho de Ansião e distrito de Coimbra. Termo com origem no étimo árabe *al-burj*, que significa «castelo», «torre»,

⁴⁸⁶ AN/TT, O.C./C.T., Livro 308, fl. 59v.

⁴⁸⁷ *Idem*, fl. 45v.

⁴⁸⁸ MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. I, p. 30.

⁴⁸⁹ AN/TT, O.C./C.T., Livro 308, fl. 58.

⁴⁹⁰ *Idem*, fl. 57v.

⁴⁹¹ *Carta Militar de Portugal – Pombal (...)*. Mapa III.

⁴⁹² AN/TT, O.C./C.T., Livro 308, fl. 60.

⁴⁹³ *Carta Militar de Portugal – Santiago de Litém (...)*. Anexo VIII.

⁴⁹⁴ LOPES, David – Toponímia árabe em Portugal. *Revista Lusitana*, vol. 24, nºs 1-4, pp. 263-264. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1922. MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. I, p. 111.

⁴⁹⁵ AN/TT, O.C./C.T., Livro 308, fl. 49v.

«*casa fortificada*» ou ainda qualquer construção isolada em pedra; na Argélia, o termo é utilizado para referenciar uma casa de campo⁴⁹⁶.

- *Ameixieira*⁴⁹⁷: este termo surge no tombo em complemento do nome de João Álvares. A sua utilização parece remeter para um topónimo que actualmente já não existe, embora tenhamos registado a ocorrência do topónimo *Ameixeraria* a sul de Pombal⁴⁹⁸. Por esclarecer cabalmente fica a questão de saber se estamos em presença do mesmo local. O termo deriva do étimo latino *damascena*, que evoluiu para o substantivo masculino *ameixa*⁴⁹⁹.
- *Arnado*⁵⁰⁰: a expressão utilizada pelos visitantes é ‘*Lagares ao Arnado*’, situação que não nos permite indicar claramente o topónimo. No entanto, as fontes consultadas permitiram-nos aferir da existência de locais como *Lagares*⁵⁰¹, *Arnal*⁵⁰² e *Arneiro*⁵⁰³, pelo que estamos em crer que um deles corresponda ao onomato que nos é descrito.
- *Arroteia*⁵⁰⁴: povoação situada a sueste de Pombal⁵⁰⁵. Este topónimo ocorre de forma frequente que em território nacional, quer na Galiza. O termo deriva do substantivo feminino e constitui-se uma forma regressiva do verbo *arrotear*⁵⁰⁶.
- *Assamassa*⁵⁰⁷: topónimo atribuído a uma povoação sita no termo de Pombal⁵⁰⁸ e que corresponde também à designação dada a um curso de água e a uma propriedade. O *DOELP* sugere que podemos estar na presença de um nome comum resultante de uma aglutinação e que não é de excluir a possibilidade de o termo corresponder a uma antiga designação de forno⁵⁰⁹.

⁴⁹⁶ MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. I, p. 117.

⁴⁹⁷ AN/TT, O.C./C.T., Livro 308, fl. 55v.

⁴⁹⁸ *Carta Militar de Portugal – Pombal (...)*. Mapa III.

⁴⁹⁹ MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. I, p. 123. MACHADO, José Pedro – *Dicionário Etimológico (...)*, vol. I, p. 229.

⁵⁰⁰ AN/TT, O.C./C.T., Livro 308, fl. 44v.

⁵⁰¹ *Carta Militar de Portugal – Redinha (...)*.

⁵⁰² *Carta Militar de Portugal – Santiago de Litém (...)*.

⁵⁰³ Informação disponível em <https://www.visitarportugal.pt/distritos/d-leiria/c-pombal/localidades> (consultado em 07jun18).

⁵⁰⁴ AN/TT, O.C./C.T., Livro 308, fls. 49v, 54v.

⁵⁰⁵ *Carta Militar de Portugal – Pombal (...)*. Mapa III.

⁵⁰⁶ MACHADO, José Pedro – *Dicionário Onomástico (...)*, vol. I, p. 171. MACHADO, José Pedro – *Dicionário Etimológico (...)*, vol. I, p. 322.

⁵⁰⁷ AN/TT, O.C./C.T., Livro 308, fls. 36, 46, 46v, 48 e 48v.

⁵⁰⁸ *Carta Militar de Portugal – Pombal (...)*. O topónimo actual é Ponte de Assamassa. Mapa III.

⁵⁰⁹ MACHADO, José Pedro – *Dicionário Onomástico (...)*, vol. I, p. 178. MACHADO, José Pedro – *Dicionário Etimológico (...)*, vol. I, p. 333.

- *Avelar*⁵¹⁰: o onomato «*auelal*» surge como parte integrante do nome do foreiro Afonso Lopes, pelo que se nos sugere que estamos em presença de uma adjunção tópica, tanto que o povoado ainda subsiste na região de Pombal⁵¹¹. O onomato deriva do latim *abellana* ou *avellana*, numa alusão à existência de aveleiras⁵¹².
- *Baltaria*⁵¹³: apesar da origem incerta do onomato, o *DOELP* sugere a possibilidade de derivação a partir de *Baltar*, topónimo com diversas ocorrências em território nacional e também na Galiza. Assim, coloca-se a hipótese de evolução a partir de *Baltarii* (*villa*), genitivo do antropónimo *Baltarius*, por sua vez derivado do germânico *balthi* e *harjis*, com o significado de exército e audaz⁵¹⁴. O povoado subsiste até aos nossos dias na região de Pombal, mais concretamente na freguesia de Vila Cã⁵¹⁵.
- *Barrigueira*⁵¹⁶: onomato com provável origem no termo «*barregã*», isto é, referir-se-ia a alguém que viveria uma relação de concubinato⁵¹⁷. A povoação situa-se na zona de Santiago de Litém⁵¹⁸.
- *Barriapa*⁵¹⁹: embora não nos tenha sido possível localizar este topónimo, encontrámos na freguesia de Vila Cã a localidade de Garriapa⁵²⁰, onomato de origem obscura⁵²¹ e que julgamos lícito supor que se trata do mesmo local.
- *Bárrio*⁵²²: topónimo com diversas ocorrências em Portugal. O termo aplica-se para apontar locais ermos e incultos, próximos de outros já cultivados e povoados⁵²³. De referir que localizámos o topónimo *Barrinho*, sito nas imediações de São Simão de Litém, pelo que somos levados a colocar a hipótese de ter ocorrido evolução semântica do mesmo⁵²⁴.

⁵¹⁰ AN/TT, O.C./C.T., Livro 308, fl. 56v.

⁵¹¹ *Carta Militar de Portugal – Santiago de Litém (...)*. Anexo VIII.

⁵¹² VASCONCELOS, Leite de – *op. cit.*, pp. 374-376. MACHADO, José Pedro – *Dicionário Onomástico (...)*, vol. I, p. 191.

⁵¹³ AN/TT, O.C./C.T., Livro 308, fl. 51.

⁵¹⁴ MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. I, p. 210.

⁵¹⁵ *Carta Militar de Portugal – Pombal (...)*. Anexo XI.

⁵¹⁶ AN/TT, O.C./C.T., Livro 308, fls. 48v, 49, 60v.

⁵¹⁷ MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. I, pp. 221-222.

⁵¹⁸ *Carta Militar de Portugal – Pombal (...)*. Anexo VIII.

⁵¹⁹ AN/TT, O.C./C.T., Livro 308, fls. 51, 60, 61v.

⁵²⁰ *Carta Militar de Portugal – Pombal (...)*. Anexo XI.

⁵²¹ MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. II, p. 699.

⁵²² AN/TT, O.C./C.T., Livro 308, fl. 49.

⁵²³ MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. I, p. 223.

⁵²⁴ *Carta Militar de Portugal – Santiago de Litém (...)*.

- *Barroca da Junqueira*⁵²⁵: povoado que aparentemente já não existe, ao menos com esta designação. No entanto, localizámos o topónimo *Junqueira* próximo de São Simão de Litém que se nos afigura como provável designação actual⁵²⁶. O onomato «*barroca*» encontra-se conotado com a existência de barro e é de utilização recorrente na toponímia do território nacional⁵²⁷.
- *Barroquinhas*⁵²⁸: onomato de origem idêntica ao do ponto anterior e que aparentemente corresponde a microtopónimo que parece não ter resistido à erosão do tempo e não chegou aos nossos dias.
- *Boldrarias*⁵²⁹: povoação que resistiu à passagem do tempo e integra actualmente a freguesia de São Simão de Litém⁵³⁰. Como já ficou expresso na p. 77 do presente trabalho, os termos «*boldrego*», «*emboldrear-se*» e «*emboldregar-se*» encontram-se intimamente conotados com ideia de sujidade, pelo que se nos sugere legítima a hipótese de que o topónimo se constitua como alusão a um local pouco cuidado e de fracas condições de higiene.
- *Bolões*⁵³¹: onomato que surge apenso à designação adoptada para uma vinha, para a qual não encontrámos explicação satisfatória, embora nos surja ainda na freguesia de Pelariga o microtopónimo *Quinta do Bolão*, sem que nos seja possível determinar se existe ligação entre ambos os topónimos⁵³².
- *Brejo*⁵³³: onomato derivado do substantivo masculino, com provável origem no étimo celta *bracum*, que indica um local de matagal⁵³⁴. Localizámos o topónimo a sul de São Simão de Litém⁵³⁵. Registámos também as povoações de *Brejinho*, sita na freguesia de Mata Mourisca⁵³⁶ e *Brejos*, que integra a freguesia de Abiul⁵³⁷.

⁵²⁵ AN/TT, O.C./C.T., Livro 308, fl. 49.

⁵²⁶ *Carta Militar de Portugal – Pombal (...)*. Anexo VIII.

⁵²⁷ MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. I, p. 223.

⁵²⁸ AN/TT, O.C./C.T., Livro 308, fl. 52v.

⁵²⁹ *Idem*, fl. 60.

⁵³⁰ *Carta Militar de Portugal – Santiago de Litém (...)*. Anexo VIII.

⁵³¹ AN/TT, O.C./C.T., Livro 308, fl. 55.

⁵³² *Carta Militar de Portugal – Redinha (...)*.

⁵³³ AN/TT, O.C./C.T., Livro 308, fl. 42v, 43v, 45.

⁵³⁴ *Dicionário da Língua Portuguesa (...)*, vol. I, p. 578.

⁵³⁵ *Carta Militar de Portugal – Santiago de Litém (...)*. Anexo IX.

⁵³⁶ Anexo V.

⁵³⁷ *Carta Militar de Portugal – Pombal (...)*. Anexo I.

- *Bugalhões*⁵³⁸: onomato com provável derivação do substantivo masculino «*bugalho*», cuja origem é obscura⁵³⁹. O topónimo ainda ocorre no território nacional, no entanto, já não é conhecido na região abrangida pelos tombos⁵⁴⁰.
- *Cabeça do Ovo*⁵⁴¹: os onomatos derivam de étimos latinos – *cabeça* tem origem em *capitia*⁵⁴², enquanto *ovo* deriva de *ovum*⁵⁴³. A hipótese que se nos coloca é a de que este aparente microtopónimo – que não chegou aos nossos dias –, pudesse designar uma elevação de configuração oval ou arredondada.
- *Cabeço do Fárrio*⁵⁴⁴: também neste caso ambos os onomatos têm origem em étimos latinos – *cabeço* deriva de *capitium* e é empregue para designar uma elevação no terreno de forma arredondada⁵⁴⁵; já *fárrio* procede de *farrēu-*, com o significado «de trigo» e «fermento»⁵⁴⁶, pelo que se nos sugere que o topónimo pudesse apontar um local elevado onde se cultivava o cereal mencionado⁵⁴⁷.
- *Cadões*⁵⁴⁸: aparente microtopónimo que não chegou aos nossos dias. Nas nossas pesquisas localizámos dois onomatos homógrafos *cadoz*, ambos com origem latina: num primeiro caso, é apresentada a derivação de *capocius* com o significado de «cabeça grande»; a segunda sugestão é a origem em *catuccium*, que designa cavidade numa rocha ou local esconso⁵⁴⁹, pelo que não fica claro o seu significado.
- *Calvaria*⁵⁵⁰: topónimo que nos surge como hipótese provável de grafia actualizada do topónimo *Calcaria* e ainda subsiste actualmente⁵⁵¹. O onomato deriva do substantivo masculino *calvário*, com origem no étimo latino *calvāriū*⁵⁵².

⁵³⁸ AN/TT, O.C./C.T., Livro 308, fl. 60v.

⁵³⁹ *Dicionário da Língua Portuguesa (...)*, op. cit., vol. I, p. 593.

⁵⁴⁰ MACHADO, José Pedro – op. cit., vol. I, p. 292.

⁵⁴¹ AN/TT, O.C./C.T., Livro 308, fl. 60v.

⁵⁴² *Dicionário da Língua Portuguesa (...)*, op. cit., vol. I, p. 604.

⁵⁴³ *Idem*, vol. II, p. 2705.

⁵⁴⁴ AN/TT, O.C./C.T., Livro 308, fl. 61v.

⁵⁴⁵ *Dicionário da Língua Portuguesa (...)*, vol. I, p. 607.

⁵⁴⁶ MACHADO, José Pedro – *Dicionário Etimológico (...)*, vol. III, p. 23.

⁵⁴⁷ *Carta Militar de Portugal – Santiago de Litém (...)*.

⁵⁴⁸ AN/TT, O.C./C.T., Livro 308, nota 9 inserta no fl. 41v.

⁵⁴⁹ *Dicionário da Língua Portuguesa (...)*, op. cit., vol. I, p. 621.

⁵⁵⁰ AN/TT, O.C./C.T., Livro 308, fl. 60v.

⁵⁵¹ *Carta Militar de Portugal – Santiago de Litém (...)*. Anexo X.

⁵⁵² MACHADO, José Pedro – *Dicionário Onomástico (...)*, vol. I, p. 320.

- *Cançaria*⁵⁵³: topónimo que chegou aos nossos dias e integra actualmente a freguesia de Santiago de Litém⁵⁵⁴. O *DOELP* propõe como hipótese etimológica a derivação a partir de *cansa*⁵⁵⁵.
- *Cardal*⁵⁵⁶/*Cardais*⁵⁵⁷: onomatos que designam locais de abundância de cardos e que se constituem topónimo de utilização recorrente ao longo do território nacional⁵⁵⁸. Embora tenhamos localizado a povoação de Cardais⁵⁵⁹, não parece crível que se trate do local indicado pelos visitantes.
- *Carnide*⁵⁶⁰: povoação que na época da visita integrava o termo de Montemor-o-Velho e que actualmente é uma das freguesias do concelho de Pombal⁵⁶¹. Provável derivação do termo céltico *carn* e do galês *carneidd*, que designa «pirâmide», amontoado de pedregulhos para memorial ou sepulcro⁵⁶².
- *Cartaria*⁵⁶³: onomato para o qual o *DELP* aponta como possível evolução do étimo grego *chartés* e latino *charta*⁵⁶⁴. Topónimo que chegou aos nossos dias e se situa próximo de Albergaria-dos-Doze⁵⁶⁵.
- *Castelo*⁵⁶⁶: povoado que se situa na freguesia de Vila Cã⁵⁶⁷. O onomato tem origem no substantivo masculino e ocorre com frequência em território nacional e também no Brasil⁵⁶⁸.
- *Chão do Ulmeiro*⁵⁶⁹: topónimo que se constitui em provável alusão à existência desta espécie arborícola nesta região e que integra também a freguesia de Vila Cã⁵⁷⁰.
- *Cheira dos Pisões*⁵⁷¹: designação por que era conhecida uma zona de mato. O onomato *cheira* tem origem no étimo latino *planāria*, provável derivação de

⁵⁵³ AN/TT, O.C./C.T., Livro 308, fls. 48, 50, 60v.

⁵⁵⁴ *Carta Militar de Portugal – Pombal (...)*. Anexo VIII.

⁵⁵⁵ MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. I, p. 337.

⁵⁵⁶ AN/TT, O.C./C.T., Livro 308, fl. 43v.

⁵⁵⁷ *Idem*, fls. 37, 53, 53v.

⁵⁵⁸ MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. I, p. 349.

⁵⁵⁹ *Carta Militar de Portugal – Pombal (...)*. Anexo XI.

⁵⁶⁰ AN/TT, O.C./C.T., Livro 308, fl. 58.

⁵⁶¹ Anexo III.

⁵⁶² MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. I, p. 356.

⁵⁶³ AN/TT, O.C./C.T., Livro 308, fl. 61v.

⁵⁶⁴ MACHADO, José Pedro – *Dicionário Etimológico (...)*, vol. II, p. 85.

⁵⁶⁵ *Carta Militar de Portugal – Santiago de Litém (...)*. Anexo II.

⁵⁶⁶ AN/TT, O.C./C.T., Livro 308, fl. 61.

⁵⁶⁷ *Carta Militar de Portugal – Pombal (...)*. Anexo XI.

⁵⁶⁸ MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. I, p. 371.

⁵⁶⁹ AN/TT, O.C./C.T., Livro 308, fl. 55v.

⁵⁷⁰ *Carta Militar de Portugal – Pombal (...)*. Anexo XI.

⁵⁷¹ AN/TT, O.C./C.T., Livro 308, fl. 36.

planus. José Pedro Machado dá-nos conta da ocorrência do topónimo *Casais das Cheiras* na região de Pombal⁵⁷², que não nos foi possível localizar nas nossas pesquisas, embora devamos referir a existência da Rua da Cheira na freguesia de Meirinhas⁵⁷³.

- *Colmeias*⁵⁷⁴: povoação que integra actualmente o concelho de Leiria⁵⁷⁵. A hipótese que se nos afigura como mais consistente é a da prática da apicultura na região.
- *Degolaço*⁵⁷⁶: onomato aparentemente derivado do verbo *degolar*⁵⁷⁷. O topónimo ocorre ainda nos nossos dias e localiza-se nas imediações de Pombal⁵⁷⁸.
- *Emporão do Chaquete*⁵⁷⁹: julgamos tratar-se de topónimo que já não existe, embora na actual toponímia da cidade ainda inclua a '*Rua Fonte do Emporão*'⁵⁸⁰, numa provável alusão a uma fonte com essa designação localizada junto da estação ferroviária local. No campo das hipóteses, o *DOELP* apresenta-nos os topónimos *Emproa* e *Emproas* com origem no étimo latino *imprōna* (*villa*), feminino de (*in*)*prōnus*, que quer dizer «inclinado», quiçá querendo apontar que um determinado povoado se encontrava implantado em local inclinado⁵⁸¹. Por outro lado, Adalberto Alves dá-nos conta da existência no território nacional dos topónimos *Chaque*, *Chaqueda*, *Chaquedo* e *Chiqueda*⁵⁸².
- *Escoural*⁵⁸³: topónimo que chegou aos nossos dias e se situa próximo de Pombal, cuja freguesia integra⁵⁸⁴. Trata-se de um onomato que deriva do substantivo

⁵⁷² MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. I, p. 404.

⁵⁷³ Anexo VI.

⁵⁷⁴ AN/TT, *O.C./C.T.*, Livro 308, fl. 49v.

⁵⁷⁵ Informação disponível em <https://www.cm-leiria.pt/> (consultado em 28jun18).

⁵⁷⁶ AN/TT, *O.C./C.T.*, Livro 308, fls. 43, 53.

⁵⁷⁷ MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. I, p. 494.

⁵⁷⁸ *Carta Militar de Portugal – Pombal* (...). Mapa III.

⁵⁷⁹ AN/TT, *O.C./C.T.*, Livro 308, fl. 38.

⁵⁸⁰ Mapa III.

⁵⁸¹ MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. II, p. 562.

⁵⁸² ALVES, Adalberto – *Dicionário de Arabismos da Língua Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2013. 961 p. Pp. 387 e 394. O topónimo *Chaque* ocorre ainda na zona de Albergaria-a-Velha e o autor atribui ao onomato a origem no étimo árabe *xakka*, que significa «punhalada», «arremetida»; com etimologia aparentemente idêntica, *Chaqueda* é topónimo que ainda existe na região de Penela, situação que ocorre também com o apelido *Chaquedo*; enfim, o autor chama a atenção para o topónimo *Chiqueda* da região de Alcobaça, onomato com origem no étimo árabe *xirkayr*, com o significado de «pocilga» ou «estábulo» ou *xiqqa* que designa uma depressão no terreno. São hipóteses que colocamos e que estudos posteriores poderão confirmar ou infirmar.

⁵⁸³ AN/TT, *O.C./C.T.*, Livro 308, fls. 39, 42v, 45, 45v, 57v.

⁵⁸⁴ *Carta Militar de Portugal – Pombal* (...). Mapa III.

masculino «escorial», que designa um terreno ou campo onde são depositadas escórias, restos de metais⁵⁸⁵.

- *Escourelas*⁵⁸⁶: onomato de origem idêntica ao anterior e que José Pedro Machado refere ainda existir na região de Pombal, embora não nos tenha sido possível precisar a sua localização exacta⁵⁸⁷.
- *Ferreiras*⁵⁸⁸: topónimo frequente em Portugal, na Galiza e no Brasil, com origem no étimo latino *ferrāria* que pretende significar «mina de ferro»⁵⁸⁹. Aparentemente a passagem do tempo terá desvanecido o local em causa.
- *Figueiredo*⁵⁹⁰: topónimo frequente em Portugal e no Brasil, com origem no substantivo masculino⁵⁹¹ e que ainda subsiste em zona vizinha de São Simão de Litém⁵⁹².
- *Flandres*⁵⁹³: povoação que pertence ao concelho de Pombal, cuja freguesia integra⁵⁹⁴. O onomato tem origem no francês *Frاندres* que, por sua vez, deriva do étimo flamengo *Vlaanderen* de origem obscura⁵⁹⁵.
- *Fontainhas*⁵⁹⁶: onomato que deriva de *fonte* – de que é diminutivo –, com origem no étimo latino *fontāna* e que se constitui topónimo de utilização recorrente ao longo do território nacional, de modo especial na sua região norte⁵⁹⁷. Nas nossas pesquisas verificámos a utilização do termo em zona próxima de Vermoil, numa provável alusão à existência de uma zona de aproveitamento hídrico⁵⁹⁸ e como topónimo na freguesia de Abiul⁵⁹⁹. De resto, ao longo do tombo surgiram-nos ainda referências à Fonte da Moura⁶⁰⁰ e à Fonte do Loureiro⁶⁰¹.

⁵⁸⁵ MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. II, pp. 580-581.

⁵⁸⁶ AN/TT, O.C./C.T., Livro 308, fls. 44, 45v.

⁵⁸⁷ MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. II, pp. 581.

⁵⁸⁸ AN/TT, O.C./C.T., Livro 308, fl. 60.

⁵⁸⁹ MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. II, p. 641.

⁵⁹⁰ AN/TT, O.C./C.T., Livro 308, fl. 45v.

⁵⁹¹ MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. II, p. 641.

⁵⁹² *Carta Militar de Portugal – Santiago de Litém (...)*. Anexo IX.

⁵⁹³ AN/TT, O.C./C.T., Livro 308, fl. 36.

⁵⁹⁴ *Carta Militar de Portugal – Pombal (...)*. Mapa III.

⁵⁹⁵ MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. II, pp. 647-648.

⁵⁹⁶ AN/TT, O.C./C.T., Livro 308, fl. 39v.

⁵⁹⁷ MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. II, pp. 655.

⁵⁹⁸ *Carta Militar de Portugal – Pombal (...)*.

⁵⁹⁹ Anexo I.

⁶⁰⁰ AN/TT, O.C./C.T., Livro 308, fl. 44.

⁶⁰¹ *Idem*, fl. 50v.

- *Guistola*⁶⁰²: topónimo cuja origem não foi possível apurar, com ocorrências noutras partes do território nacional⁶⁰³ e que integra actualmente a freguesia de Pombal⁶⁰⁴.
- *Infesta*⁶⁰⁵: topónimo com diversas ocorrências ao longo do território nacional e que deriva do étimo latino *infestu-*, que significa «empinado, a subir, íngreme». A povoação situa-se entre Santiago de Litém e Vila Cã⁶⁰⁶.
- *Litém*⁶⁰⁷: onomato de origem obscura⁶⁰⁸, de que chegaram até aos nossos dias dois topónimos que integram o concelho de Pombal, como são os casos de São Simão de Litém⁶⁰⁹ e Santiago de Litém⁶¹⁰.
- *Maçoeira*⁶¹¹: topónimo que resistiu à passagem do tempo e chegou à actualidade⁶¹², sem que nos tenha sido possível apurar com precisão a sua origem etimológica.
- *Marialva*⁶¹³: onomato com provável origem na expressão «*maria allua*»⁶¹⁴. Surge mencionado em duas ocasiões no tombo pombalense e, aparentemente, perdeu-se com a passagem do tempo⁶¹⁵.
- *Marmoirais*⁶¹⁶: onomato que também se diluiu na espuma do tempo e que o *DOELP* sugere poder estar relacionado com *memoriais*, isto é, algum lugar onde se fazia memória de alguma pessoa ou evento⁶¹⁷.
- *Melga*⁶¹⁸: topónimo que ainda ocorre actualmente na região de Pombal⁶¹⁹. Trata-se de onomato com provável origem no étimo latino *merga*, que quer dizer «forquilha»⁶²⁰.

⁶⁰² *Idem*, fls. 46v, 53v.

⁶⁰³ MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. II, p. 760.

⁶⁰⁴ *Carta Militar de Portugal – Pombal (...)*. Mapa III.

⁶⁰⁵ AN/TT, O.C./C.T., Livro 308, fl. 50.

⁶⁰⁶ *Carta Militar de Portugal – Pombal (...)*. Anexo VIII.

⁶⁰⁷ AN/TT, O.C./C.T., Livro 308, fl. 53v.

⁶⁰⁸ MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. II, p. 888.

⁶⁰⁹ *Carta Militar de Portugal – Santiago de Litém (...)*. Anexo IX.

⁶¹⁰ *Carta Militar de Portugal – Santiago de Litém (...)*. Anexo VIII.

⁶¹¹ AN/TT, O.C./C.T., Livro 308, fls. 38v, 51.

⁶¹² *Carta Militar de Portugal – Pombal (...)*. Anexo VIII.

⁶¹³ AN/TT, O.C./C.T., Livro 308, fls. 51v, 55v.

⁶¹⁴ MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. II, p. 948.

⁶¹⁵ *Carta Militar de Portugal – Pombal (...)*.

⁶¹⁶ AN/TT, O.C./C.T., Livro 308, fl. 39.

⁶¹⁷ *Carta Militar de Portugal – Pombal (...)*.

⁶¹⁸ AN/TT, O.C./C.T., Livro 308, fls. 46, 54 e nota 17 inserta no fl. 46v.

⁶¹⁹ *Carta Militar de Portugal – Pombal (...)*. Mapa III.

⁶²⁰ *Dicionário da Língua Portuguesa (...)*, vol. II, p. 2428.

- *Murtais*⁶²¹: onomato com origem no substantivo masculino *murtal*, cuja ocorrência é frequente na toponímia nacional⁶²² e que se situa próximo de Santiago de Litém⁶²³.
- *O-de-Martim-da-Maia*⁶²⁴: aparente microtopónimo que já não parece existir.
- *Outeiro da Cabeça*⁶²⁵: expressão que parece sugerir uma zona elevada que os visitantes situam em local próximo de Trás-os-Matos, no entanto, a passagem do tempo parece ter sido inapelável e já não é possível referenciá-lo nos nossos dias.
- *Outeiro das Galegas*⁶²⁶: topónimo que, ao tempo da visita, se grafava no masculino – *Outeiro dos Galegos* –, e que integra a freguesia de Vila Cã⁶²⁷, sem que nos sejam dadas pistas que permitam descortinar outros motivos da sua atribuição, a não ser que alegadamente se trata de um ponto elevado, em virtude da referência orográfica que dela faz parte.
- *Pelariga*⁶²⁸: povoado que ainda subsiste na actualidade e se constitui mesmo como uma das freguesias do concelho de Pombal⁶²⁹, sem que nos tenha sido possível apurar dados relevantes sobre a sua origem etimológica.
- *Ranha*⁶³⁰: topónimo que chegou aos nossos dias com diversas variantes – *Matos da Ranha*, *Ranha de Baixo*, *Ranha de São João*, *Outeiro da Ranha*⁶³¹. Estamos em presença de um topónimo frequente no norte do território nacional, bem como na Galiza e que parece aplicar-se a locais com elevações⁶³².
- *Raposia*⁶³³: nas nossas pesquisas apenas nos foi possível localizar um arruamento com esta designação toponímica no concelho de Pombal⁶³⁴. Embora não tenhamos encontrado pistas que nos auxiliassem no esclarecimento de um eventual significado, pela sua grafia e semelhança com outros onomatos,

⁶²¹ AN/TT, O.C./C.T., Livro 308, fl. 46v.

⁶²² MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. II, p. 1035.

⁶²³ *Carta Militar de Portugal – Pombal (...)*. Anexo VIII.

⁶²⁴ AN/TT, O.C./C.T., Livro 308, fl. 45v.

⁶²⁵ *Idem*, fl. 51v.

⁶²⁶ *Idem*, fl. 59v.

⁶²⁷ *Carta Militar de Portugal – Pombal (...)*. Anexo XI.

⁶²⁸ AN/TT, O.C./C.T., Livro 308, fl. 55.

⁶²⁹ *Carta Militar de Portugal – Pombal (...)*. Anexo VII.

⁶³⁰ AN/TT, O.C./C.T., Livro 308, fls. 38v, 45, 46.

⁶³¹ *Carta Militar de Portugal – Pombal (...)*. Anexos III e X e Mapa III.

⁶³² MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. III, p. 1239.

⁶³³ AN/TT, O.C./C.T., Livro 308, nota 17 apensa ao fl. 46v, nota 26 apensa ao fl. 50, fls. 60v, 61.

⁶³⁴ Mapa III.

estamos em crer que é legítima a hipótese de a sua origem estar ligada à existência de raposas nas imediações.

- *Repaíro*⁶³⁵: provável microtopónimo que se desvaneceu com a passagem do tempo.
- *Santa Maria do Pinheiro*⁶³⁶: de novo nos encontramos em presença de um provável microtopónimo, quiçá simples indicação da existência de um templo dedicado à mãe de Cristo que parece ter-se desvanecido.
- *Santiais*⁶³⁷: topónimo que chegou aos nossos dias⁶³⁸ e se grafava originalmente *çenteaais* em provável alusão à existência de campos de cultivo de centeio⁶³⁹.
- *São Gião*⁶⁴⁰: provável microtopónimo que não resistiu à passagem do tempo.
- *Saz do Grainho*⁶⁴¹: expressão que surge referido no tombo, sem que seja perfeitamente claro se se trata de topónimo. Ainda assim, não queremos deixar de assinalar a ocorrência do topónimo *Sazes*, povoação sita na freguesia de Almagreira⁶⁴². O onomato poderá ter resultado de derivação dos antropónimos masculinos *Saze* e *Saz*⁶⁴³. Quanto a *grainho*, trata-se da forma masculina do substantivo feminino, numa provável evolução de antiga alcunha ou apelido⁶⁴⁴.
- *Seiça*⁶⁴⁵: topónimo que surge em nota apenas ao tombo original, onde se refere que se situa no termo de Ourém. Aparentemente não é conhecida a origem precisa deste onomato⁶⁴⁶.
- *Sourão*⁶⁴⁷: topónimo que surge mencionado no tombo associado a Domingos Álvares e que chegou aos nossos dias⁶⁴⁸. O onomato é o gentílico de *Soire* – variante de *Soure* –, com o significado de «sourense», isto é, «habitante de Soure»⁶⁴⁹.

⁶³⁵ AN/TT, O.C./C.T., Livro 308, fl. 53v.

⁶³⁶ *Idem*, fl. 61v.

⁶³⁷ *Ibidem*.

⁶³⁸ *Carta Militar de Portugal – Santiago de Litém (...)*. Anexo VII.

⁶³⁹ *Grande Dicionário da Língua (...)*, vol. III, p. 86.

⁶⁴⁰ *Idem*.

⁶⁴¹ AN/TT, O.C./C.T., Livro 308, fl. 46.

⁶⁴² *Carta Militar de Portugal – Redinha (...)*. Anexo XII.

⁶⁴³ MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. III, p. 1321.

⁶⁴⁴ MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. II, p. 738.

⁶⁴⁵ AN/TT, O.C./C.T., Livro 308, nota 8 apensa ao fl. 41.

⁶⁴⁶ MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. I, p. 385.

⁶⁴⁷ AN/TT, O.C./C.T., Livro 308, fl. 50.

⁶⁴⁸ *Carta Militar de Portugal – Pombal (...)*. Anexo VIII.

⁶⁴⁹ MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. III, p. 1361.

- *Telheiro*⁶⁵⁰: provável microtopónimo que se desvaneceu com a erosão da passagem do tempo. O onomato deriva do substantivo masculino⁶⁵¹.
- *Touril*⁶⁵²: onomato derivado de «*touro*», o que nos leva a colocar a hipótese de se praticar a criação desta espécie animal⁶⁵³. O topónimo resistiu à passagem do tempo e a povoação encontra-se integrada na freguesia de Vila Cã⁶⁵⁴.
- *Trás-os-Matos*⁶⁵⁵: a exemplo do caso anterior, trata-se de topónimo que também chegou aos nossos dias e integra a mesma freguesia⁶⁵⁶. Da sua composição parece resultar a localização próxima de uma zona de mato.
- *Travasso*⁶⁵⁷: onomato com origem no étimo latino *Trabatū*, por sua vez derivado de *trabs* com o significado de «trave», «tronco de árvore» ou mesmo «árvore»⁶⁵⁸. Também este topónimo surge ainda actualmente na região de Pombal⁶⁵⁹.
- *Vale da Cortelha*⁶⁶⁰: aparente microtopónimo que com a inexorável passagem do tempo acabou por se desvanecer. Como ficou já referido aquando da abordagem do tombo de Redinha, o recurso à utilização de «vale» parece-nos resultar da configuração orográfica do relevo do local assim designado, enquanto o onomato «cortelha» era utilizada para designar um pequeno curral para recolha de gado, mas também um casinhoto ou casa pobre que eventualmente ali teria existido⁶⁶¹.
- *Vale de Cubas*⁶⁶²: o microtopónimo ainda se nos depara actualmente em local próximo da cidade de Pombal⁶⁶³. O onomato «cubas» poderá encontrar-se intimamente conotado com o recurso à utilização desse tipo de vasilhame para o transporte de vinho, dada também a proximidade de um curso de água nas imediações.

⁶⁵⁰ AN/TT, O.C./C.T., Livro 308, fl. 61v.

⁶⁵¹ MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. III, p. 1394-1395.

⁶⁵² AN/TT, O.C./C.T., Livro 308, fls. 50v, 51, 55v, 61v.

⁶⁵³ MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. III, p. 1424.

⁶⁵⁴ *Carta Militar de Portugal – Pombal (...)*. Anexo XI.

⁶⁵⁵ AN/TT, O.C./C.T., Livro 308, fls. 47v, 50v, 51v, 52.

⁶⁵⁶ *Carta Militar de Portugal – Pombal (...)*. Anexo XI.

⁶⁵⁷ AN/TT, O.C./C.T., Livro 308, fls. 39, 44v.

⁶⁵⁸ VASCONCELOS, Leite de – *op. cit.*, p. 397. MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. III, pp. 1428-1429.

⁶⁵⁹ *Carta Militar de Portugal – Pombal (...)*. Mapa III.

⁶⁶⁰ AN/TT, O.C./C.T., Livro 308, fl. 55.

⁶⁶¹ *Dicionário da Língua Portuguesa (...)*, vol. I, p. 999. MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. I, p. 456.

⁶⁶² AN/TT, O.C./C.T., Livro 308, fl. 45v.

⁶⁶³ *Carta Militar de Portugal – Pombal (...)*. Mapa III.

- *Vale do Freixial*⁶⁶⁴: aparente microtopónimo que parece não ter resistido à passagem do tempo. Da sua composição parece resultar a indicação da abundância de freixos no local em apreço.
- *Vale de Merdeiro*⁶⁶⁵: provável microtopónimo que a erosão dos tempos acabaria também por desvanecer. Aparentemente indicava um local onde ao tempo confluíam águas residuais.
- *Vale das Mós*⁶⁶⁶: também este microtopónimo já não ocorre nos nossos dias. Da sua composição parece resultar a possibilidade de querer apontar um local onde existiriam moinhos.
- *Vale de Paio*⁶⁶⁷: topónimo que ainda subsiste nas imediações de Verigo⁶⁶⁸, sem que seja claro o seu significado ou a causa da sua atribuição.
- *Vale do Regato*⁶⁶⁹: na documentação consultada é possível ainda referenciar o topónimo *Regato* nas imediações de Pombal, o qual deriva do substantivo masculino⁶⁷⁰. A proximidade de um curso de água poderá estar na base da sua designação⁶⁷¹.
- *Vale de São Pedro*⁶⁷²: aparente microtopónimo actualmente desaparecido. Uma vez que, como referimos anteriormente, os visitantes apontam a existência de um templo da invocação de São Pedro, parece resultar lícita a hipótese de íntima conotação entre ambos os elementos.
- *Vermoil*⁶⁷³: variante de «*Vermoim*» que, por sua vez, tem origem no étimo latino *Vermudini* (*villa*), genitivo do antropónimo *Vermudinus*⁶⁷⁴. A povoação constitui-se como sede de uma das freguesias do concelho de Pombal⁶⁷⁵.

⁶⁶⁴ AN/TT, O.C./C.T., Livro 308, fl. 54v.

⁶⁶⁵ AN/TT, O.C./C.T., Livro 308, fl. 45v.

⁶⁶⁶ *Idem*, fl. 52v.

⁶⁶⁷ *Idem*, fl. 54v.

⁶⁶⁸ *Carta Militar de Portugal – Redinha (...)*.

⁶⁶⁹ AN/TT, O.C./C.T., Livro 308, fl. 38.

⁶⁷⁰ MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. III, p. 1250.

⁶⁷¹ *Carta Militar de Portugal – Pombal (...)*. Mapa III.

⁶⁷² AN/TT, O.C./C.T., Livro 308, fl. 54v.

⁶⁷³ *Idem*, fl. 45.

⁶⁷⁴ VASCONCELOS, Leite de – *Antroponímia (...)*, pp. 51, 451. MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. III, p. 1469.

⁶⁷⁵ *Carta Militar de Portugal – Pombal (...)*. Anexo X.

- *Vila Cã*⁶⁷⁶: o onomato «cã» é feminino do antigo termo latino *canus*, que significa *branco*⁶⁷⁷. Também este povoado subsistiu até aos nossos dias e é sede de outra freguesia pombalense⁶⁷⁸.
- *Vila Galega*⁶⁷⁹: topónimo cuja origem precisa não nos foi possível determinar, mas que se situa nas imediações de São Simão de Litém⁶⁸⁰.

4.2 A hidrografia da região de Pombal

Da leitura dos tombos de Redinha e Pombal, resultou clara a existência de diversos cursos aquíferos e outras referências conexas à existência de água e à sua utilização que certamente influenciaram de forma decisiva o quotidiano dos vizinhos e moradores da região.

As cartas militares da região permitem descortinar que se mantém ainda na actualidade uma significativa rede hidrográfica, com vários rios a receberem no seu leito as águas de diversos outros ribeiros que se constituem como seus afluentes.

- *Agulha*⁶⁸¹: ribeira que se localizava junto da vila de Redinha e que não nos foi possível localizar.
- *Anços*⁶⁸²: o rio nasce numa fonte localizada na povoação homónima, facto que – cremos –, deu origem à sua própria designação⁶⁸³, bem como de uma Ribeira⁶⁸⁴, a qual não nos foi possível localizar.
- *Assamassa*⁶⁸⁵: designação por que eram conhecidos um rio e uma ribeira que não conseguimos referenciar actualmente, pelo que se pode colocar a hipótese de terem sido rebaptizados.
- *Avelar*⁶⁸⁶: o tombo alude ao ribeiro de Avelar, o qual ainda é referenciado nos nossos dias⁶⁸⁷.

⁶⁷⁶ AN/TT, O.C./C.T., Livro 308, fls. 50v, 59v.

⁶⁷⁷ MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. III, p. 1476.

⁶⁷⁸ *Carta Militar de Portugal – Pombal (...)*. Anexo XI.

⁶⁷⁹ AN/TT, O.C./C.T., Livro 308, fl. 61v.

⁶⁸⁰ *Carta Militar de Portugal – Santiago de Litém (...)*. Anexo IX.

⁶⁸¹ AN/TT, O.C./C.T., Livro 308, fl. 136v.

⁶⁸² *Idem*, fls. 61v, 141v.

⁶⁸³ *Carta Militar de Portugal – Redinha (...)*.

⁶⁸⁴ AN/TT, O.C./C.T., Livro 308, fl. 137v.

⁶⁸⁵ *Idem*, fls. 36, 37v, 48.

⁶⁸⁶ *Idem*, fl. 57.

⁶⁸⁷ *Carta Militar de Portugal – Santiago de Litém (...)*.

- *Cabrunças*⁶⁸⁸: também esta designação nos surge como nome de uma ribeira e de um rio, com este curso de água a surgir ainda referenciado recentemente⁶⁸⁹. O onomato *Cabrunças* deriva do substantivo feminino «cabra» e correspondeu a topónimo entretanto desaparecido⁶⁹⁰.
- *Cardal*⁶⁹¹: era nome de rio que, aparentemente, se desvaneceu com ao curso do tempo e já não existe, ao menos com esta designação.
- *Carapinhãl*⁶⁹²: nome atribuído a uma ribeira ao tempo da visitaçāo, o qual também não chegou aos nossos dias.
- *Carnide*⁶⁹³: ribeira que se situava já no termo de Montemor-o-Velho e que ainda subsiste actualmente⁶⁹⁴.
- *Carvalhal*⁶⁹⁵: curso de água que não chegou aos nossos dias, ao menos com esta designação. Nas imediações da localidade de Carvalhais referenciámos a ribeira do mesmo nome sem que, no entanto, pareça existir uma real ligação entre esta e aquela⁶⁹⁶.
- *Çimeiria*⁶⁹⁷: nome por que era designado um ribeiro que já não é referenciável na actualidade, sem que nos tenha sido possível apurar a origem do onomato.
- *Cortes*⁶⁹⁸: ribeiro para cuja designação não localizámos explicação satisfatória, mas que chegou aos nossos dias com a designação original⁶⁹⁹.
- *Degolaço*⁷⁰⁰: ribeiro que assumiu a designação do topónimo e que se manteve até à actualidade⁷⁰¹.

⁶⁸⁸ AN/TT, O.C./C.T., Livro 308, fls. 137v, 38v, 42, 42v, 43, 43v, 45, 54, 58, 61v, 64.

⁶⁸⁹ *Carta Militar de Portugal – Pombal (...)*.

⁶⁹⁰ MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. I, p. 303. O rio ainda surge referenciado na *Carta Militar de Portugal – Pombal (...)*.

⁶⁹¹ AN/TT, O.C./C.T., Livro 308, fl. 43v.

⁶⁹² *Idem*, fl. 60.

⁶⁹³ *Idem*, fl. 58.

⁶⁹⁴ Informação disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_cursos_de_%C3%A1gua_do_Distrito_de_Leiria com base em dados disponibilizados pelo Instituto Geográfico do Exército Português (consultado em 05jul18).

⁶⁹⁵ AN/TT, O.C./C.T., Livro 308, fl. 47v.

⁶⁹⁶ *Carta Militar de Portugal – Pombal (...)*.

⁶⁹⁷ AN/TT, O.C./C.T., Livro 308, fl. 53v.

⁶⁹⁸ *Idem*, fl. 48v.

⁶⁹⁹ Informação disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_cursos_de_%C3%A1gua_do_Distrito_de_Leiria com base em dados disponibilizados pelo Instituto Geográfico do Exército Português (consultado em 05jul18).

⁷⁰⁰ AN/TT, O.C./C.T., Livro 308, fl. 43.

⁷⁰¹ *Carta Militar de Portugal – Pombal (...)*.

- *Escoural*⁷⁰²: embora o topónimo tenha chegado aos nossos dias, não nos foi possível aferir da existência do ribeiro mencionado pelos visitantes.
- *Escourelas*⁷⁰³: a exemplo do caso anterior, também este ribeiro se terá desvanecido ou recebido nova designação.
- *Fonte da Moura*⁷⁰⁴: nova situação de curso de água que não chegou à actualidade e para cuja designação – que, de resto, também é atribuída a uma fonte –, não nos foi possível encontrar explicação convincente.
- *Garriapa*⁷⁰⁵: a expressão que é empregue pelos visitantes é ‘*ribeiro que vem da Barreapa*’. O ribeiro da Garriapa ainda subsiste e a hipótese que se nos afigura como mais provável é de que a sua designação se prende com a proximidade do povoado homónimo⁷⁰⁶.
- *Grande*⁷⁰⁷: designação por que era conhecido um curso de água de que não nos são fornecidos outros dados e que não terá chegado aos nossos dias.
- *Lágea*⁷⁰⁸: onomato de origem obscura⁷⁰⁹ e que dava nome a um ribeiro que também se terá desvanecido.
- *Lavaqueira*⁷¹⁰: onomato que designava um ribeiro alegadamente sito na zona de Santiago de Litém, o qual não nos foi possível localizar, assim como também não foi encontrada explicação para o seu significado.
- *Litém*⁷¹¹: nome porque eram conhecidos ao tempo da visita uma ribeira e um rio que não chegaram aos nossos dias, embora a onomato subsista nos topónimos Santiago de Litém e de São Simão de Litém, onde se verifica a passagem do rio Arunca⁷¹². Nesse sentido, parece-nos plausível a hipótese de ter ocorrido alteração da designação dada ao rio.
- *Merdeiro*⁷¹³: estamos em crer que esta designação – a exemplo do que já referimos relativamente ao vale homónimo – se prende com a existência de uma zona de águas residuais.

⁷⁰² AN/TT, O.C./C.T., Livro 308, fl. 45v.

⁷⁰³ *Idem*, fl. 44.

⁷⁰⁴ *Idem*, fls. 37, 44v.

⁷⁰⁵ *Idem*, fl. 51.

⁷⁰⁶ *Carta Militar de Portugal – Pombal (...)*.

⁷⁰⁷ AN/TT, O.C./C.T., Livro 308, fl. 36.

⁷⁰⁸ *Idem*, fl. 55v.

⁷⁰⁹ MACHADO, José Pedro – *op. cit.*, vol. II, p. 848.

⁷¹⁰ AN/TT, O.C./C.T., Livro 308, fl. 53v.

⁷¹¹ *Idem*, fls. 53v, 56v, 57, 61v.

⁷¹² *Carta Militar de Portugal – Santiago de Litém (...)*.

⁷¹³ AN/TT, O.C./C.T., Livro 308, fls. 139, 45v.

- *Maçoeira*⁷¹⁴: a existência do topónimo e de um curso de água nas imediações pode tornar legítima a possibilidade de estarmos perante o ribeiro em causa que assumiu a designação da povoação vizinha⁷¹⁵.
- *Orão*⁷¹⁶: aos nossos dias chegaram a ribeira de Orão e a fonte do mesmo nome⁷¹⁷.
- *Pombal*⁷¹⁸: já não é possível localizar na actualidade a ribeira assim designada. Aliás, parece resultar da própria descrição do escrivão que os visitantes pretendiam referir-se a uma zona ribeirinha da vila e não a um curso de água específico.
- *Ponte*⁷¹⁹: a indicação fornecida pelo tombo situa este ribeiro nas imediações de Ponte de Assamassa, onde ainda é possível referenciar a existência de alguns cursos de água sem que, no entanto, tenha permanecido a designação inserta no documento.
- *Quente*⁷²⁰: designação atribuída a um ribeiro que se terá desvanecido nas brumas do tempo ou que, em alternativa, terá sido rebaptizado.
- *Tinto*⁷²¹: embora não nos tenha sido possível precisar a sua localização, encontrámos referências aos topónimos *Tinto* e *Tinto de Baixo*⁷²², locais em cujas imediações referenciámos a existência de cursos de água, pelo que somos levados a crer que um deles possa corresponder ao ribeiro assim designado.
- *Travasso*⁷²³: ribeiro que chegou aos nossos dias e cujo curso percorre uma área vizinha à povoação homónima, de que terá herdado a sua designação.

A lista ora elencada de cursos de água proporcionava decerto os necessários recursos hídricos para a indispensável irrigação das culturas, para cuja actividade açudes⁷²⁴ e azenhas⁷²⁵ desempenhavam um papel primordial.

⁷¹⁴ *Idem*, fl. 51.

⁷¹⁵ *Carta Militar de Portugal – Pombal* (...). Informação disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_cursos_de_%C3%A1gua_do_Distrito_de_Leiria com base em dados disponibilizados pelo Instituto Geográfico do Exército Português (consultado em 05jul18), dá-nos conta da existência da ribeira de Maceira. Tratar-se-á do mesmo curso de água?

⁷¹⁶ AN/TT, O.C./C.T., Livro 308, fls. 137, 138.

⁷¹⁷ *Carta Militar de Portugal – Redinha* (...).

⁷¹⁸ AN/TT, O.C./C.T., Livro 308, fls. 137, 138.

⁷¹⁹ *Idem*, fl. 57v.

⁷²⁰ *Idem*, fls. 37, 43v, 44, 54v.

⁷²¹ *Idem*, fls. 55, 61v.

⁷²² *Carta Militar de Portugal – Redinha* (...). Anexo VII.

⁷²³ AN/TT, O.C./C.T., Livro 308, fl. 58.

⁷²⁴ *Idem*, fls. 42, 43v, 64.

⁷²⁵ *Idem*, fls. 50v, 51v e nota 30 apensa a este fólio.

Além disso, os visitantes enumeram um conjunto de diversos portos de que passamos a dar nota: ‘porto dos freires’⁷²⁶, ‘porto de João Lobo’⁷²⁷, ‘porto da Bouça’⁷²⁸, ‘porto dos arneiros’⁷²⁹, ‘porto das uvas’⁷³⁰, ‘porto do carro’⁷³¹, ‘porto dos oleiros’⁷³², ‘porto da sobreira’⁷³³, ‘porto da rombã’⁷³⁴, ‘porto do silval’⁷³⁵, ‘porto dos moleiros’⁷³⁶, ‘porto da lameira do calvo’⁷³⁷, ‘porto das ribas’⁷³⁸ e ‘porto do vale de arneiro’⁷³⁹. As diversas referências a estes locais, se nos dão conta da navegabilidade de muitos dos cursos de água referidos, são também nota indubitável da consequente e real possibilidade da existência de uma alternativa ao transporte por via terrestre de mercadorias diversas.

Enfim, as fontes da moura⁷⁴⁰ e do loureiro⁷⁴¹ eram seguramente locais onde os passantes se poderiam dessedentar e quiçá dar também de beber aos seus animais.

⁷²⁶ *Idem*, fl. 138.

⁷²⁷ *Idem*.

⁷²⁸ *Ibidem*.

⁷²⁹ *Ibidem*.

⁷³⁰ *Idem*, fl. 141v.

⁷³¹ *Idem*, fls. 38v, 50v.

⁷³² *Idem*, fl. 44v.

⁷³³ *Idem*, fl. 45.

⁷³⁴ *Idem*, fls. 46, 50.

⁷³⁵ *Idem*.

⁷³⁶ *Idem*, fl. 47v.

⁷³⁷ *Idem*, fl. 48v.

⁷³⁸ *Idem*.

⁷³⁹ *Idem*, fl. 52.

⁷⁴⁰ *Idem*, fl. 44.

⁷⁴¹ *Idem*, fl. 50v.

Conclusão

O estudo toponímico e antroponímico que nos propusemos tornou-se possível pela realização das visitas da Ordem de Cristo no ano de 1508, ordenadas na sequência do Capítulo Geral realizado em 1503.

Com a subida ao trono de D. Manuel I, o monarca viria a associar o governo da milícia à coroa e pretendia assegurar-se que os diversos comendadores cumpriam com as suas obrigações e rentabilizavam o património que lhes fora confiado em comenda.

Apesar do seu cariz burocrático, os tombos das comendas constituíram-se, por excelência, um retrato da sociedade coeva. Como seria de esperar, ali podemos encontrar dados tão diversos como, por exemplo, a enumeração dos múltiplos edifícios e seu estado de conservação – com boa parte deles a necessitar de obras de beneficiação –, os diferentes tipos de propriedade e com a indicação da sua delimitação e localização ou os nomes dos proprietários, mesteiros, foreiros e os réditos devidos. Apesar de algumas lacunas registadas, os dados assim coligidos permitiram-nos estabelecer um quadro perfeitamente delimitado no espaço e no tempo que se constituiu em objecto do nosso estudo.

Ao nível da antroponímia, quer masculina, quer feminina, foi possível perceber a esmagadora influência da matriz cultural cristã, com a absoluta predominância de múltiplos hagiónimos de origem maioritariamente latina. No entanto, como foi possível verificar ao longo do nosso estudo, encontrámos também influências germânicas e gregas, antroponimos fruto da influência de romances cavaleirescos e ainda nomes com ressonâncias árabes e mesmo celtas.

Se bem que predominem os casos de indivíduos nomeados com recurso a um nome próprio e um patronímico, surgiram-nos sucessivos casos de homonímia que, não raro, foram resolvidos com recurso a adjunções tópicas, nomeadamente com lugar à indicação do locais de residência ou de naturalidade dos visados. Também o mester exercido, o parentesco com outro indivíduo ou, como verificámos em diversas situações, a utilização de apodos ou alcunhas constituíam-se nos necessários elementos diferenciadores entre indivíduos. Embora muitas mulheres ainda não sejam nomeadas, com a sua individualização a ser feita com recurso à indicação do nome do cônjuge, não podemos

deixar de assinalar um conjunto algo representativo de indivíduos que, não só mereceram menção pelo seu nome próprio e apelido ou patronímico, como foi possível constatar que algumas delas são apontadas pelo seu estatuto de foreiras ou proprietárias, sinal dos tempos de mudança que decerto se verificavam no quadro sociológico coevo.

De igual modo, no caso da toponímia, são também diversificadas as influências que encontrámos. Por um lado, mantiveram-se as repercussões das influências latina, árabe e germânica na atribuição dos diferentes topónimos. No entanto, como seria expectável, pudemos também perceber a elevada importância que a configuração geográfica – nomeadamente ao nível da orografia do território –, acabou por exercer neste campo. Enfim, constatámos a importância que a rede hidrográfica desempenhava no contexto da sociedade de então, com a navegabilidade dos diversos cursos aquíferos a desempenharem um papel relevante na economia de então, de resto, como vimos ao longo do nosso estudo, com reflexos não despiciendo na toponímia.

No final desta etapa do nosso percurso, julgamos ter podido contribuir para um maior e melhor conhecimento da realidade toponímica e antroponímica das regiões de Redinha e Pombal nos alvares de Quinhentos que, esperamos, possa ser consequente, nomeadamente ao nível da atracção de novos interessados nesta área de estudos com tanto campo para trabalhar.

Fontes e Bibliografia

Fontes manuscritas

Arquivos Nacionais / Torre do Tombo

Cartas de Armas 1509/1825, CA/2/11

Chancelaria de D. Afonso V, Livro 2, fl. 90.

Chancelaria de D. João II, Livro 23, fl. 36.

Chancelaria de D. Manuel I, Livros 1, 2, 3, 4, 5 e 6.

Corpo Cronológico, Parte I, mç. 9, n.º 73.

Gavetas, Gav. 7, mç. 11, n.º 5.

Ordem de Cristo, Convento de Tomar, Livro 308.

Fontes impressas

Carta Militar de Portugal – Pombal, folha 274. Lisboa, Instituto Geográfico do Exército, 2003. ISBN 972-765-168-2.

Carta Militar de Portugal – Redinha (Pombal), folha 262. Lisboa: Instituto Geográfico do Exército, 2003. ISBN 972-765-165-9.

Carta Militar de Portugal – Santiago de Litém (Pombal), folha 286. Lisboa: Instituto Geográfico do Exército, 2016. ISBN 972-790-278-2.

Tombos da Ordem de Cristo. Comendas do Vale do Mondego (1508), GONÇALVES, Iria, dir. Lisboa – Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa, 2006, 316 p.

Dicionários

ALVES, Adalberto – *Dicionário de Arabismos da Língua Portuguesa.* Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2013, 961 p. ISBN 978-972-27-2163-9.

BLUTEAU, Raphael – *Diccionario da lingua portugueza*, 2 volumes. Lisboa: Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789.

Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea, 2 volumes. Lisboa: Editorial Verbo, 2001. ISBN 972-22-2046-2.

FIGUEIREDO, Cândido de – *Novo Diccionario da Língua Portuguesa*. Lisboa: Livraria Clássica, 1913, 2151 p.

MACHADO, José Pedro – *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, 5 volumes. Lisboa: Livros Horizonte, 1995. 7ª Edição. ISBN 972-24-0780-5.

MACHADO, José Pedro – *Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte, 2003. 3 volumes. ISBN 972-24-0842-9.

MACHADO, José Pedro, coord. – *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, 12 volumes. Lisboa: Amigos do Livro Editores, 1981.

NASCENTES, Antenor – *Dicionário Etimológico da Língua Portuguêsa*, I Tomo. Rio de Janeiro: Livraria Académica, Livraria Francisco Alves, Livraria São José, Livros de Portugal, 1955, 534 p.

VITERBO, Fr. Joaquim de Santa Rosa de – *Elucidario das palavras termos e frases que em Portugal antigamente se usaram e que hoje regularmente se ignoram: obra indispensavel para entender sem erro os documentos mais raros e preciosos que entre nós se conservam*, 2 volumes. Lisboa: Editor A. J. Fernandes Lopes, 1865. 2ª Edição.

Estudos

BARROCA, Mário – Os castelos dos Templários em Portugal e a organização da defesa do Reino no séc. XII. *Portugalia*, Nova Série, 1996/1997. Vols. XVII-XVIII, pp. 213-227.

BARROCA, Mário – A Ordem do Templo e a arquitectura militar portuguesa no século XII. *Portugalia*, Nova Série, vols. XVII-XVIII, pp. 171-209. Porto: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

BARROS, Henrique da Gama – *Historia da Administração Publica em Portugal nos seculos XII a XV*, Tomo IV. Lisboa: Typographia Castro Irmão, 1922, 515 pp.

CARDOSO, Pe. Luís – *Diccionario Geografico ou Noticia Historica de todas as Cidades, Villas, lugares e Aldeas, Rios, Ribeiras, e Serras dos Reynos de Portugal, e*

Algarve, com todas as cousas raras, que neles se encontram, assim antigas, como modernas, Tomos I e II. Lisboa: Regia Officina Sylviana e da Academia Real, 1747.

CASTRO, Ivo – A investigação antroponímica em Portugal. In *Actes du 1^{er} Colloque du Dictionnaire Historique des Noms de Famille Romans* (Trèves, 1987), Tübingen, Max Niemeyer, 1990, pp. 10-13.

CASTRO, Ivo – O nome dos portugueses. Texto inédito de conferência no colóquio comemorativo dos 25 anos do Centro de Linguística da Universidade do Porto, 2001, 16 p. Recuperado em 07 de Abril de 2018 de http://www.clul.ulisboa.pt/files/ivo_castro/2001_Nome_dos_Portugueses.pdf.

COELHO, P. M. Laranjo – As Ordens de Cavalaria no Alto Alentejo. *O Archeologo português*, I Série, vol. XXVI, pp. 186-248. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1924.

COELHO, Maria Helena da Cruz – *O Baixo Mondego nos finais da Idade Média*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1989, 727 p.

COELHO, Maria Helena da Cruz; HOMEM, Armando Luís de Carvalho, coord. *Portugal em definição de fronteiras – do Condado Portucalense à crise do Século XIV (1096-1325)*. Lisboa: Editorial Presença, 1996, 555 p. ISBN 972-23-2039-4.

CONDE, Manuel Sílvio Alves – *Tomar Medieval. O espaço e os homens*. Cascais: *Patrimonia Historica*, 1996, 329 p. ISBN 972-744-013-4.

CONDE, Manuel Sílvio Alves – *Uma paisagem humanizada. O Médio Tejo nos finais da Idade Média*, vol. I, 694 p. Cascais: *Patrimonia Historica*, 2000. ISBN 972-744-043-6.

COSTA, Pe. António Carvalho da – *Corografia portuguesa e descripçam topografica do famoso Reyno de Portugal, com as noticias das fundações das cidades, villas, & lugares, que contem; varões illustres, genealogias das familias nobres, fundações de conventos, catalogos dos Bispos, antiguidades, maravilhas da natureza, edificios, & outras curiosas observaçoens*, 3 volumes. Lisboa: Officina de Valentim da Costa Deslandes, 1706-1712.

COSTA, Fr. Bernardo da – *História da Militar Ordem de Nosso Senhor Jesus Christo*. Coimbra: Oficina de Pedro Ginioux, 1771, 314 p.

COSTA, João Paulo Oliveira e – *D. Manuel I - 1469-1521: um príncipe do Renascimento*. Casais de Mem Martins: Círculo de Leitores, 2005, 333 p. ISBN 972-42-3440-1.

DIAS, João José Alves – *Gentes e Espaços: em torno da população portuguesa na primeira metade do século XVI*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian / Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 1996, 619 p. ISBN 972-31-0710-4.

DIAS, Pedro – *Visitações da Ordem de Cristo de 1507 a 1510. Aspectos artísticos*. Coimbra: Instituto de História da Arte, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1979, 212 p.

FERNANDES, Maria Cristina Ribeiro de Sousa – *A Ordem do Templo em Portugal (das origens à extinção)*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2009, 354 p. Tese de Doutoramento no âmbito do Curso Integrado de estudos Pós-graduados em História Medieval e do Renascimento, policopiada.

FERREIRA, Alexandre – *Suplemento historico ou memórias e noticias da célebre Ordem dos Templários. Para a História da admirável Ordem de Nosso Senhor Jesu Christo em Portugal*, 2 volumes. Lisboa: Oficina de Joseph Antonio da Silva, 1735.

FERRO, Maria José Pimenta – A Vigairaria de Tomar nos finais do século XV. *Do tempo e da História*, nº 4, 1971, pp. 139-151. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

FONSECA, Luís Adão da – Ordens Militares. In AZEVEDO, Carlos Moreira, dir. – *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, 3 volumes. Lisboa: Círculo de Leitores e Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, 2000. 1ª Edição, vol. III, 473 p. ISBN 972-42-2313-2. P. 334-345.

FREIRE, Anselmo Braancamp – Povoação da Estremadura no XVI. Seculo. *Archivo Historico Portuquez*, vol. VI, 1908, pp. 241-284.

FREIRE, Anselmo Braancamp – *Brasões da Sala de Sintra*, 3 volumes. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 1921. 2ª Edição.

GOMES, Saul António – A Extinção da Ordem do Templo em Portugal. *Revista de História da Sociedade e da Cultura*, nº 11, 2011, pp. 75-116. Coimbra: Centro de História da Sociedade e da Cultura da Universidade de Coimbra. ISSN 1645-2259.

GOMES, Saul António – D. Gualdim Pais (c. 1118/20-1195). *População e Sociedade*, nº 23, 2015, p. 11-23. Porto: Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade. ISSN 0873-1861-23.

GOMES, Saul António – *Pombal Medieval e Quinhentista. Documentos da sua História*. In Colecção *Estremadura, espaços e memórias*, II Série, nº 4. Batalha: Centro do Património da Estremadura, 2010, 266 p. ISBN 979-989-8158-79-6.

GONÇALVES, Iria – *Físicos e cirurgiões Quatrocentistas. As cartas de exame*. In *Do Tempo e da História*, vol. I (1965), pp. 69-112 [reed. EADEM, Iria, *Imagens do Mundo Medieval*. Lisboa: Livros Horizonte, 1988, pp. 9-52].

- GONÇALVES, Iria – Amostra de antroponímia alentejana do Séc. XV. *Do Tempo e da História*, vol. IV, 1971, pp. 173-212 [Reed. in EADEM Gonçalves, Iria – *Imagens do Mundo Medieval*. Lisboa: Livros Horizonte, 1988, pp. 69-104].
- GONÇALVES, Iria – Antroponímia das terras alcobacenses nos fins da Idade Média. *Do Tempo e da História*, vol. V, 1972, pp. 159-200 [Reed. in EADEM – *Imagens do Mundo Medieval*. Lisboa: Livros Horizonte, 1988, pp. 105-142].
- GONÇALVES, Iria – *Imagens do mundo medieval*. Lisboa: Livros Horizonte, 1988.
- GONÇALVES, Iria – Do uso do patronímico na Baixa Idade Média. In BARROCA, Mário, coord. – *Carlos Alberto Ferreira de Almeida: in memoriam*, vol. I, pp. 347-363. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1999.
- GONÇALVES, Iria – O Corpo e o Nome - o Nome e o Gesto. In BUESCU, Ana; MIRANDA, Isabel; MIRANDA, Maria Adelaide; SOUSA, João Silva de, coord. – *Actas do Encontro Científico 'O corpo e o gesto na civilização medieval'*. Lisboa: Edições Colibri/Instituto de Estudos Medievais da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2006, pp. 39-56. ISBN 972-772-608-9.
- GONÇALVES, Iria – Notas sobre a identificação social feminina nos finais da Idade Média. *Medievalista* [Em linha], nº 5, 2008. ISSN 1646-740X [disponível em <http://www2.fcsh.unl.pt/iem/medievalista/MEDIEVALISTA5/medievalista>].
- GONÇALVES, Iria – *Maria, Catarina e tantas outras. Ensaio de Antroponímia Medieval*. Lisboa: Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa, 2013, 231 p. ISBN 978-989-97689-0-1.
- GUIMARÃES, José Vieira – *A Ordem de Christo*. Lisboa: Empreza da História de Portugal, 1901.
- HERCULANO, Alexandre – *História de Portugal desde o começo da monarquia até ao fim do reinado de D. Afonso III*. Lisboa: Livraria Bertrand, 1983, 4 volumes.
- HERCULANO, Alexandre – *Leges et Consuetudines*. Vol. I, parte III. In *Portugaliae Monumenta Historica a saeculo octavo postchristum usque ad quitumdecimum*. Lisboa: Typis Academicis, 1863, 496 p.
- HOMEM, Maria Isabel Miguéns de Carvalho – *Antroponímia e Sociedade na Região do Médio Tejo Português*. Casal de Cambra: Edições Caleidoscópio, 2017, 335 p. ISBN 978-989-658-469-6.
- LACERDA, Teresa – *Os Capitães das Armadas da Índia no reinado de D. Manuel: uma análise social*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2006, policopiada.

- LEAL, A. Pinho – *Portugal Antigo e Moderno. Diccionario Geographico, Estatistico, Chorographico, Heraldico, Archeologico, Historico, Biographico e etymologico de todas as cidades, villas e freguezias de Portugal e de grande numero de aldeias*, 12 volumes. Lisboa: Livraria Editora de Mattos Moreira & Companhia, 1876.
- LOPES, David – Toponímia árabe em Portugal. *Revista Lusitana*, vol. 24, nºs 1-4, 1922, pp. 257-273.
- MARQUES, A. H. de Oliveira – *Introdução à História da Agricultura em Portugal*. Lisboa, Edições Cosmos, 1978. 3ª edição, 350 p.
- MATTOSO, José – 1096-1325. In MATTOSO, José, dir. *História de Portugal – A Monarquia Feudal*. Lisboa: Editorial Estampa, 1997. Vol. II, 467 p. Pp. 11-259. ISBN 972-33-1263-8.
- ‘*Monumenta Henricina*’. Coimbra: Comissão Executiva do V Centenário da morte do Infante Dom Henrique, 1960. Vol. I. 441 p.
- MONTEIRO, Nuno Gonçalo – Os nomes de família em Portugal: uma breve perspectiva histórica. *Etnográfica*, 2008, vol. 12 (1), pp. 45-58. ISSN 2182-2891. Recuperado em 05 de Julho de 2016 de http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0873-65612008000100003&lng=pt&tlng=pt.
- NUNES, José Joaquim – Os nomes de baptismo. Sua origem e significação. *Revista Lusitana*, vol. 31, 1933, pp. 5-79.
- PEREIRA, Esteves e RODRIGUES, Guilherme – *Portugal - Diccionario Historico, Chorographico, Biographico, Bibliographico, Heraldico, Numismatico e Artistico abrangendo a minuciosa descripção historica, e chorographica de todas as cidades, villas e outras povoações do continente do reino, ilhas e ultramar, monumentos e edificios mais notaveis, tanto antigos como modernos; biographias dos portuguezes illustres antigos e contemporaneos, celebres por qualquer titulo, notaveis pelas suas invenções ou descobertas; bibliographia antiga e moderna; indicação de todos os factos notaveis da historia portugueza, etc., etc.*, 7 volumes, Lisboa: João Romano Torres & C.ª Editores, 1912.
- PEREIRA, Isaías da Rosa – Visitas paroquiais nos séculos XIV, XV e XVI. *Lusitania Sacra*, 2ª Série, Tomo IV, 1992, pp. 311-344. ISBN 978-972-836-1037.
- PICOITO, Pedro – A trasladação de S. Vicente. Consenso e conflito na Lisboa do século XII. *Medievalista* [Em linha], nº 4, 2008. ISSN 1646-740X [disponível em <http://www2.fcsh.unl.pt/iem/medievalista/MEDIEVALISTA4/PDF4/picoito-PDF.pdf> (consultado em 18jul18)].

QUINTELLA, Ignacio da Costa – *Annaes da Marinha Portuguesa*, 2 volumes. Lisboa: Academia Real das Sciencias de Lisboa, 1839.

RIBEIRO, Orlando – *A formação de Portugal*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1ª Edição, 1987, 130 p.

RIBEIRO, Orlando – *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico. Estudo Geográfico*. Coimbra: Coimbra Editora, 1945, 245 p.

RODRIGUES, Ana Maria S. A. – Patrimónios, direitos e rendimentos eclesiásticos. In AZEVEDO, Carlos Alberto Moreira de, dir. – *História Religiosa de Portugal*, vol. I. Lisboa: Círculo de Leitores e Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, 2000, pp. 261-301. ISBN 972-42-2277-2.

SANTOS, Maria Leonor Ferraz de Oliveira Silva – A Onomástica, o indivíduo e o grupo. *Arquipélago*, 2ª série, vol. 7, 2003, pp. 229-242. ISSN 0871-7664. Recuperado em 04 de Julho de 2017 de <https://repositorio.uac.pt/handle/10400.3/389>.

SILVA, Isabel Morgado de S. e – *As Ordens Militares no Reinado de D. João I*. Porto: Fundação Engº António de Almeida, 1997, 299 p. ISSN 0874-003.

SILVA, Isabel Morgado de S. e – *A Ordem de Cristo (1417-1521)*. Porto: Fundação Engº António de Almeida, 2002, 503 p. ISSN 0874-003.

SOUSA, D. António Caetano de – *Historia Genealógica da Casa Real Portuguesa, desde a sua origem até o presente, com as Famílias illustres, que procedem dos Reys, e dos Serenissimos Duques de Bragança*, Tomo XII, Parte I, 783 p. Lisboa: Regia Officina Sylviana, 1747.

SOUSA, João Silva de – Equiparação e manutenção de privilégios em meados do século XV. *Arquipélago*, nº 4, 1982, pp. 245-288. Recuperado em 04 de Julho de 2017 de <https://repositorio.uac.pt/handle/10400.3/600>.

TESTOS, Jorge Veiga – *Sentenças Régias em tempo de Ordenações Afonsinas (1446-1512). Um Estudo de Diplomática Judicial*. Dissertação de Mestrado em Paleografia e Diplomática apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2011, policopiada [disponível em <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/6948>].

VASCONCELOS, António Maria Falcão Pestana de – *A Ordem Militar de Cristo na Baixa Idade Média: espiritualidade, normativa e prática*. Porto: Fundação Engº António de Almeida, 1998. 328 p. Pp. 10-92. ISSN: 0874-0003.

VASCONCELOS, António Maria Falcão Pestana de – *Nobreza e Ordens Militares - relações sociais e de poder (séculos XIV a XVI)*. Porto: Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade, 2012, 1020 p. ISBN 978-989-95922-6-1.

VASCONCELOS, José Leite de – Ensaios de Onomatologia Portuguesa. *Revista Lusitana*, vol. I, 1887-1889, pp. 45-53 e pp. 240-245.

VASCONCELOS, José Leite de – *Lições de philologia portuguesa dadas na Biblioteca Nacional de Lisboa*. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1911, 519 p.

VASCONCELOS, José Leite de – *Onomatologia*. In *Opúsculos*, vol. III. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1931, 690 p.

VASCONCELOS, José Leite de – *Antroponímia Portuguesa - Tratado comparativo da origem, significação, classificação, e vida do conjunto dos nomes próprios, sobrenomes, e apelidos, usados por nós desde a Idade-Média até hoje*. Lisboa: Arquimedes Livros, 2ª edição fac-similada, 2005, 659 p.

Fontes web

NOÉ, Paula – Paço dos comendadores de Redinha [disponível em <http://www.monumentos.pt/>]

NOÉ, Paula – Castelo de Pombal [disponível em <http://www.monumentos.pt/>]

<http://www.cm-soure.pt/>

<https://www.cm-leiria.pt/>

<https://www.snpcultura.org/>

<https://www.visitarportugal.pt/>

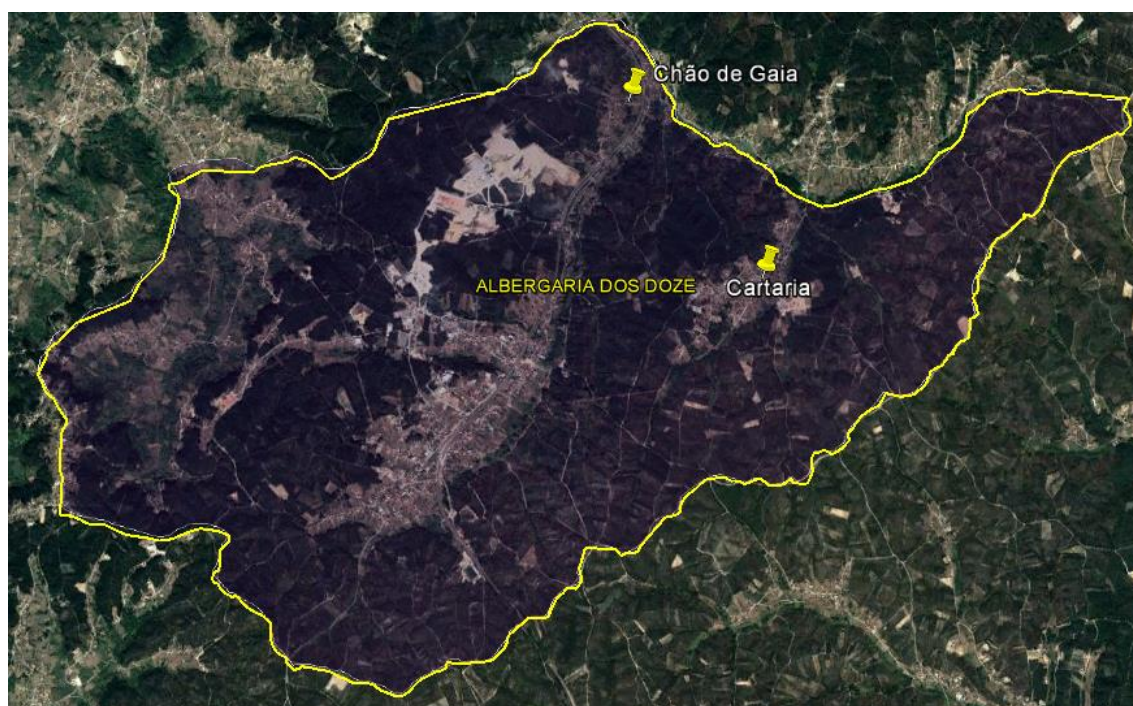
https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_cursos_de_%C3%A1gua_do_Distrito_de_Leiria

[os dados apresentados remetem para informação disponibilizada pelo Instituto Geográfico do Exército Português]

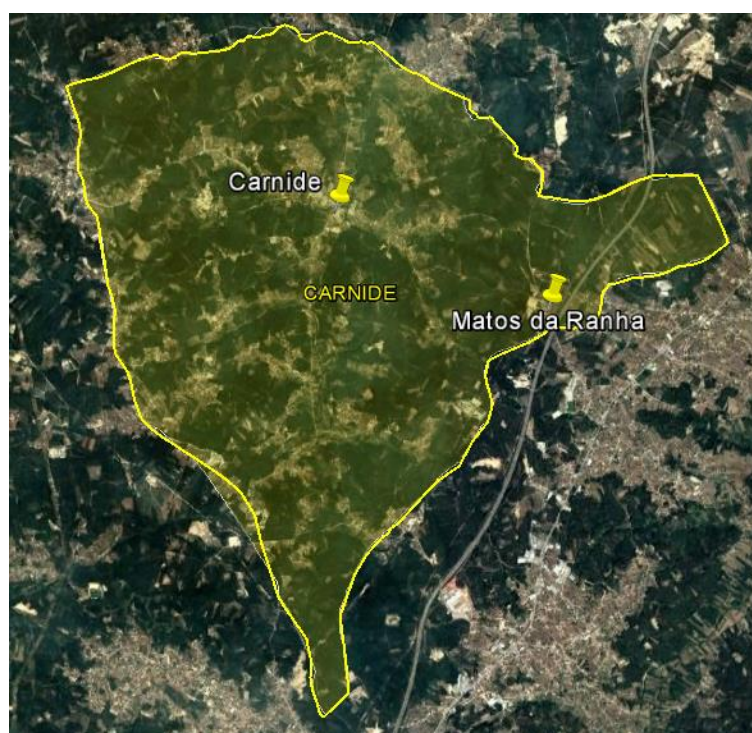
Anexo 1 – Abiul



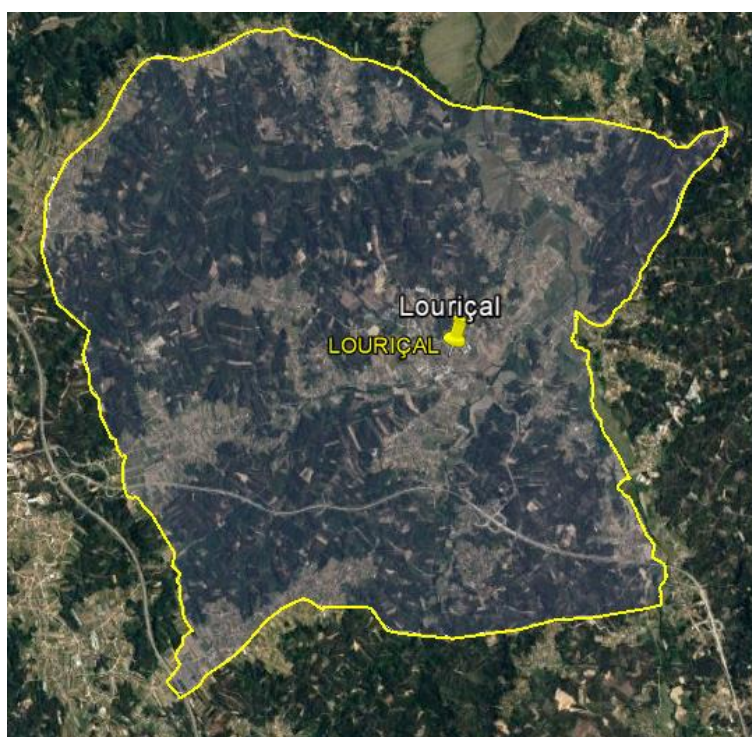
Anexo 2 – Albergaria dos Doze



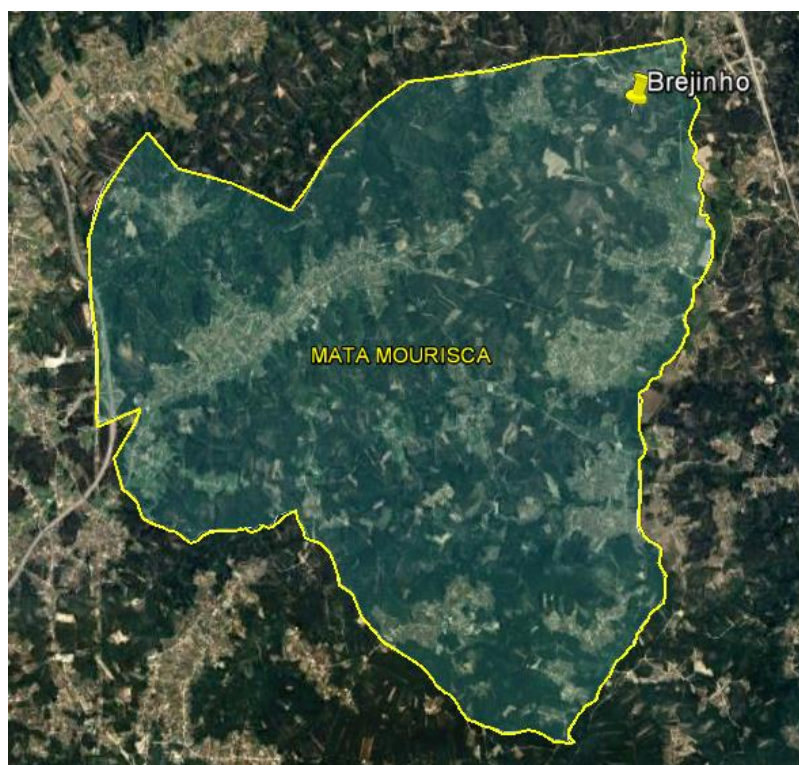
Anexo 3 – Carnide



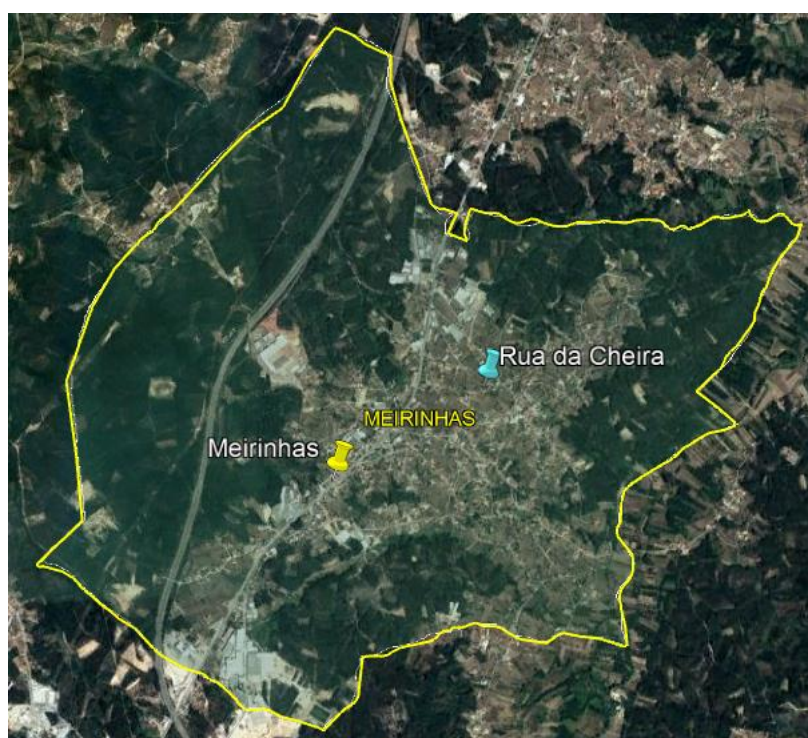
Anexo 4 – Louriçal



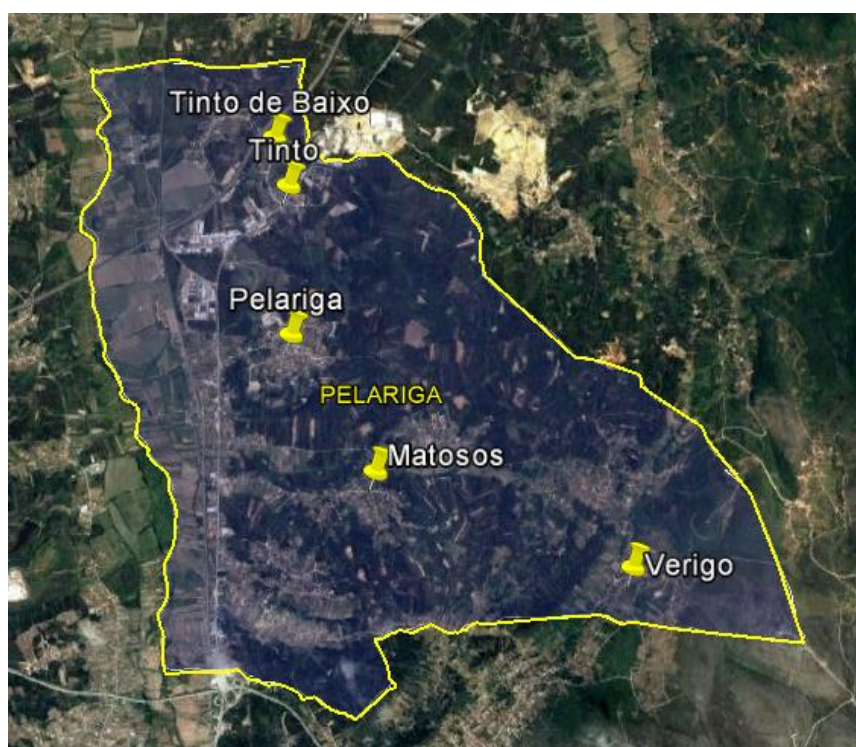
Anexo 5 – Mata Mourisca



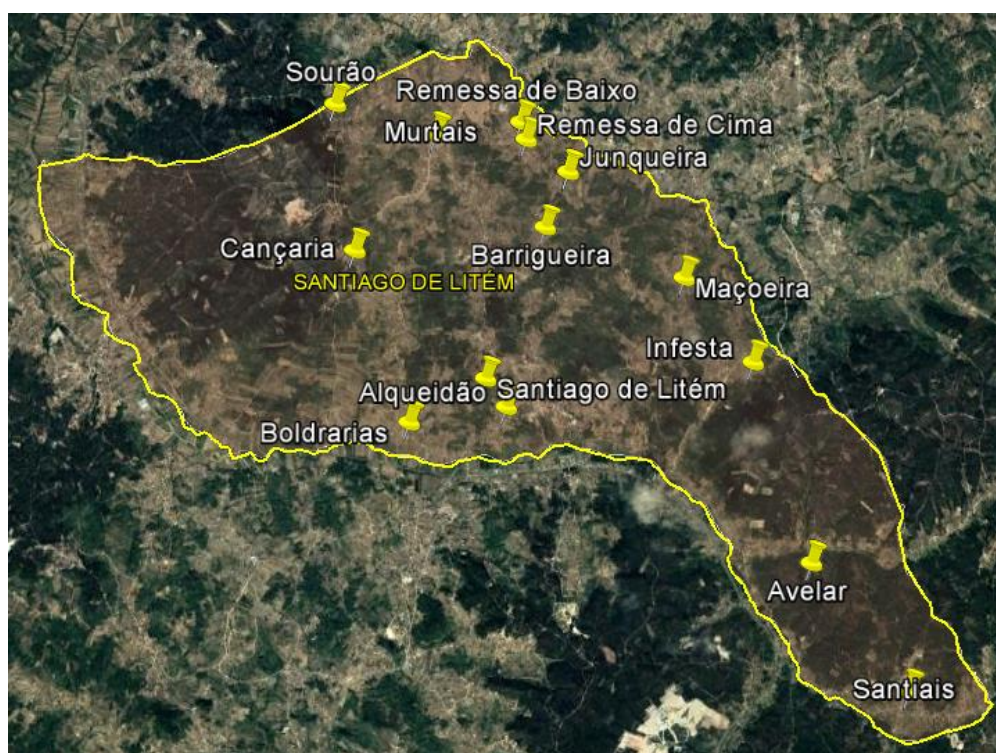
Anexo 6 – Meirinhas



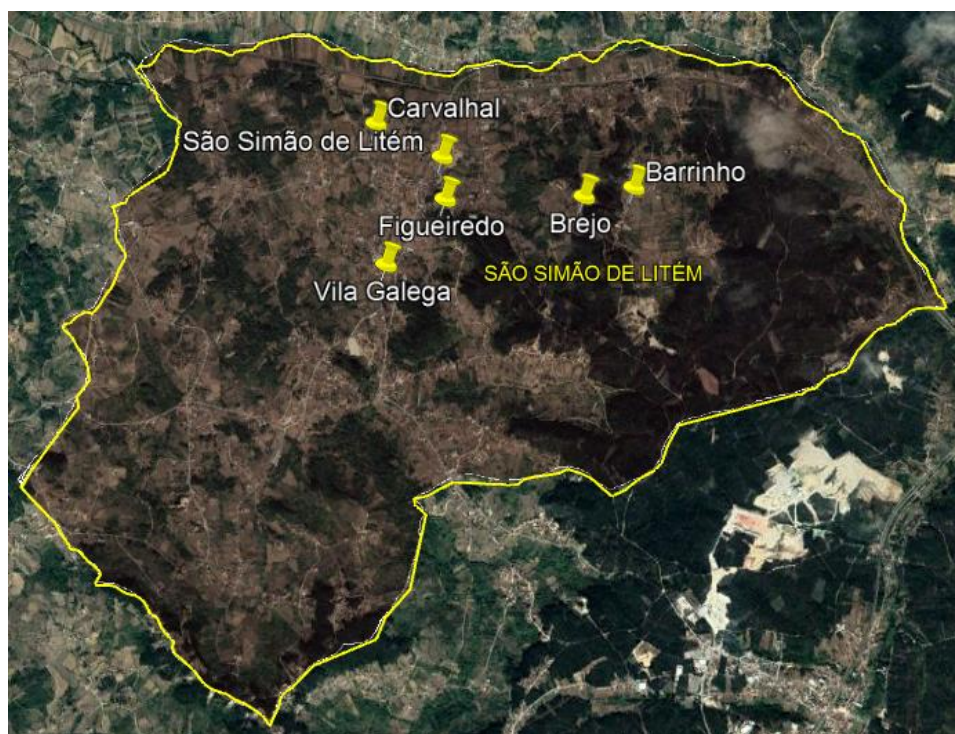
Anexo 7 – Pelariga



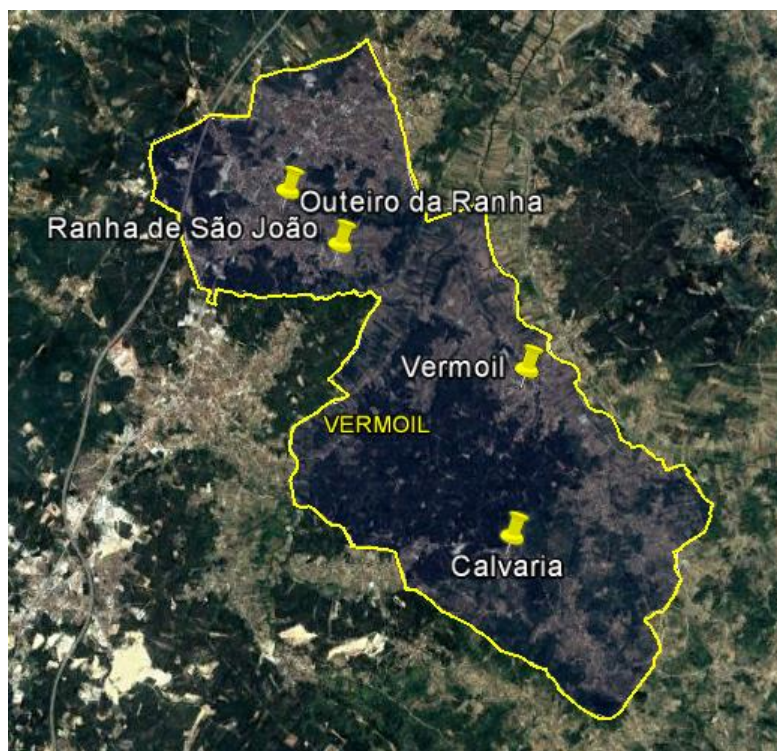
Anexo 8 – Santiago de Litém



Anexo 9 – São Simão de Litém



Anexo 10 – Vermoil



Anexo 11 – Vila Cã



Anexo 12 – Almagreira

